

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras

Renata Maria da Silva Barajas Lorenzo Colares

**UMA PROPOSTA DE LEITURA DE FORMAÇÕES DISCURSIVAS PRESENTES
NA PROPAGANDA ELEITORAL DE REGINALDO LOPES EM 2016**

Belo Horizonte
2020

Renata Maria da Silva Barajas Lorenzo Colares

**UMA PROPOSTA DE LEITURA DE FORMAÇÕES DISCURSIVAS PRESENTES
NA PROPAGANDA ELEITORAL DE REGINALDO LOPES EM 2016**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Daniella Lopes Dias
Ignácio Rodrigues

Belo Horizonte

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C683p Colares, Renata Maria da Silva Barajas Lorenzo
Uma proposta de leitura de formações discursivas presentes na propaganda eleitoral de Reginaldo Lopes em 2016 / Renata Maria da Silva Barajas Lorenzo Colares. Belo Horizonte, 2020.
137 f. : il.

Orientadora: Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Lopes, Reginaldo, 1973- Propaganda - Aspectos políticos - Belo Horizonte (MG). 2. Silva, Luíz Inácio Lula da, 1945-. 3. Análise do discurso. 4. Semiótica. 5. Comunicação na política. 6. Propaganda política. 7. Campanha eleitoral. 8. Mídia (Publicidade) - Aspectos políticos. I. Rodrigues, Daniella Lopes Dias Ignácio. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 800.855

Renata Maria da Silva Barajas Lorenzo Colares

**UMA PROPOSTA DE LEITURA DE FORMAÇÕES DISCURSIVAS PRESENTES
NA PROPAGANDA ELEITORAL DE REGINALDO LOPES EM 2016**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Profa. Dra. Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues (Orientadora)

Profa. Dra. Jane Quintiliano Guimarães Silva (Examinadora)

Prof. Dr. Conrado Moreira Mendes (Examinador)

Prof. Dr. Hugo Mari (Suplente)

Belo Horizonte, 31 de Março de 2020.

À memória da minha tia querida, Eliana Moreira da Silva, que sempre foi luz e amor em nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me permitiu viver este momento.

Aos meus familiares e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram com esta caminhada. São muitos, bem o sei, mas não posso, aqui, omitir alguns nomes que, diante das intempéries, me fizeram persistir na jornada: Maria Clara e Clayton, meus amores; Maria de Lourdes, minha mãe; minha “quase irmã” Maria Aparecida; Arlete, Eunice e Hélio, minhas tias e tio, Sr. Badú e Nádia Capanema, pelas palavras de incentivo; Eliziane Silva, Érika Dourado e Priscila Evangelista, companheiras das horas mais difíceis, bem como Helena e Helóisa, que ajudaram a manter-me de pé quando o cansaço me arrebatava.

À profa. Daniella Lopes, que me deu eixo e orientação, e ao prof. Hugo Mari pelo apoio, sempre.

Ao prof. Jorge Sündermann, pelo apoio e confiança.

Especialmente aos professores Teresinha Cruz Pires, Gustavo Guimarães e Renato Martins, que me fizeram sair da inércia e acreditar que seria possível.

*Nada do que foi será, de novo, do jeito que já foi um dia. Tudo passa, tudo sempre
passará... A vida [assim como o discurso] vem em ondas, como um mar,
num indo e vindo infinito.[...]
Lulu Santos / Nelson Motta*

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo identificar as Formações Discursivas materializadas no discurso da propaganda eleitoral de Reginaldo Lopes, candidato do Partido dos Trabalhadores à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, no ano de 2016. Foi analisado o discurso desse candidato, a partir da noção de posição do sujeito nas Formações Ideológicas e das interfaces possíveis com o interdiscurso. Em decorrência desse percurso foi apresentada uma proposta de leitura de sentidos, utilizando como base teórica as obras de Michel Pêcheux (1988, 1990, 1997, 1997a, 1997b, 1999, 2007), Foucault (2009, 2014), Althusser (1970), Eni Orlandi (2005, 2006, 2007, 2007a) e Gregolin (2004). O *corpus* é constituído por um exemplar do aludido programa, exibido em 21 de setembro de 2016, com duração de um minuto e vinte segundos. A aludida propaganda eleitoral apresenta Reginaldo Lopes inscrito no lugar social de candidato à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, no ano de 2016. Em termos de gênero discursivo, a propaganda em questão é construída como uma “carta aberta”, pois tratava-se de campanha de escopo municipal e utilizou-se dessa possibilidade para a defesa de Lula e do Estado Democrático de direito, tema este de abrangência nacional. Dessa carta, serão analisados excertos dos enunciados veiculados na legenda e as capturas de imagens que corroborarem para nossas leituras, tendo em vista a identificação das FDs que se materializam linguística e imagetivamente nessa narrativa. A partir desse estudo, será possível construir, também, paralelamente, o jogo de imagens e de vozes presentes no material coletado e analisado, esperando, com isso, demonstrar o caráter opaco do enunciado e as influências por ele sofridas.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Ideologia-discursos. Semiótica. Silva, Luiz Inácio Lula da. Comunicação na política. Propaganda eleitoral. Mídia-aspectos políticos.

ABSTRACT

This work aims to identify the Discursive Formations materialized in the speech of the electoral propaganda of Reginaldo Lopes, candidate of the Workers' Party to the Municipality of Belo Horizonte, in 2016. The speech of this candidate was analyzed, based on the notion of the subject's position in Ideological Formations and the possible interfaces with the interdiscourse, presenting a proposal for reading his senses, using as a theoretical basis the works of Michel Pêcheux (1988, 1990, 1997, 1997a, 1997b, 1999, 2007), Foucault (2009, 2014), Althusser (1970), Eni Orlandi (2005, 2006, 2007, 2007a) and Gregolin (2004). The corpus consists of a copy of the program, shown on September 21, 2016, lasting one minute and twenty seconds. The aforementioned electoral propaganda features Reginaldo Lopes registered in the social post of candidate for the Belo Horizonte City Hall, in 2016. In terms of discursive genre, the advertisement in question is constructed as an “open letter” with content different from what was expected, since it was a municipal campaign, and this possibility was used to defend Lula and the democratic rule of law, a topic that is national in scope. From this letter, excerpts from the text conveyed in the caption and the captures of images that corroborate for our readings will be analyzed, in order to identify the FDs that materialize linguistically and imagery in this narrative. From this study, it will be possible to build, in parallel, the game of images and voices present in the collected and analyzed material, hoping, with this, to demonstrate the opaque character of the enunciated and the influences suffered by it.

Keywords: Speech analysis. Ideology-speeches. Semiotics. Silva, Luiz Inácio Lula da. Communication in politics. Electoral advertising. Media-political aspects.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Lula discursando no ABC Paulista.....	39
Foto 2 - 1980, Lula fichado no DOPS.....	39
Foto 3 - Bancada do PT na Assembleia Nacional Constituinte 1987-1988	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Análise das matérias das principais manchetes	45
Grafico 2- PIB brasileiro anual de 2000 a 2018.....	81

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Captura de vídeo 23 - usaremos os mantras da hipocrisia	66
Imagem 2 - Captura de vídeo 24 - Dois patos se necessário.....	66
Imagem 3 - Captura de vídeo 25 - Façamos nossas escolhas.....	67
Imagem 4 - Captura de vídeo 29 – foi uma escolha nossa	69
Imagem 5 - Captura de vídeo 3 - Querem prender o que o Lula representa.....	72
Imagem 6 - Captura de vídeo 4 - Lula representa o pobre que virou patrão	73
Imagem 7 - Captura de vídeo 5 - o pobre que deixou de ser pobre	73
Imagem 8 - Captura de vídeo 5a - O pobre que deixou de ser pobre	74
Imagem 9 - Captura de vídeo 6 - mais que o filho do rico que estudou no exterior ..	75
Imagem 10 - Captura de vídeo 11 - Lula representa o país pobre que vinha deixando de ser pobre	80
Imagem 11 - Captura de vídeo 12 - que vinha deixando de ser analfabeto	81
Imagem 12 - Captura de vídeo 13 - que vinha deixando de ser racista	82
Imagem 13 - Captura de vídeo 14 - que vinha deixando de ser machista	82
Imagem 14 - Captura de vídeo 15 - que deixou de ser o país da seca e da fome	83
Imagem 15 - Captura de vídeo 27 - Se condenarem Lula e tudo que ele representa	85
Imagem 16 - Captura de vídeo 16 - Mas o mundo é assim.....	87
Imagem 17 - Captura de vídeo 16a - de tempos em tempos prendem um Lula	87
Imagem 18 - Captura de vídeo 17 - Às vezes até matam.	88
Imagem 19 - Captura de vídeo 20 - E nós brasileiros queremos prender esse nosso cara	90
Imagem 20 - Captura de vídeo 21 - Pra condenar o pobre que deu certo na vida....	90
Imagem 21 - Captura de vídeo 26 - Os juízes agora serão todos os brasileiros que gritarem ou que se calarem.....	92
Imagem 22 - Captura de vídeo 26a - Os juízes agora serão todos os brasileiros que gritarem ou que se calarem.....	92
Imagem 23 - Captura de vídeo 26b - Os juízes agora serão todos os brasileiros que gritarem ou que se calarem.....	93
Imagem 24 - Captura de vídeo 27 - Se condenarem Lula e tudo que ele representa	94
Imagem 25 - Captura de vídeo 28 - foi uma escolha nossa.	95

Imagem 26 - Captura de vídeo 28a - foi uma escolha nossa	96
Imagem 27 - Captura de vídeo 7 - Lula não estudou fora do país, mas todas as boas universidades	97
Imagem 28 - Captura de vídeo 7a - do mundo estudam e estudarão Lula para sempre	98
Imagem 29 - Captura de vídeo 8 - Lula já é história.....	98
Imagem 30 - Captura de vídeo 9 - O presidente do país mais poderoso do mundo .	99
Imagem 31 - Captura de vídeo 9a - disse a um torneiro mecânico “você é o cara”	100
Imagem 32 - Captura de vídeo 10 - Nos tempos de Lula o mundo olhava para o Brasil e dizia.....	101
Imagem 33 - Captura de vídeo 10a - e dizia “o Brasil é a bola da vez”	101
Imagem 34 - Captura de vídeo 18 - É, o mundo falava que Lula era esse cara	102
Imagem 35 - Captura de vídeo 19 – que estava mudando uma pequena parte do mundo	102
Imagem 36 - Captura de vídeo 22 - e que fez o país dos pobres deixar de ser pobre	103

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Pesquisas eleitorais ao pleito da PBH em 2016.....	111
Tabela 2- Resultado das eleições 2016 para a Prefeitura de Belo Horizonte	112

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAD/69	Análise Automática do Discurso (1969)
CIEP	Centro Integral de Educação Pública
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
FD	Formação Discursiva
FDNL	Formação Discursiva Neoliberal
FDSD	Formação Discursiva Social Democrata
FI	Formação Ideológica
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
FIL	Formação Ideológica Liberal
FIS	Formação Ideológica Socialista
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
MPF	Ministério Público Federal
ONU	Organização das Nações Unidas
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PC do B	Partido Comunista do Brasil
PIB	Produto Interno Bruto
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PRN	Partido da Reconstrução Nacional
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
STF	Supremo Tribunal Federal
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	29
2	METODOLOGIA	35
3	RELATO CRONOLÓGICO DA VIDA DE LULA E DA HISTÓRIA DO PT.....	37
4	O DISCURSO E AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS.....	49
5	AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS NA PROPAGANDA ELEITORAL.....	61
5.1	A posição do sujeito dentro das FD's	64
5.2	O que Lula representa na e pela Formação Discursiva Social Democrata - FDSD	70
5.3	A sugestão de conspiração e injustiça na FDSD	85
5.4	Lula no mundo pela FDSD.....	96
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
	REFERÊNCIAS.....	113
	ANEXO A - A Carta aos brasileiros.....	121
	ANEXO B - Leia íntegra da carta de Lula para acalmar o mercado financeiro	129
	ANEXO C - Legenda do vídeo	133
	ANEXO D - Legenda do vídeo com a descrição das fotos apresentadas	135

1 INTRODUÇÃO

Em minha família, sempre houve dois lados bem distintos: uma mãe amorosa, que sempre expressou seu amor através de atos concretos do dia a dia: uma roupa bem lavada e bem passada, cama arrumadinha com o capricho que a mulher humilde, trabalhadora, interiorana e recatada não podia deixar de ter; por outro lado, um pai desbravador, igualmente trabalhador, um *espanhol, baixinho e comunista*, como eu mesma costumava definir desde a infância, de mente aberta e aguerrida, ligado, através de seu rádio de ondas curtas, ao mundo e seus movimentos. Foi ele quem me serviu de parâmetro, de referência a respeito do que deveria ser ética na política. Aliás, eu pensava que uma pessoa assumidamente de esquerda seria naturalmente ética! Ledo engano... pois, nas palavras Pêcheux (1988, p.161), “a interpelação ideológica não se faz de maneira homogênea”, afinal, em todas as esferas, quer sejam políticas, religiosas ou de outra natureza qualquer, há pessoas de boa e de má índole, uma vez que a natureza e o pensamento humanos não são homogêneos.

Sendo assim, por influência ideológica do meu pai - que sempre se preocupou em trabalhar pela sobrevivência da família, que nunca se candidatou a nada e nunca participou de grupos articulados, mas também nunca se calou diante do que considerava injusto com o povo -, motivada pelas maravilhosas aulas de História da falecida Professora Helena Bini, na Escola Estadual Bernardo Monteiro, em Belo Horizonte, com quem aprendi conceitos básicos de cidadania e democracia, iniciei a trajetória militante, mais no campo do discurso do que de ações concretas.

Recordo-me que, em 1982, aos quase 12 anos de puro entusiasmo, ajudei meu pai, numa ação voluntária e isolada, a distribuir “santinhos” do Partido Comunista Brasileiro (PCB), ou melhor, do “Partidão”, como era chamado por aqueles que se identificavam com a proposta. Lembro-me mais ainda da expressão de desagravo com que um senhor de idade me olhou e torceu o meu punho quando lhe entreguei “aquele papelzinho”. Foi aí que comecei a sentir os efeitos que uma ideologia pode produzir.

Entre 1983 e 1984, aconteceu o movimento das Diretas Já! Pintamos a cara, fomos a *showmícios* e ficamos felizes em ouvir os discursos de líderes políticos, mestres na arte da retórica. A propósito, não posso deixar de abrir parênteses: hoje temos muitos políticos, mas líderes, poucos o são.

No segundo grau, diante de tão bons exemplos, ingressei no curso de Magistério, movida pela abnegação daqueles que me guiaram durante toda a vida. Um mundo ainda mais interessante se descortina aos meus olhos, nas obras de Paulo Freire e nas propostas de Darcy Ribeiro e Brizola, com a escola em tempo integral: o Centro Integral de Educação Pública (CIEP).

No início dos anos 1990, durante minha graduação, Administração na PUC Minas, Ulysses Guimarães, o Dr. Ulysses, como era conhecido o então político do antigo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), veio à Universidade acompanhado de muitos políticos mineiros e, na ocasião, quem então fez questão de estar presente? Meu pai. E, para não passar despercebido, no final do evento, quando foi aberto o microfone para perguntas, manifestou-se: embora tendo agradecido ao Dr. Ulysses pela presença deste ao evento, escarneceu aqueles que ali o acompanhavam. Disse poucas e boas àqueles que, do seu ponto de vista, deveriam ouvi-lo. Foi aplaudido de pé por quase 500 pessoas que se encontravam no Teatro do Prédio 30. Num primeiro momento, não sabia onde me esconder, pois julguei ser pouco educado tratar visitas assim; depois, senti-me orgulhosa, pois os colegas vieram saber sobre quem seria aquele cidadão que falava em um *portunhol* meio atrapalhado, mas muito assertivo.

Não demorou a chegar convite para participar do movimento estudantil, o que fiz de maneira apartidária, mas, ideologicamente, sempre do mesmo lado: à esquerda.

Logo, não é de se admirar que haja simpatia da minha parte quanto ao *corpus* escolhido, porém, em se tratando de trabalho acadêmico, a militante necessita conter-se, rumo ao discurso científico. De toda a forma, já me desculpo se algo me escapar, pois a escolha de meu *corpus* também se dá pela *afetação* que o discurso de Reginaldo Lopes causou em mim, uma vez que também me inscrevo na Formação Ideológica Socialista (FIS).

Todo o tempo que antecedeu as eleições municipais de 2016 foi um momento de muitos questionamentos éticos, que se acentuavam com a proximidade do pleito, em relação ao qual a disputa se acirrava em todas as mídias.

No âmbito nacional, simultaneamente, parecia não ser suficiente o esforço que as correntes contrárias faziam para articular outras candidaturas que conseguissem se contrapor à altura: Lula continuava liderando as pesquisas de intenção de voto à presidência, para 2018.

Sendo assim, buscando explicações e com boa dose de curiosidade, interessei-me pela área da Análise do Discurso, doravante denominada AD. Tendo em vista o exposto até aqui, é possível dizer que nossa escolha por esse objeto se justifica dessa forma. Digo *nossa*, a partir deste momento, em referência à acolhedora orientação da professora Dra. Daniella Lopes.

A Análise do Discurso surge, enquanto disciplina, entre as áreas da Linguística, História e Psicanálise, não se dedicando apenas ao estudo da língua, mas ao estudo da língua a partir do contexto sócio-histórico no qual está inserida, em que se pensa “o discurso como efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 1997a, p. 52). Afirma, ainda, Orlandi (1997) que “o discurso supõe um sistema significante” e supõe “a relação deste sistema com sua exterioridade já que sem história não há sentido, ou seja, é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique” (ORLANDI, 1997a, p. 53).

Entendemos ser o estudo que propomos uma demanda, uma necessidade do mundo moderno, pois, com o advento das redes sociais e com a disponibilidade dos mecanismos eletrônicos a qualquer hora e em qualquer lugar, bem como para qualquer classe social, muita informação se dissemina, servindo aos mais diversos objetivos, como a divulgação de ideologias, de partidos e de candidatos. Nesta era, tudo poderá ser usado e repercutido a favor daquele que fala ou contra este.

A dissertação que apresentamos neste momento se justifica, inclusive, para que atenda seu fim social, por ser oportuno questionarmos, criticarmos e refletirmos sobre o cenário político que se apresenta no Brasil.

O que buscamos, a partir desta dissertação, é contribuir, enquanto cidadãos que somos, com pesquisas sobre práticas discursivas das mídias televisiva, digital e radiofônica (mais especificamente, no nosso caso, a televisiva e a digital) e, de certa forma, contribuir, também, com uma maior reflexão sobre os acontecimentos que envolvem o cenário político nacional, a partir de 2016, momento em que a mídia brasileira passava a apresentar, ostensivamente, o ex-Presidente Lula como aquele que teria deixado um legado negativo para o país e para a população.

Tal situação poderia não ser uma “verdade aceitável” pela população, fato indiciado pelas pesquisas de intenção de voto – a serem detalhadas posteriormente –, pois, contra tudo o que estava sendo veiculado na mídia, Lula se destacava como possível vencedor do pleito eleitoral de 2018 à Presidência do Brasil.

Certamente, essa possibilidade devia-se à sua obra, que permanece perene

para uns e uma falácia para outros, que não mediram esforços para impedir uma possível candidatura de Lula, bem como para deteriorar a imagem do partido. Mas haveria uma maneira de tentar mitigar o efeito da propaganda negativa em meio às eleições municipais de 2016? A mídia se voltava contra os governos do Partido dos Trabalhadores (PT) e contra Lula, especificamente. Como o próprio partido poderia defender-se, midiaticamente falando, em relação a um porvir temeroso?

O então candidato a Prefeito de Belo Horizonte, Reginaldo Lopes, dispondo de horário de propaganda eleitoral gratuita em redes de rádio e televisão, ao invés de apresentar propostas de sua candidatura, resolve, com o apoio do Partido dos Trabalhadores, usar desse espaço na mídia para defender Lula, o que também, evidentemente, poderia lhe render os votos de seus simpatizantes.

O candidato utiliza uma estratégia discursiva recursal, uma alusão em cascata: uma nova *Carta ao povo brasileiro*. Com esse título, Reginaldo Lopes remete à lembrança da *Carta ao povo brasileiro*, de 2002, de Lula, que, de certa forma, remete à memória da *Carta aos brasileiros*, de 1977, dos Acadêmicos de Direito de São Paulo, época em que Lula já participava do movimento sindical.

Além de as cartas terem nomes semelhantes entre si, embora em nossa pesquisa não tenhamos encontrado uma referência direta ao documento de 1977, os documentos têm em comum o fato de pertencerem ao mesmo posicionamento ideológico, embora em circunstâncias diferentes, vejamos:

- a) A *Carta aos brasileiros* (Anexo A), anunciada no Pátio das Arcadas do Largo de São Francisco, do Território-livre da Academia de Direito de São Paulo, em 8 de agosto de 1977, foi escrita e lida por Goffredo Telles Júnior (2007?). Refere-se à Proclamação de Princípios das convicções políticas dos membros da Academia de Direito de São Paulo e conta com um grande número de signatários, cujos ideais democráticos teimavam em resistir, embora em pleno período militar, com liberdade de expressão cerceada e congresso fechado, apenas para nos atermos aos itens mais relevantes inspirados pela tão sonhada democracia.
- b) A *Carta ao povo brasileiro* (Anexo B) foi lida, em 22 de junho de 2002, pelo então candidato à Presidência da República pelo PT, Luiz Inácio Lula da Silva (2002), que parafraseou em seu título a *Carta aos brasileiros*, ressignificando discursivamente a memória de um momento de crise e, ao mesmo tempo, um

marco de expressão do desejo de mudança, uma renovação de forças na campanha rumo à possibilidade de uma economia voltada para o bem-estar social, com um possível Governo Lula.

- c) A *Carta ao povo brasileiro* (Anexo C), de Reginaldo Lopes, nosso objeto de estudo, é um vídeo do programa de propaganda partidária eleitoral gratuita em rede de televisão¹, exibido em 21 de setembro de 2016. O vídeo, que tem duração de 1 minuto e 20 segundos, expressa um alerta relativo à possibilidade, que se aproximava, da prisão de Lula e aponta para o que esta representaria em termos de perdas, não apenas de conquistas, mas também para a democracia: “Carta Aberta ao Povo Brasileiro. Em defesa do estado democrático de direito, do Lula e do Brasil. 17/09/2016”.

O momento que antecedeu a produção da carta e do vídeo era aquele em que Reginaldo Lopes concorria a Prefeito de Belo Horizonte com outros 10 candidatos, e sua pontuação nas pesquisas era pouco significativa², momento em que o partido e seus afiliados, como dissemos, sofriam com a propaganda negativa, inclusive discriminação, sendo necessária uma mudança de postura para uma guinada na reta final da campanha.

Em vista do exposto, diga-se ser nosso objetivo investigar as Formações Discursivas apresentadas pelo PT na e pela propaganda partidária, em setembro de 2016, quando da candidatura de Lopes a Prefeito de Belo Horizonte.

Vamos analisar, no discurso, as materialidades imagética e linguística presentes no vídeo, através do mapeamento de regularidades e dispersões presentes no nosso *corpus*. Vamos verificar que leituras podem ser feitas dos sentidos indiciados na propaganda partidária institucional do PT, sob a ótica da Análise do Discurso de Foucault (2009, 2014), Pêcheux (1988, 1990, 1997, 1997a, 1997b, 1999, 2007), Orlandi (2005, 2006, 2007, 2007a) e Gregolin (2004), a partir das quais buscaremos elementos para a construção da análise linguístico-discursiva e imagética do *corpus*, esperando contribuir com as reflexões contemporâneas sobre a relação entre mídia e discurso.

Com a finalidade de relatar o contexto pela historicidade, utilizaremos a memória histórica do partido, divulgada em sua *home page*, e as informações do

¹ Também existe a peça em áudio para a propaganda radiofônica.

² Vide Tabela 1 - pesquisas eleitorais ao pleito da PBH em 2016, na pág.93, e Tabela 2, na pág. 95.

Instituto Lula. Consideramos esse olhar imprescindível, uma vez que as histórias de vida de Lula e do PT se entrecruzam.

Nossa proposta é responder, principalmente, às seguintes questões: que Formações Discursivas podem ser identificadas no objeto de estudo? Como poderíamos classificá-las? Como essas formações estão articuladas?

Apenas para melhor direcionar a leitura desta pesquisa, vale dizer que trabalhamos com a descrição das legendas presentes na propaganda, que chamamos *excertos*. Os excertos serão numerados quadro-a-quadro ou apresentados em sequências discursivas, de acordo com o desenvolvimento da pesquisa, às quais juntaremos as capturas de imagens que forem mais relevantes à nossa análise, de forma que nos permitam identificar os termos do discurso que indiciam a construção das Formações Discursivas e apontem para possíveis leituras de sentido.

Vamos analisar os excertos dos pontos de vista linguístico-discursivo e imagético, identificando: (a) em que categoria de Formação Discursiva se inscrevem; (b) o aspecto material que a indicia, quer sejam as posições-sujeito no discurso, quer seja o uso de outros recursos, como repetições, pontos de convergências e divergências, em que o dito se contrapõe ao não dito e, ao mesmo tempo, o evidencia; (c) enunciados que se apresentam no discurso, oriundos de FDs outras, mas que se ressignificam nesse nosso contexto.

Sendo assim, do vídeo **Carta aberta ao povo brasileiro**, enumeramos trinta excertos, com a descrição de suas respectivas capturas de vídeo, pela ordem cronológica de apresentação no vídeo. Vamos trazê-los na ordem mais conveniente à hipótese que estivermos verificando e chamaremos de sequência discursiva (SD) quando houver um conjunto ou uma continuidade em torno do tema tratado.

O capítulo analítico trará quatro seções. A primeira trata da posição do sujeito no interior das FDs. A segunda visa a depreender o que Lula representa na e pela Formação Discursiva Social Democrata – FDSD. A terceira vai abordar a sugestão de conspiração e injustiça pelos que se inscrevem na FDSD. A quarta seção vai apresentar o reconhecimento internacional de Lula, do ponto de vista da FDSD.

Assim sendo, daremos por encerrada a pesquisa em torno desse objeto discursivo, ainda que não estejam esgotadas todas as hipóteses possíveis, com uma proposta de leitura dos efeitos de sentido das Formações Discursivas encontradas.

2 METODOLOGIA

A metodologia empregada para o procedimento de análise de nosso *corpus*, na dissertação que hora apresentamos, consiste na captura de imagens selecionadas a partir do vídeo do Partido dos Trabalhadores exibido em rede de televisão, no programa eleitoral gratuito de em 21 de setembro de 2016, com duração de um minuto e vinte segundos.

Trata-se de uma propaganda eleitoral na qual Reginaldo Lopes, como candidato à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte no ano de 2016, apresentou peça publicitária de sua campanha, intitulada **Carta aberta ao povo brasileiro**.

Podemos classificar a narrativa no gênero “carta aberta”. Dessa carta, foram analisados excertos do enunciado que é veiculado na legenda e as capturas de imagens, das quais selecionamos aquelas que mais contribuíram para nossas leituras, tendo em vista a identificação das Formações Ideológicas e Formações Discursivas que se materializam linguística e imagetivamente nessa narrativa.

A captura de imagens se fez a partir do congelamento quadro-a-quadro da gravação do vídeo, de forma a contemplar a legenda, levando em consideração também a troca de imagens. Logo, há casos de uma mesma legenda com mais de uma imagem, bem como da mesma imagem com legendas de enunciados diferentes. Tal situação ocorre devido à variação do tempo de exposição de cada fragmento.

Como dissemos, intitulamos os fragmentos quadro-a-quadro de captura de vídeo, das quais não todas, mas boa parte foi analisada.

Elas foram numeradas de acordo com a sequência em que aparecem na filmagem, selecionadas como foto-imagens, cuja legenda será também o título da captura de vídeo.

A sistemática de trabalho que adotamos foi analisar, num 1º momento, o enunciado e, posteriormente, a imagem de cada um dos quadros. As capturas foram organizadas em sequências discursivas, a partir do sentido dos enunciados, de forma linear, ou seja, pelo sentido completo do excerto, ou, ainda, agrupadas de forma que pudessem corroborar a tese tratada em cada seção.

Considerando as Formações Ideológicas Liberal e Socialista, nossas questões foram:

Que termos ou expressões há nos excertos que indiciem a FIS ou a FIL?

Em sendo assim, estariam, então, articuladas de forma a demonstrar as FDSD e FDNL? Nesse sentido, que materialidades poderíamos identificar?

De que outras FDs estariam compostas?

Para respondermos a essas questões, partimos da análise do enunciado e, posteriormente, analisamos as imagens, em ambos buscamos elementos materiais que nos permitissem apontar indícios, primeiramente, das Formações Ideológicas, FIs, nas quais estão inseridas as Formações Discursivas, FDs, e, para isso, os excertos foram agrupados em Sequências Discursivas, SDs de forma a facilitar a organização e apresentação da dissertação.

As materialidades foram identificadas a partir de repetições, recorrências, remissões, semelhanças, convergências e, ou, divergências e contraposições, que são instrumentos indispensáveis, uma vez que, normalmente, o traço que se refere à FD Social Democrata é o oposto da FD Neoliberal e vice-versa.

Também os apagamentos, silenciamentos e omissões são traços, indícios de materialidade pela ausência e nisso significam.

Uma vez identificados esses traços de materialidade, classificamos, categorizamos as FDs componentes da FDSD e da FDNL.

A partir da identificação desses componentes encontramos nosso eixo de pesquisa, o qual foi distribuído nas quatro seções já mencionadas:

5.1 a posição do sujeito dentro das FD's;

5.2 o que Lula representa na e pela Formação Discursiva social democrata - FDSD;

5.3 a sugestão de conspiração e injustiça na FDSD;

5.4 Lula no mundo pela FDSD.

Concluimos a pesquisa sem a pretensão de esgotar todas as leituras possíveis, bem como também não pretendemos esgotar os efeitos de sentido das Formações Discursivas encontradas.

Lembramos que os excertos encontram-se listados no Anexo C, para facilitar uma apreensão do texto completo. Caso prefira avaliar os excertos junto com a breve descrição das imagens, favor consultar o Anexo D.

3 RELATO CRONOLÓGICO DA VIDA DE LULA E DA HISTÓRIA DO PT

Como ponto de partida para analisar o discurso e as Formações Discursivas que se apresentam, somos, naturalmente, direcionados a contextualizar historicamente a produção do vídeo, ou seja, quais as condições de produção que se apresentavam naquele momento e antes dele, especialmente em relação a Lula e ao PT. Também vamos mencionar fatos que ocorreram posteriormente à apresentação do vídeo, em termos de desdobramentos do cenário político no Brasil.

Neste capítulo intentamos apresentar parte dos acontecimentos da vida de Luiz Inácio Lula da Silva, que, por vezes, se mesclam com a história do Partido dos Trabalhadores, a fim de lembrarmos a trajetória desse político, a qual foi utilizada no vídeo de Reginaldo Lopes como tema da propaganda eleitoral ao pleito da Prefeitura de Belo Horizonte, conforme sinalizado na Introdução desta dissertação.

Poderíamos desenvolver este relato utilizando como referência as publicações existentes sobre a biografia de Lula, de autores como Denise Paraná, André Singer ou ainda a recém-divulgada no livro **A verdade vencer**, assinado pelo próprio Lula, mas não temos a pretensão de fazer um relato biográfico, e sim um relato cronológico a título de fio condutor.

Diga-se de passagem, como sinalizado na Introdução, nosso objetivo é investigar as formações discursivas apresentadas pelo PT na e pela propaganda partidária. Logo, como nosso *corpus* foi produzido pelo Partido dos Trabalhadores e a proposta é uma leitura das FDs por ele apresentadas, julgamos que seria interessante ter como base desse relato cronológico a versão do partido e do Instituto Lula, com o qual h, de certa forma, algum vínculo.

Luiz Incio da Silva nasceu em família humilde, na cidade de Caetés, antigo distrito de Garanhuns, interior de Pernambuco, em 27 de outubro de 1945.  o sétimo dos oito filhos de Aristides Incio da Silva e Eurídice Ferreira de Mello, que migraram para São Paulo na esperança de dias melhores longe da seca e da fome, tão presentes no sertão nordestino (INSTITUTO LULA, 2019).

Começou a trabalhar, na infância, como ambulante, engraxate e ajudante de tinturaria e, aos 14 anos, já concluido o ginásio, consegue emprego numa metalúrgica e é admitido no curso técnico de torneiro mecânico do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) (INSTITUTO LULA, 2019).

Aos 17 anos, sofre um acidente de trabalho e perde o dedo mínimo da mão

esquerda. Tem 18 anos, em 1964, quando tem início o regime militar e, com ele, a restrição dos direitos democráticos e a censura à mídia jornalística, à universidade e às artes. Nesse mesmo período, a economia do país se retrai. Os trabalhadores sentem os efeitos do desemprego e da inflação além dos, então comuns, abusos trabalhistas.

Nesse contexto, Lula teve a oportunidade de debater sobre os abusos trabalhistas nas reuniões do sindicato de que participou a convite de seu irmão, Frei Chico, que era militante do então clandestino Partido Comunista Brasileiro. Começa, então, sua imersão nas causas ligadas aos interesses dos trabalhadores e Lula dá mostras de sua habilidade para negociações, sendo, em 1969, convidado a participar, como suplente, na Diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos (INSTITUTO LULA, 2019).

Aos 23 anos, Lula casa-se com Lourdes, que, dois anos depois, estando grávida de um menino, com 8 meses de gestação, vem a falecer, acometida por uma hepatite. O filho também não sobrevive. Após esse fatídico acontecimento, dedica-se mais ao sindicalismo e é, então, convocado a integrar a Diretoria do Sindicato, deixando o chão de fábrica. Passado o luto, Lula teve um relacionamento rápido com Miriam Cordeiro, que se torna mãe de sua filha Lurian (INSTITUTO LULA, 2019).

Em 1974, casa-se com aquela que seria sua companheira durante anos, Marisa Letícia, que era viúva, mãe de Marcos Cláudio, a quem Lula assume como filho, e constitui uma família numerosa, nascendo dessa relação Fábio Luís, Sandro Luís e Luís Cláudio (INSTITUTO LULA, 2019).

Em 1975, Lula torna-se Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. Nesse momento, havia uma efervescente insatisfação da classe trabalhadora, que tinha seu poder de compra e seus direitos cada dia mais comprometidos. Nesse cenário, os movimentos de reivindicações eram duramente combatidos pela ditadura. Também o eram o movimento estudantil, partidos e políticos de esquerda e toda a militância, que, de um modo geral, se opunha àquela situação (INSTITUTO LULA, 2019).

Entre 1978 e 1980, Lula esteve à frente de greves gerais, às quais a adesão foi maior que o esperado, e, então, passa a ser o maior nome da oposição no cenário político do país, segundo o Instituto Lula. Em 19 de abril de 1980, é preso, ficando detido por 31 dias. Vejamos duas fotos, que compõem o acervo histórico do

PT, retiradas de sua *home page*, que ilustram bem esses dois fatos:

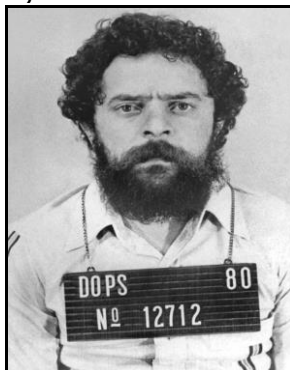
Foto 1 - Lula discursando no ABC Paulista



Fonte: (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

Uma foto traz Lula discursando em meio à multidão, numa das muitas assembleias que liderou, no ABC Paulista; a outra foto, do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), mesmo passados 38 anos de seu registro, a despeito do mal uso por seus contrários, vem sendo apropriada como símbolo da “luta” que é travada por Lula, desde 7 de abril de 2018, quando foi preso pela Polícia Federal, levado a uma cela em Curitiba (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

Foto 2 - 1980, Lula fichado no DOPS



Fonte: (INSTITUTO LULA, 2019).

Antes de sua prisão, porém, em 10 de fevereiro de 1980, o sindicalista ingressou também na política, tornou-se um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, com o objetivo de participar da formulação de leis que beneficiassem a classe trabalhadora. Nas palavras do partido:

O PT surgiu como agente promotor de mudanças na vida de trabalhadores da cidade e do campo, militantes de esquerda, intelectuais e artistas. Foi oficializado partido político em 10 de fevereiro de 1980, pelo Tribunal Superior de Justiça Eleitoral (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

Em 1982, o partido conseguiu eleger seu primeiro prefeito, em Diadema, o ferramenteiro Gilson Menezes. Em janeiro de 1984, iniciam-se as articulações para as “Diretas Já”, e a participação do partido e de Lula nesse movimento foi “fundamental na mobilização como defensor do socialismo democrático ao lado de lideranças como Tancredo Neves, Leonel Brizola e Miguel Arraes” (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

Em 1986, Lula é eleito, pelo estado de São Paulo, o deputado federal mais bem votado do Brasil, com, aproximadamente, 650.000 votos, participando, após instalação, em fevereiro de 1987, da Assembleia Nacional Constituinte, compondo o restante da bancada do PT com mais 15 deputados (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

Em 5 de outubro de 1988, é promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB/1988) (BRASIL, [2019a]). Lula, na Constituinte, participou, como suplente, da Subcomissão dos Negros, Populações Indígenas, Pessoas Deficientes e Minorias, da Comissão da Ordem Social e, como titular, da Comissão de Sistematização (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

Foto 3 - Bancada do PT na Assembleia Nacional Constituinte 1987-1988



Fonte: (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

Em 1989, após promulgação da CRFB/1988, Lula se lança, pela 1ª vez, como candidato a Presidente da República, pelo PT. Após 29 anos sem eleições gerais, chega ao 2.º turno e perde para Fernando Collor. Na ocasião, seu adversário apresenta em seu discurso uma fala, na qual menciona que Lula teria solicitado à antiga namorada, Mirian Cordeiro, que abortasse Lurian, sua filha mais velha

(PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

Em 1990, o PT consegue eleger seu primeiro Senador: Eduardo Matarazzo Suplicy. Já em 1991, como bancada de oposição, os políticos e a militância do PT vão às ruas pelo “Fora Collor”, após constatados indícios de irregularidades em seu governo. No ano seguinte, apoiam o *impeachment* de Collor, tendo assumindo a governança do país Itamar Franco, do PRN. (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

Em 1993, Lula dá início à Caravana da Cidadania, viajando por todo o país, para, em 1994, sair novamente candidato à Presidência do Brasil, pleito no qual obtém, no 1º turno, 17 milhões de votos contra 34 milhões do candidato eleito, Fernando Henrique Cardoso. Nessa eleição, o PT elege governadores pela primeira vez - do Distrito Federal, Cristovam Buarque, e do Espírito Santo, Vitor Buaiz (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

Nos anos seguintes, o partido sofre algumas baixas: em 1995, Francisco Weffort, sociólogo, um dos fundadores do PT, assume o Ministério da Cultura do governo FHC e deixa o partido. Em 1996, embora tenha conseguido eleger 112 prefeitos, perde o pleito à prefeitura nas principais capitais: consegue apenas manter Porto Alegre e vencer em Belém. Em 1997, Vitor Buaiz se desvincula do partido (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

Em 1998, Lula concorre pela 3ª vez à Presidência, novamente Fernando Henrique vence, dessa vez por 35 a 21 milhões de votos. O PT elege três governadores: no Rio Grande do Sul, Olívio Dutra; no Acre, Jorge Viana e, no Mato Grosso, Zeca do PT (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

Em 1999, com a crise da desvalorização do real, a bancada do PT trabalha pelo *impeachment* de Fernando Henrique, sem sucesso. Desde então, o partido foi se articulando e se preparando política, discursiva e ideologicamente, construindo a figura de Lula como possível representante da sociedade em seus vários segmentos, não apenas da classe trabalhadora, e, em 2002, Lula novamente se apresenta como candidato, com postura diferente, fase conhecida como Lulinha Paz e Amor, e vence o pleito com quase 53 milhões de votos.

Em 1º de janeiro de 2003, toma posse como Presidente da República, com a proposta de fazer o país crescer economicamente, através de um desenvolvimento sustentável, promovendo a inclusão social e a distribuição de renda, ampliando a quantidade de empregos, reduzindo a pobreza e, ainda, expandindo a soberania

nacional.

Em 2005, vem à tona o escândalo do “Mensalão”, envolvendo autoridades ligadas ao governo, além de outros políticos. Mesmo tendo o escândalo causado danos à imagem do PT, em 2006, Lula se lança novamente candidato e é eleito com uma votação ainda mais expressiva, mais de 58 milhões de votos, com a diferença que, em 2002, ganhou em todos os estados do Brasil, exceto Alagoas, onde o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) teve sucesso com José Serra, e, em 2006, com Geraldo Alckmin, candidato tucano, obteve êxito em sete estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Roraima.

Como Presidente do Brasil, entre outros acontecimentos relevantes da sua trajetória de político e estadista, ressaltamos que Luiz Inácio Lula da Silva foi condecorado, em maio de 2010, pela Organização das Nações Unidas (ONU), com uma medalha por esforços no combate à fome. Vejamos reportagem de Natuza Nery, intitulada **Órgão da ONU condecora Lula campeão do combate à fome**, publicada em 10 de maio de 2010:

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebeu nesta segunda-feira o título de “campeão mundial” no combate à fome e à desnutrição infantil. A condecoração foi dada pelo Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas.

O anúncio foi feito pela diretora-executiva do órgão, Josette Sheeran. Em discurso nesta manhã, ela disse que o Fome Zero é uma estratégia “holística” e que o Bolsa Família inspira famílias brasileiras a terem responsabilidade.

Sheeran mencionou a lista da revista Time em que Lula aparece como um dos líderes mais influentes do planeta. Ela citou, inclusive, uma frase do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, que afirmou que o presidente brasileiro era o político mais popular do mundo. (NERY, 2010).

Lula recebe, também, reconhecimento de outras pessoas do cenário político, como vemos em um artigo publicado pelo ex-ministro da fazenda do governo Itamar Franco, Ricupero (2010), intitulado **À sombra de Charles de Gaulle: uma diplomacia carismática e intransferível: a política externa do governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010):**

O presidente Lula potencializou e multiplicou essas condições propícias ao simbolizar de certo modo, pela sua história pessoal, o exemplo de ascensão do país como um todo. Sua identificação com as grandes causas sociais de luta contra a fome e a pobreza, o carisma de personalidade autoconfiante, a vocação inata à negociação foram elementos adicionais para reforçar a

percepção externa da emergência do Brasil como ator global. O sucesso indiscutível da diplomacia presidencial colou-se de forma tão inseparável ao carisma do presidente Lula que se tornou demasiado personalista e intransferível (RICUPERO, 2010, p.3).

Lula conclui seu 2º mandato com sua popularidade em alta³: “83% dos brasileiros adultos avaliam sua gestão como ótima ou boa”. Acima das expectativas, Lula encerra o mandato com a melhor avaliação da história e, nas eleições de 2010, o PT lança como candidata a ex-ministra-chefe da Casa Civil de seu governo, Dilma Rousseff, a qual é eleita com mais de 55 milhões de votos, concorrendo, nesse pleito, com José Serra, do PSDB, que chegou a ganhar em 11 estados.

Em 01 de janeiro de 2011, toma posse a 1ª Presidenta eleita⁴ no Brasil, com a proposta de consolidar e ampliar o projeto social e de desenvolvimento econômico do governo Lula.

Em 2014, com o objetivo de tornar o Brasil uma Pátria Educadora, Dilma se apresenta à reeleição e é bem-sucedida. Obtém mais de 54 milhões de votos, tendo concorrido novamente com o PSDB, desta vez, com Aécio Neves, que não aceita a derrota e reage pedindo à Justiça Eleitoral uma auditoria no resultado do 2º turno, quando se inicia o começo do “fim” do Governo Dilma, conforme discutido em várias publicações de jornalistas, sociólogos e filósofos. Vejamos o que nos diz a esse respeito Helcimara Telles (2016), Doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP), em seu artigo **Crise política ou crise na política? O processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff e seus desdobramentos (a)políticos**:

A combinação de fatos como os escândalos políticos midiáticos de corrupção, uma oposição ferrenha no Congresso Nacional, a impopularidade da presidente e a pequena diferença de votos entre o primeiro e o segundo colocados na disputa presidencial, abriram uma janela de oportunidades para que políticos, grupos de oposição e o PSDB solicitassem recontagem de votos e acusassem sistematicamente a chapa eleita de produzir fraudes para se eleger (TELLES, 2016, p. 177-178).

Desde então, os partidários da política neoliberal e representantes de centro-direita, além da grande mídia, iniciam uma trajetória de oposição constante, alinham seu discurso contra Dilma, contra o PT e contra Lula.

³ Datafolha (2010)

⁴ Não vamos entrar em detalhes sobre o primeiro mandato de Dilma, para não nos desviarmos nosso foco, pois, para o nosso estudo a relevância está em seu 2º mandato.

A Presidente Dilma, com seu temperamento forte, posturas firmes e medidas que desagradavam, em especial, o sistema financeiro, é confrontada, e o processo de *impeachment* começa a ser delineado: em 2 de dezembro de 2015, Eduardo Cunha recebe documento apresentado por Hélio Bicudo e pelos advogados Miguel Reale Júnior e Janaina Paschoal e cria comissão especial para analisar o *impeachment*.

Rodrigo Janot, ex-Procurador Geral da República, Jaílton de Carvalho e Guilherme Evelin (2019, p. 14-15;19), em livro lançado em setembro de 2019, **Nada menos que tudo: bastidores da operação que colocou o sistema político em xeque**, relatam que havia um inquérito para investigação de Eduardo Cunha e que o então Procurador Geral foi convidado para uma reunião por Michel Temer, à época Vice-Presidente, e pelo deputado federal Henrique Eduardo Alves, do PMDB/RN. O deputado teria solicitado a Janot que não investigasse Eduardo Cunha, alegando que se tratava de um louco e que poderia colocar o país em risco. De acordo com o mencionado livro, Janot considerou grave a solicitação e não assentiu. Os autores do livro em questão relatam que Janot teria recebido o seguinte recado: “Fala para o Janot parar com essa investigação, senão o Cunha vai tocar o *impeachment* da Dilma!”.

Em 16 de março de 2016, uma conversa privada entre a Presidenta e o ex-Presidente foi devassada e divulgada, em horário nobre de televisão, graças à quebra de sigilo concedida pelo então Juiz Sérgio Moro, por ocasião da nomeação de Lula como Ministro Chefe da Casa Civil do Governo Dilma, que não se concretizou.

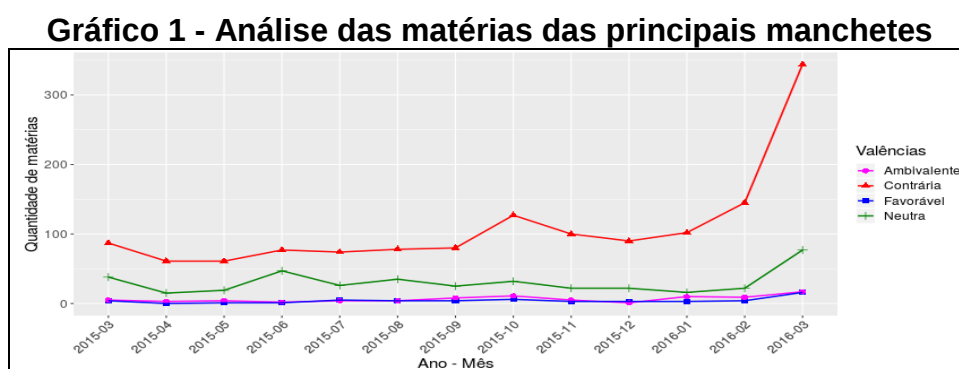
Em 17 de abril de 2016, com 367 votos a favor e 137 contrários, o Congresso aprova o prosseguimento do processo de *impeachment* no Senado. Em 12 de maio de 2016, com 55 votos a favor, 22 contra e 02 ausências, o Senado autoriza a abertura do processo de *impeachment* e o afastamento da Presidenta por um período de até 180 dias; Michel Temer assume interinamente a Presidência. Em 31 de agosto de 2016, Dilma Rousseff tem seu mandato cassado.

Estava então constituído o Golpe de 2016, construído por narrativas político-midiáticas que foram especialmente utilizadas nas ações junto às instâncias dos três poderes. Recentemente, em 16 de setembro de 2019, no programa Roda Viva, da Tv Cultura, o Golpe foi reconhecido, como tal, pelo ex-Presidente Michel Temer, ao utilizar o termo *Golpe* para se referir ao *impeachment* de Dilma Rousseff. Michel

Temer, que, na ocasião, ocupava o cargo de Vice-presidente da República, posteriormente veio a tornar-se Presidente, sendo o maior beneficiado nesse processo.

Dando sequência ao nosso relato, diga-se que, em 20 de setembro de 2016, o Juiz Sérgio Moro aceita denúncia do Ministério Público Federal (MPF) e Lula se torna réu em ação criminal pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro, em relação ao triplex do Guarujá.

As tentativas de desconstrução de sua imagem foram evidenciadas pelos principais meios de comunicação do país, nos quais seu nome foi apresentado de maneira negativa. O Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP, 2016), conhecido como Manchetômetro (*site* de acompanhamento da cobertura da grande mídia relativa à economia e à política), informa que, apenas no mês de março de 2016, como podemos verificar no Gráfico 1, a seguir, foram publicadas 344 manchetes contrárias ao ex-Presidente, 16 favoráveis, 77 neutras e 17 ambivalentes.



Fonte: LEMEP (2016).

Nota:

Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e O Globo: A análise leva em conta as capas e duas páginas de opinião das edições diárias. Todos os textos sobre política e economia nessas páginas passam por análise de valência (ver metodologia) e codificação de temas importantes.

Jornal Nacional: A análise leva em conta todo o conteúdo veiculado diariamente pelo programa. Codificamos valências e o tempo de cada notícia.

Valor: Codificamos apenas os textos opinativos que aparecem em três páginas do jornal: a que contém o artigo de opinião da seção de Política e as duas páginas opinativas. O Valor é publicado somente de segunda a sexta-feira.

Mesmo com todos esses acontecimentos, em dezembro de 2016, Lula permanecia como favorito nas pesquisas de intenção de votos. Suas ideias, sua visão de mundo, seu poder de articulação e o fruto de seus projetos ainda estariam influenciando seus possíveis eleitores.

Nas pesquisas eleitorais de 2016, aparecia como principal favorito ao cargo de Presidente do Brasil: “Lula tem 25%, Marina 15% e Aécio 11%, aponta pesquisa Datafolha para 2018.” (LULA..., 2016).

Embora tenhamos conhecimento de que as pesquisas de opinião pública tendem à manipulação - como constatamos em Charaudeau (2016, p. 125), para quem tais pesquisas “desempenham um papel na construção dos pensamentos e dos atos dos cidadãos pelo simples fato de chegarem ao seu conhecimento”, ou seja, “formatam a opinião pública” pela influência, elaboração ou publicação - acompanhamos a divulgação das pesquisas realizadas e constatamos que, mesmo depois de sua condenação, em doze de julho de 2017, pelo Juiz Federal Sérgio Moro, Lula continuava como favorito nas pesquisas eleitorais, conforme continuavam mostrando os resultados auferidos pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) em 30 de outubro de 2017: “Lula tem 35%, Bolsonaro, 13%, e Marina, 8%.” (LULA..., 2017).

Em 31 de janeiro de 2018, o Datafolha Instituto de Pesquisas trazia em seu *site*:

Ameaçado de ficar fora da disputa presidencial em outubro após ser condenado em segunda instância pela Justiça, o ex-presidente Lula desponta como nome preferido dos brasileiros se o 1º turno da eleição fosse hoje e seu nome estivesse na urna eletrônica. No cenário sem o petista, o deputado Jair Bolsonaro (PSC) [O Presidente Jair Bolsonaro só veio se filiar ao PSL em 07 de março de 2018] lidera as intenções de voto. Possível substituto de Lula pelo campo petista, Jaques Wagner atrai pequena parte do eleitorado lulista. Na disputa que inclui Lula, Bolsonaro, Alckmin e Ciro (PDT), entre outros, o petista tem a preferência de 36%, e na segunda colocação está Bolsonaro, com 18%, à frente de Alckmin (7%), Ciro (7%) e do pré-candidato do Podemos, Álvaro Dias (4%). Com 2% aparecem Manuela d'Ávila, do PCdoB, e Fernando Collor de Mello, do PTC [...] Na ausência de Lula, destaca-se a alta significativa de intenção de votos nulos ou em branco, que oscila de 24% a 32%, dependendo dos nomes consultados [...] A preferência por Lula fica acima da média entre os brasileiros que estudaram até o ensino fundamental (47%), na parcela dos mais pobres, com renda mensal familiar de até 2 salários (47%) e nas regiões Norte (46%) e, principalmente, Nordeste (60%). (INTENÇÃO..., 2018).

Os trechos do artigo, citados acima, através do qual foram divulgados os dados da pesquisa Datafolha, também de 31 de janeiro de 2018, nos traziam elementos em relação à popularidade e à preferência por Lula por parte dos segmentos mais necessitados da sociedade: “o ex-presidente Lula desponta como nome preferido dos brasileiros se o 1º turno da eleição fosse hoje e seu nome estivesse na urna eletrônica” (INTENÇÃO..., 2018).

Apontavam, também, para uma preferência pela pessoa de Lula, uma vez que, em se simulando sua não participação e seu apoio a outro membro do PT, o número de votos brancos e nulos crescia: “Na ausência de Lula, destaca-se a alta significativa de intenção de votos nulos ou em branco, que oscila de 24% a 32%, dependendo dos nomes consultados” (INTENÇÃO..., 2018).

Em 7 de abril de 2018, Lula se apresenta à Polícia Federal, é preso em São Paulo e levado à sede da Polícia Federal de Curitiba-PR.

Tendo em vista o contexto político-eleitoral pelo qual passava o Brasil, observa-se que ocorreram fatos nunca antes imaginados, como a exposição, em rede televisão de âmbito nacional, de conversa privada entre uma Presidenta e um ex-Presidente, além de outros fatos pouco usuais no sistema judiciário brasileiro, como a rapidez com que o processo transcorreu, frente à negativa do Supremo Tribunal Federal (STF), no dia 5 de abril de 2018, de conceder *Habeas Corpus* para evitar sua prisão. Tal negativa foi publicada em 8 de maio de 2018, prazo curto para o sistema judiciário brasileiro.

Segundo Alvim e Mendonça (2018), os especialistas da área entendem que, em teoria, o “acórdão de julgamento do STF que negou *habeas corpus* a Lula deveria ser publicado antes de que (sic) sua prisão fosse decretada”, mas “a decretação da prisão acontece menos de 24 horas depois de o plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) ter negado um pedido [...]” (ALVIM; MENDONÇA, 2018).

Na mesma matéria, professora da PUC Minas, especialista em Direito Processual Penal, Flaviane Barros, questiona: “Em quanto tempo se faz isso no Direito (publicar uma decisão e expedir o mandado de prisão)? No Brasil, em muito tempo”. Acrescenta que “nunca aconteceu de ser um caso resolvido em minutos, é muito atípico”. E ainda: “as decisões aqui foram encadeadas como se as pessoas estivessem preparadas, à espera delas, em uma questão de minutos. Então o que aconteceu é fora de qualquer normalidade” (BARROS *apud* ALVIM; MENDONÇA, 2018).

João Paulo Martinelli, advogado criminalista e doutor em Direito pela USP, que também tem parecer veiculado na matéria, afirma: “Todo o trâmite desde o início é atípico, como por exemplo, esta pauta (julgamento de Lula) passando a frente de outras no TRF-4” (MARTINELLI *apud* ALVIM; MENDONÇA, 2018).

Entre outras situações, podemos destacar o silenciamento do prisioneiro Luiz Inácio, que era o pré-candidato à Presidência da República pelo PT, substituído em

11 de setembro de 2018, quando foi registrada oficialmente a candidatura de Fernando Haddad.

Em 28 de setembro de 2018, o Portal de notícias BHAZ traz em sua reportagem **Lula está impedido de conceder entrevista na cadeia; Fux derrubou autorização:**

O ministro Luiz Fux, do Supremo Tribunal Federal (STF), suspendeu, a decisão [do também Ministro do STF Ricardo Lewandowski em 27/09/2018] que autorizava o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) a conceder entrevista. (LULA..., 2018a).

Em entrevista concedida à OAB/SP, Walter Vieira Ceneviva - Advogado e Presidente da Comissão de Liberdade de Imprensa da OAB/SP - apresenta a seguinte explanação em defesa da garantia ao direito do preso de conceder entrevista:

Para o STF, as restrições possíveis à liberdade de expressão estão contidas na própria Constituição e eventual lei federal só poderia implementar tais restrições da própria Constituição (caso, por exemplo, do direito de resposta, Lei nº 13.188/2015). Todavia, não há nenhuma restrição à liberdade de manifestação e expressão do preso, nada na Carta da República indica que os veículos de comunicação fossem impedidos de entrevistar presidiários. Ora, se a Constituição não tolheu tal liberdade, a Lei não pode fazê-lo. Muito menos o poderia fazer o Poder Executivo, enquanto gestor de presídios. (CENEVIVA, 2017).

Desde 2013, quando das manifestações ocorridas antes da Copa do Mundo de Futebol, até a eleição de Bolsonaro, é possível sentir o crescimento da direita, cujo discurso (analisado grosso modo, pois esse seria tema para outra pesquisa) teve fundamento nas crises, atribuídas a Lula e ao Partido dos Trabalhadores, econômicas, de segurança, de mobilidade social e de “valores” para os grupos que se autodenominam “cristãos”. Esses pontos merecem ser aprofundados, mas fogem aos objetivos desta pesquisa.

Uma vez realizado o percurso até aqui apresentado, passemos, no próximo capítulo, a tratar dos conceitos construídos no quadro da Análise do Discurso, os quais serão a base teórica de nosso trabalho de analista de práticas discursivas político-midiáticas - objeto de nossa pesquisa: peça de vídeo do Programa de Propaganda Eleitoral Gratuita ao pleito da Prefeitura de Belo Horizonte, do então candidato Reginaldo Lopes, já apresentada na Introdução.

4 O DISCURSO E AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS

Neste capítulo, teceremos apontamentos teóricos capazes de nos guiar na abordagem a ser desenvolvida nesta dissertação.

Como dissemos em outros momentos deste trabalho, temos como objetivo maior analisar as Formações Discursivas em que os enunciados da propaganda partidária eleitoral do PT, de 21 de setembro de 2016, que são postos em circulação, através da construção linguístico-imagética. Para isso, utilizaremos conceitos que os filósofos, linguistas e sociolinguistas nos oferecem.

Michel Pêcheux (1988), tomou por base a noção de Formação Discursiva, a partir de Foucault (2014), o qual define uma formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade (FOUCAULT, 2014, p. 47).

Em nossa análise, utilizaremos alguns dos aspectos que caracterizam a definição de FD de Foucault (não que seja esta a linha teórica que escolhemos para desenvolver a dissertação; aqui o entendemos apenas como ponto de partida na identificação das FDs) e vão nos auxiliar no entendimento do conceito de FD, sobretudo a partir da identificação das regularidades e dispersões, embora, em relação às dispersões, gostaríamos de problematizar: ainda que se trate de uma perspectiva teórica e ainda que autores consagrados tratem o termo dispersão como repartição, distribuição ou disseminação, a que se refere? O que seria empiricamente essa repartição ou distribuição? De que forma esse conceito se operacionaliza na prática? Seria uma referência à fonte de onde partiu o enunciado ou à sua forma?

Na tentativa enxergar a operacionalização do conceito de FD de Foucault, sentimo-nos compelidos a um jogo de comparações e contraposições. Poderíamos entender as *regularidades* como *similaridades* ou, pelo menos, como *padronizações*, *homogeneização*, visando a mapear os traços que constituem uma dada FD dentro de uma dada FI. Desse modo, podemos também pensar em contraposições, aos

termos acima, que poderiam se materializar também pela presença de traços de *heterogeneidades, diversidades, diferenças e discrepâncias*, ou seja, naquilo em que enunciados diversos e dispersos se assemelham ou se diferenciam.

Fazemos essa distinção, pois, a nosso ver, seria possível tomar, ainda a partir da definição de FD de Foucault, as *regularidades e dispersões* como também *regularidades e discrepâncias*, e, para tanto, nos apoiamos no que o próprio Foucault (2014, p.46) nos disse com: “Ora, encontramos [...] possibilidades estratégicas diversas que permitem a ativação de temas incompatíveis, ou ainda a introdução de um mesmo tema em conjuntos diferentes. Daí a idéia de descrever essas dispersões”. Ou seja, daquilo que difere, que é discrepante⁵, pois, em termos de análise do discurso, há mais relevância em se considerar o conteúdo de uma discursividade que propriamente a forma pela qual foi propagada, distribuída, repartida ou disseminada.

Ao constatarmos, na mesma página 46 de Foucault (2014), o que seria a regularidade, ou seja, “uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas”, identificamos que, das regularidades e dispersões inerentes a uma FD, há sentido em se falar de similaridades e diferenças.

Tais similaridades e diferenças dizem da permeabilidade, da porosidade, da maleabilidade das Formações Discursivas. Elas nos ajudarão a entender que grupos de enunciados compõem uma FD e quando, portanto, passam a integrar uma outra FD, o que normalmente se dá no momento em que as diferenças se contrapõem em função do interdiscurso. Veja-se, nesse sentido, que é através dele que as “fonteiras” das FDs são demarcadas (se é que podemos usar esse termo). Considerando a permeabilidade ou maleabilidade das FDs, o que nos leva a pensar sobre sua existência, cabem os seguintes questionamentos: nesse caso, onde estaria o limite de uma FD? Onde começa ou termina uma dada Formação Discursiva? Trabalhando esses questionamentos, faz-se necessário invocar o ponto principal da definição de Pêcheux, ou seja, o que “pode e deve ser dito” para que um enunciado ou uma discursividade possa pertencer a uma determinada FD e não outra, compondo uma determinada FI, inserida no interdiscurso.

⁵ Ousamos dizer, mesmo arriscando julgamento de pouca leitura.

Antes, porém, vejamos o que mais compõe a definição de FD para Pêcheux, por onde vai caminhar:

[...] aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pela luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (PÊCHEUX 1988,P.160)

Pêcheux entende que a Formação Discursiva é parte da Formação Ideológica na qual está inserido o sujeito, “a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada”. O sujeito enuncia seu discurso a partir do universo em que está inserido, e esse universo seria determinado “pela luta de classes” e, por consequência, seu discurso, também o seria⁶. O que dizer sobre as formas de articulação do discurso? A arenga, sermão, panfleto, exposição e programa, seriam essas formas de “dispersão”? Seriam esses exemplos representações apropriadas do termo, tal como empregado por Foucault?

Vamos retomar a definição de Pêcheux posteriormente, por hora vamos observar um pouco mais sobre noções de discurso e enunciado no pensamento de Foucault, mas por outra voz.

Vejamos as ponderações de Charaudeau (2006, p. 60) sobre a posição de Foucault em relação ao discurso e ao enunciado. De acordo com Charaudeau (2006), Foucault não faz “distinção significativa” entre “discurso e enunciado” e “emprega frequentemente um ou outro” para “descrever realizações enunciativas”, logo, “discursos e enunciados, para Foucault, somente são descritíveis em sua instância de acontecimentos enunciativos”. Destaca-se, também, em Charaudeau (2006 p. 29) a afirmação de que, para Foucault, “o enunciado é sempre um acontecimento”. Poderíamos dizer, nesse sentido, que a mencionada caracterização de enunciado como acontecimento remete à noção de sujeito, que enuncia a partir do lugar que ocupa.

Então, nas palavras de Foucault (2014), o que o autor diz sobre o enunciado, o sujeito e seu lugar:

⁶ Aqui dizemos “seria”, porque notamos que, em sociedade, nem sempre o sujeito tem ou age, ou enuncia com a consciência da posição que ocupa em sua classe social e, muitas vezes, reproduz um discurso outro, como de seu patrão, por exemplo.

Se uma proposição, uma frase, um conjunto de signos podem ser considerados “enunciados”, não é porque houve, um dia, alguém para proferi-los ou para depositar, em algum lugar, seu traço provisório; mas sim na medida em que pode ser assinalada a posição do sujeito. Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito (FOUCAULT, 2014, p. 107-108).

Foucault (2014) diz que um enunciado, não importando a forma e o fato de ser dito, o é pelo fato de determinar a “posição do sujeito”, do indivíduo que o proferiu e que ele, o indivíduo, atribui sentido ao enunciado a partir do lugar, da posição que ocupa na sociedade. Para Foucault, é esse processo de atribuir sentido que constitui o indivíduo em sujeito, ou seja, faz um indivíduo tornar-se sujeito.

Retomando o pensamento de Pêcheux, diga-se que uma Formação Discursiva o é “a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pela luta de classes”. Essa característica nos remete ao ponto de vista do aludido autor, o qual defende que o indivíduo sempre se torna sujeito ao assumir uma posição ideológica. Ele assim o entende a partir de Althusser, logo, vamos nos apoiar nas palavras de Althusser (1970, p.79), para quem “na ideologia «os homens se representam sob uma forma imaginária as suas condições de existência reais»”.

Isso posto, cabe-nos questionar se deve haver uma relação direta entre classe social e posição ideológica. Haveria, então, garantias de que a posição ideológica guarde relação de fidelidade com a posição do sujeito na classe a qual pertence o indivíduo? Em nosso entendimento, não haveria como assegurar tal situação, pois poderia ocorrer um deslocamento, um desencontro, que se externaliza quando o indivíduo reproduz um discurso de outra classe que não a sua, pois, como nos diz Paul Henry (1997, p.34), “A linguagem é a condição do inconsciente, aquilo que introduz para todo ser falante uma discordância com sua própria realidade”. Todavia, tal situação, embora controversa, não invalida o conceito de Formação Discursiva, desde que, ao assumir uma determinada FD, se diga “o que pode e o que deve ser dito”, dentro de uma dada Formação Ideológica.

Diante disso, vamos, então, nos deter um pouco mais nas questões da constituição do sujeito e da ideologia em fonte primária. Para tal, vamos buscar entendimento nas palavras de Althusser (1970, p.102), que parte da premissa de que “todos os indivíduos são sempre-já sujeitos”:

Dizemos: a categoria de sujeito é Constitutiva de toda a ideologia, mas ao mesmo tempo, e imediatamente, acrescentamos que a categoria de sujeito só é constitutiva de toda a ideologia, na medida em que toda a ideologia tem por função (que a define) “constituir” os indivíduos concretos em sujeitos. É neste jogo de dupla constituição que consiste o funcionamento de toda ideologia, pois que a ideologia nada mais é que seu próprio funcionamento nas formas materiais da existência desse funcionamento. (ALTHUSSER, 1970, p.94) [grifos do autor]

Podemos constatar que, para Althusser (1970), o sujeito se constitui quando interpelado pela ideologia. Digamos, por outras palavras, que se trata de ação reflexiva: ao mesmo tempo em que o sujeito é constituído por ela, também a constitui, ao que ele chama de “jogo de dupla constituição”. E assim como o caminho se faz ao caminhar, a ideologia, tal qual o caminho, é “seu próprio funcionamento nas formas materiais da existência desse funcionamento”, ou seja, a ideologia o é, sendo, acontecendo em suas “formas materiais” naquilo que “pode e deve ser dito”, uma vez que a FD é elemento constituinte da Formação Ideológica. Althusser (1970) ainda nos explica melhor como se dá o processo de interpelação do indivíduo em sujeito:

O indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do Sujeito, portanto, para que aceite (livremente) a sua sujeição, portanto, para que “realize sozinho” os gestos e os atos da sua sujeição. Só existem sujeitos para e pela sua sujeição. É por isso que “andam sozinhos”. (ALTHUSSER, 1970, p.113) [grifos do autor]

A respeito da passagem acima transcrita, constatamos que o sujeito em Althusser se assujeita por vontade, uma vez que o indivíduo é livre para se submeter e aceitar essa submissão, ou seja, “só existem sujeitos para e pela sua sujeição”. Nas palavras do autor, pode-se concluir que, pelo fato da ideologia ser a representação da relação imaginária do sujeito com o mundo, “a existência da ideologia e a interpelação dos indivíduos como sujeitos são uma única e mesma coisa” (Althusser 1970, p.100).

Ainda sobre o processo de interpelação do indivíduo em sujeito, vejamos o que nos trazem Pêcheux e Fuchs (1997):

[...] “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”: esta lei constitutiva da Ideologia nunca se realiza “em geral”, mas sempre através de um conjunto complexo determinado de formações ideológicas que desempenham no interior deste conjunto, em cada fase histórica da luta de classes, um papel necessariamente desigual na reprodução e na transformação das relações de produção [...] PÊCHEUX E FUCHS (1975, p.167). in GADET E HAK (1997)

Para explicar sobre o processo de interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, Pêcheux e Fuchs a entendem como uma lei *si ne qua non*, ao descrevê-la como “constitutiva”. Os autores correlacionam as teorias marxista e althusseriana, quando descrevem que esse processo acontece “sempre através de um conjunto complexo determinado de formações ideológicas”, compartilhando do pensamento de Althusser, e ressaltam o pensamento marxista, ao destacar a “luta de classes” e a desigualdade “das relações de produção”. Afirmam, então, ser dentro desse conjunto de Formações Ideológicas, “em cada fase histórica da luta de classes”, que a ideologia “se realiza”.

Todavia, como já dissemos, não podemos nos esquecer: o sujeito da AD é o sujeito do inconsciente, aquele se faz transparecer em seu saber discursivo, especialmente, através de suas incoerências, embora assuma uma posição-sujeito, num dado momento e circunstância.

Mas quem é o nosso sujeito? Qual posição-sujeito ocupa dentro do enunciado? É o que trataremos no capítulo 2, que versa sobre este tema. Todavia, já nos antecipando, entendemos o sujeito como aquele que enuncia “o que pode e deve ser dito”, a partir do lugar que ocupa, ou seja, da posição em que se encontra, no momento da enunciação. E aqui há um novo ponto a ser explorado: o momento da enunciação.

O momento da enunciação, da contextualização do acontecimento enunciativo, integra as condições de produção do discurso (CP). No caso das CP do *corpus* selecionado para análise, Reginaldo Lopes o fazia da posição de candidato a prefeito, concorrendo com outros 11 candidatos, num cenário pouco confortável para o Partido dos Trabalhadores, que passava por uma fase de desgaste muito grande, o pós-*impeachment* da Presidenta Dilma, momento de muito descrédito na política por parte dos brasileiros.

A imagem discursiva que se propagava era de que o PT era uma quadrilha, e Lula, seu líder. Essa construção foi aprofundada em 14 de setembro de 2016, quando foi anunciada a denúncia do Ministério Público Federal do Paraná contra ele. Nessa ocasião, o *site* UOL trazia em sua manchete: **Lula não se preocupou com os pobres e PT é quadrilha, dizem adversários.** (UOL, 14/09/2016)

Enunciados como o transcrito acima ressoaram na grande mídia. Logo, podemos identificar no discurso do partido o teor dialógico do vídeo de Lopes, pois

poderíamos entender que representa atitude responsiva à construção imagética que era disseminada naquele momento pela mídia. Entendemos também que Reginaldo Lopes se coloca como sujeito afetado, em razão da Formação Ideológica na qual se encontra inserido, especialmente na posição de candidato, de representante desse partido, com voz na mídia, através da propaganda eleitoral gratuita.

Sendo assim, podemos constatar, nas palavras concisas de Medeiros (2019), parafaraseando Lacan, Zizek e Pêcheux, que “o sujeito é dividido na/pela linguagem, perpassado pelo inconsciente, atravessado pela história e constituído no discurso”. E isso ocorre, porque não é o “sujeito empírico, mas o sujeito do discurso que se inscreve em uma determinada formação discursiva, com a qual ele se identifica e que o constitui enquanto sujeito”. (MEDEIROS, 2019 p.67)

O discurso que constitui o *corpus* desta dissertação remete-nos a Dominique Maingueneau (2001), que traz, acerca do discurso e do sujeito, no livro **Análise de textos de comunicação**, a seguinte ponderação:

O discurso só é discurso enquanto remete a um sujeito, um EU que se desloca como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais [...] e ao mesmo tempo indica que atitude está tomando em relação àquilo que diz e em relação ao seu co-enunciador [...] se apresenta como responsável pelo enunciado, como fiador de sua veracidade. (MAINGUENEAU, 2001, p.55)
[grifos nossos]

O que podemos, de fato, perceber no discurso de Lopes, como será demonstrado em momento oportuno desta dissertação, é a tomada de atitude de defesa de Lula e, por consequência, também do partido. O candidato a prefeito, literalmente, coloca-se como “fiador de sua veracidade”. Nesse aspecto, em relação ao sujeito e ao sentido, podemos trazer a visão de Eni Orlandi (2006), em entrevista concedida a Raquel Goulart Barreto, a qual faz um apanhado das ideias centrais do livro **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos** (2005). Aqui, o que importa é o funcionamento do discurso, “Pouco importam as intenções de seu locutor. Portanto não é uma questão moral. É uma questão linguístico-histórica, ideológica. E não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2006, p. 13-14).

Na mesma entrevista, ainda falando sobre o sentido, Orlandi (2006) explica:

O que sempre me atraiu, me seduziu na análise de discurso é que ela ensina a pensar, é que ela nos tira as certezas e o mundo fica mais amplo, menos sabido, mais desafiador. E pensar que o sentido pode ser sempre outro vai nessa direção. Daí a minha necessidade de distinguir inteligibilidade, interpretação e compreensão. Porque quem analisa não pode se contentar nem com a inteligibilidade nem com a interpretação.

(ORLANDI, 2006, p. 13-14). [grifos nossos]

Refletindo sobre o momento em que a autora ressalta que o “sentido pode ser sempre outro” e sobre o objetivo da análise do discurso em relação à produção de sentido, chegamos à crença de que há um jogo em relação às posições ideológicas em que nos encontramos e que nos levam a interpretar o mundo e os acontecimentos a partir da nossa pauta. Por isso, nos alinhamos a Michel Pêcheux (1988, p. 160), para quem o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. não existe “em si mesmo” é, ao contrário, determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico, ou seja, o sentido depende das condições de produção do discurso e do contexto em que este está inserido, ou seja, do interdiscurso.

Retomando as bases históricas da noção de FD, temos, então, a visão de Foucault (2014), a partir de conceito proposto em 1969, no qual podemos verificar que o traço mais marcante para a identificação de Formações Discursivas seria o mapeamento de regularidades e dispersões presentes no enunciado, conceito este contemporâneo aos estudos da Análise Automática do Discurso (AAD-69), primeira fase da AD, defendida por Micxhael Pêcheux.

Em 1971, Haroche, Henry e Pêcheux apontam a dificuldade de trabalhar com o modelo harrissiano. Diga-se, nesse sentido, que o conceito de Formação Discursiva ainda não era usado na explicação dos “sentidos aproximados e os opostos”. Falava-se, apenas, em “domínios semânticos”. Em 1975, Pêcheux e Fuchs começam a repensar a teoria, procurando “efetivar a relação com a perspectiva materialista” (FERNANDES; VINHAS, 2019, p.137).

Já em Pêcheux (1988, p. 125), observamos a referência a “funcionamento das representações e do pensamento nos processos discursivos”, bem como a “relação do sujeito com aquilo que o representa, [como] uma teoria da identificação e da eficácia material do imaginário”. Para ele, é um erro considerar ideologias como ideias e não como forças materiais. O autor considera errôneo o pensamento de que ideologias se originam “nos sujeitos, quando na verdade elas constituem indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX, 1988, p. 129).

Com isso, notamos um distanciamento do pensamento de Pêcheux e Foucault, quando Pêcheux entende que a Formação Discursiva depende da Formação Ideológica em que o sujeito está inserido, e Foucault, por outro lado, volta

sua pesquisa para a questão dos saberes.

Ou seja, o que Foucault e Pêcheux têm em comum é a concepção do sujeito do discurso produzido historicamente, pois, nas palavras de Gregolin (2004, p.56), “Foucault não apenas promove um diálogo conflituoso com a Filosofia, a história etc, como – principalmente – desloca as disciplinas e os saberes”, entendendo que o “homem é objeto e sujeito do saber”.

Segundo Pêcheux (1988, p.160), “o sentido de uma palavra, de uma expressão ou de uma proposição etc..., não existe em si mesmo” e, por ser assim, “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico”. Poderíamos, então, relacionar o mencionado “processo sócio-histórico” com as condições de produção do discurso; todavia, no que tange às “posições ideológicas”, estas guardam limites com “o que pode e deve ser dito” dentro de uma FD, logo, “as palavras, expressões e proposições [...] recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas”. (PÊCHEUX, 1988, p.160-161).

Podemos dizer que, assim como uma palavra muda de sentido quando está inserida em uma FD contrária, também podemos dizer que, em função dessa mesma possibilidade de alternância de FDs, palavras diferentes podem ter o mesmo sentido, dependendo da FD e da FI na qual estejam inseridas.

Se, numa Formação Ideológica, é a ideologia que interpela o indivíduo em sujeito falante, pode-se sempre distinguir sua presença no universo das formações discursivas. Além disso, como já dissemos, pode-se defender que estas são atravessadas por discursos outros e pelo inconsciente, e, segundo Authier Revuz (1990, p.28), a “concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea, exterior à linguagem”. Com isso, entendemos que esses “discursos outros” nos dizem sobre a categoria do interdiscurso.

Mas antes de falarmos sobre o interdiscurso, torna-se pertinente abordar um pouco mais de perto a concepção de sujeito. Veja-se que um sujeito descentrado acredita ser a fonte de seu dizer, o que constitui uma ilusão, uma vez que sua fala sempre será carregada pelos contextos social, histórico e, especialmente, ideológico. Em relação à presença de discursos outros, Authier Revuz destaca a não homogeneidade do discurso, ou seja, sua heterogeneidade, a qual classifica como mostrada **no** discurso e constitutiva **do** discurso. A heterogeneidade mostrada traz uma distinção quanto a sua forma de exibição: marcada ou não marcada.

Passemos, então, ao outro termo trabalhado por Revuz (2004): a heterogeneidade constitutiva do discurso. Segundo a autora, “passando pelo *continuum* das formas recuperáveis da presença do outro no discurso, chega-se, inevitavelmente, à presença do outro”. Essa presença é percebida nas palavras dos outros e em outras palavras “em toda parte sempre presentes no discurso, não dependente de uma abordagem lingüística”. Constata a autora que “o outro é sempre onipresente e está em toda a parte”. (REVUZ 2004, p.21).

Assim, ainda segundo Revuz (2004, p.37), “ocorre uma relação transparente na literalidade do significante”, mas Pêcheux (1988, p.162) destaca que “toda formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela constitui” e ainda destaca “sua dependência ao “todo complexo com dominante” das Formações Discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas”. Ainda de acordo com o autor, essa “transparência do sentido” que é constituído na formação discursiva “mascara a dependência desta” em relação ao interdiscurso, ou seja, ao “todo complexo com dominante”.

Mas ainda segundo Pêcheux (1988, p.162), “o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso”.

Podemos, então, para sintetizar o que dissemos até aqui, nesta dissertação, e o que abordaremos no momento da análise do *corpus* selecionado para discussão, apontar para o fato de que as posições ideológicas e o processo sócio-histórico estão em relação entre si e determinam os sentidos de palavras e expressões. Essa determinação, contudo, é mascarada pela ilusão de transparência do significante. Não seria isso o que acontece com a Carta Aberta de Reginaldo Lopes que vamos analisar em momento oportuno desta dissertação?

Charaudeau (2006, p.261) destaca que há uma heterogeneidade constitutiva e defende que esta se dá “quando o discurso é dominado pelo interdiscurso”, ou ainda quando é perpassado “por discursos de outros e outros discursos”. Como será possível observar quando da realização das análises do *corpus*, o interdiscurso se faz presente a todo o momento, de forma mais marcada ou mais implícita.

Retomando a afirmação de Pêcheux, da década de 80, de que o sentido da palavra “não existe ‘em si mesmo’ [...] é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico”, ou seja, “recebem seu sentido da Formação Discursiva (FD) na qual são produzidas” (PÊCHEUX, 1988, p. 160-161),

pode-se reiterar que o sujeito, por sua vez, vive a ilusão de ser dono de si, de seu dizer e de “seu sentido”, quando entende que tudo está “sob controle”, o que é apenas uma ilusão, pois, como nos diz o aludido autor na p. 162 da mesma obra, “algo fala” sempre “antes, em outro lugar e independentemente” por domínio do “complexo das formações ideológicas”.

Recordemo-nos também do que nos diz Eni Orlandi (2007a) a respeito dos esquecimentos: “a memória é feita de esquecimentos, de silêncios”, bem como de “sentidos não ditos, de sentidos a não dizer”, e ainda de “silêncios e silenciamentos”, elementos estes presentes no interdiscurso.

Sobre os esquecimentos, Orlandi (2007a, p.60) explana, a partir de Pêcheux (na mesma obra, p.50, embora Orlandi referencie p.33), sobre a “fragilidade no processo de inscrição dos acontecimentos na memória”, pois trabalham de forma dupla a: 1- “não se inscrever na memória” e 2- “ser absorvido como se não tivesse ocorrido”.

Sendo assim, podemos entender que é mais fácil nos esquecermos do que lembrarmos dos acontecimentos, posto que a lembrança, certamente, é acionada por processos de repetição. O próprio Pêcheux (2007, p.52) faz referência à questão da estruturação da memória discursiva, apontando para o fato de que sua materialidade é “estendida em uma dialética da repetição”.

Outro ponto importante relatado por Pêcheux (2007, p.52) é que a memória discursiva “vem restabelecer os implícitos [...] os pré-construídos, os elementos citados e relatados, discursos transversos e etc...”, teoria que certamente nos auxiliará, especialmente na seção 5.2, em que vamos tratar do que Lula representa.

Pois então vejamos: temos um enunciador, Reginaldo Lopes, que apresenta, em forma de narrativa, uma *Carta aberta ao povo brasileiro*, exibida durante o programa da propaganda eleitoral gratuita em cadeia de rádio e televisão. Esse enunciador fala de outro, de um personagem protagonista, Lula, que está inserido num estatuto institucional. O enunciador constrói a representação de Lula, linguístico-discursiva e imagetivamente, apresentando-se somente nas últimas cenas, quando assume a autoria da carta, com endosso da instituição Partido dos Trabalhadores, pelo qual era então candidato a prefeito de Belo Horizonte, pela **Coligação BH no século XXI**.

5 AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS NA PROPAGANDA ELEITORAL

Como dito em outros momentos deste trabalho, tomaremos como *corpus* o programa de propaganda político-partidária do Partido dos Trabalhadores em rede de televisão, exibido em 21 de setembro de 2016.

Trata-se de uma propaganda eleitoral na qual Reginaldo Lopes, que se inscreve no lugar social de candidato à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte no ano de 2016, constroi uma narrativa organizada no âmbito do gênero “carta aberta”. Dessa carta, serão analisados excertos do enunciado que é veiculado na legenda e as capturas de imagens que corroborarem nossas leituras, tendo em vista a identificação das FDs que se materializam, linguística e imagetivamente, nessa narrativa.

O vídeo em análise poderia ser chamado de “álbum”, uma vez que é composto por um conjunto de fotografias e alguns trechos de gravações de vídeo. Desse conjunto, selecionamos excertos da gravação como foto-imagens, nomeadas **captura de vídeo**, numeradas de acordo com a sequência em que aparecem no vídeo. A legenda com a descrição da captura de vídeo encontra-se listada no **Anexo D**, ao passo que o **Anexo C** apresenta apenas a legenda.

Os títulos das capturas de vídeo que forem trazidas para compor a análise serão dados de acordo com a legenda de cada uma delas. Em relação ao dimensionamento das imagens, é importante considerar que a medida vertical das capturas de vídeo pode variar, pois será adequada à necessidade de formatação da página.

Com essa dissertação, buscamos identificar as Formações Discursivas materializadas no discurso aqui em tela, apresentando uma proposta de leitura dos seus sentidos.

Embora a Análise do Discurso tenha como fundador Michel Pêcheux, devemos lembrar que ele tomou por base a noção de Formação Discursiva, a partir de Foucault. Sendo assim, vejamos o que este autor nos trás:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão,

tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade (FOUCAULT, 2014, p. 47).

Apesar de a obra de Pêcheux se basear em Foucault, sua definição de FD é diferente. Para Pêcheux (1988), Formação Discursiva é:

[...] aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pela luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX 1988, p.160).

Sabendo-se que, para ele, “não se trata apenas da natureza das palavras empregadas, mas também de construções nas quais essas palavras se combinam”, podemos concluir, seguindo o autor, que “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que a empregam” (PÊCHEUX 1988, p. 160). Ressalte-se que levaremos em consideração essas ponderações na nossa pesquisa, para identificar a posição do sujeito em relação à FI e FD que se inscreve em determinado momento.

Sendo assim, apesar da diferença de pensamento entre os dois autores, vamos ousar trabalhar nas duas linhas, tendo em vista os pontos em que possam contribuir para a identificação das Formações Discursivas presentes no texto.

A partir de Foucault (2014), podemos, então, trabalhar, especialmente, os elementos de regularidade, tais como enunciados ou elementos imagéticos que tenham similaridade ou apareçam repetidamente. Vamos, também, verificar se se estabelecem correlações e contraposições que contribuam para a identificação das FDs que se materializem no vídeo.

Verificamos, ainda, que Pêcheux também entende a ideologia como um “conjunto de atitudes e representações” que se relacionam a partir da posição de classe em que os sujeitos estão inseridos. Tendo em vista esses fatores, verificaremos, em nossa análise, a posição do sujeito, levando em consideração a Formação Ideológica e, por consequência, a FD em que se inscreve, pois as Formações Discursivas são elementos do conjunto que compõe uma FI, sabendo-se que toda FD vem de condições de produção específicas (PÊCHEUX, 1975), de acordo com o lugar social que o sujeito ocupa, sendo este inserido no interdiscurso com seus pré-construídos.

Na carta em questão, buscaremos identificar os excertos que indiciam as duas vertentes de pensamento que podemos nomear Formações Ideológicas (FI). Buscaremos indícios de uma FI Socialista, dentro da qual vamos pesquisar indícios da Formação Discursiva Social Democrata (FDSD), e de uma FI Liberal, que, certamente, trará em seu interior uma Formação Discursiva Neoliberal (FDNL). Essas formações certamente estarão permeadas por diversas outras discursividades, das quais destacaremos aquelas que sejam mais relevantes à nossa análise.

Outro ponto que devemos ressaltar é que o fato de chamarmos o discurso da vertente à esquerda de Social Democrata guarda distância da conhecida sigla partidária⁷, e o fazemos a partir da **Carta de Princípios do Partido dos Trabalhadores** (1979), que diz: “O PT afirma seu compromisso com a democracia plena, exercida diretamente pelas massas, pois não há socialismo sem democracia nem democracia sem socialismo”. Verificamos, também, nesse contexto, a seguinte passagem do Título 1, Art.1º do **Estatuto dos Partido dos Tabalhadores** ([2012] 2017): “O Partido dos Trabalhadores (PT) é uma associação voluntária de cidadãos e cidadãs [...] com o objetivo de construir o socialismo democrático”. Verificamos, por fim, em declaração de Lula em entrevista ao Estadão de 12 de dez. 2006, a seguinte passagem, que corrobora nossa escolha pela denominação em questão: “Quem é mais de esquerda vai ficando social-democrata, menos à esquerda”. O título da matéria é **Lula diz que esquerda é pra jovem e caminha para o centro**.

Sabendo da natureza insólita das Formações Discursivas, não temos a pretensão de esgotar todas as FD's indicadas nesse discurso, uma vez que são abertas, permeáveis, e, por vezes, se entrecruzam. Vamos analisar o vídeo em quatro seções, buscando elementos que corroborem a nossa proposta de leitura.

Como indicado na introdução, a primeira seção trata da posição do sujeito no interior das FDs, onde vamos demonstrar a alternância de sua posição frente ao que chamamos discurso da FDSD e da FDNL. Na segunda seção, vamos buscar a materialidade daquilo que Lula representa, na e pela FDSD, através das práticas discursivas empregadas, textual ou imagetivamente. A terceira seção vai abordar a sugestão de conspiração e injustiça, pelos que se inscrevem na e pela FDSD, na qual vamos abordar também a comparação feita entre Lula e outros líderes

⁷ PSDB Partido da Social Democracia Brasileira.

mundiais. Na quarta seção, vamos identificar as materialidades que indiciam o reconhecimento internacional de Lula, também do ponto de vista da FDSD.

5.1 A posição do sujeito dentro das FD's

A presença do enunciador enquanto sujeito inserido na narrativa fica evidenciada, nos trechos abaixo, pela utilização dos verbos conjugados na 1ª pessoa do plural e pelos pronomes possessivos *nosso*, *nossa*, *nossas*:

1. E se condenarem Lula, o que temos com isso?
 20. E nós brasileiros queremos prender esse nosso cara.
 23. usaremos os mantras da hipocrisia,
 25. Façamos nossas escolhas.
 28. foi uma escolha nossa.
- (CANDIDATO..., 2016).

No excerto *E se condenarem Lula, o que temos com isso?*, o enunciador suscita uma hipótese sobre o que se poderia esperar do futuro de Lula⁸, inscrevendo-se na narrativa através do uso do verbo na 1ª pessoa do plural, colocando-se também como parte engajada numa Formação Discursiva Social Democrata, doravante FDSD, a qual se interessa pela defesa do ex-presidente. Questiona uma possível condenação e visa a um comprometimento por parte do enunciatário com a causa. Todavia, essa abordagem, em contrapartida, poderia trazer uma ação responsiva negativa, embora sirva também para expressar indiferença, bem como poderia ser facilmente rechaçada por aqueles que compartilham do ponto de vista de uma Formação Discursiva Neoliberal, doravante FDNL, com uma resposta imediata, popularmente falando: “E o quê que EU tenho com isso?”. Ou ainda, com o gesto “dar de ombros”: “não tenho nada com isso, não é comigo”.

Na sequência do discurso, há um deslocamento do enunciador, que se coloca como interlocutor. Nas palavras de Charaudeau (2006, p.287), interlocutor “é aquele que representa ao mesmo tempo o destinatário do sujeito falante e aquele que tem o direito de tomar a palavra em seu turno”, no momento em que estabelece um diálogo, não se inserindo na narrativa. Essa presença pode ser constatada no questionamento: *No final das contas sabem o que querem?* Além disso, o

⁸As condições de produção desse discurso encontram-se descritas no capítulo 01.

enunciador também não se insere na ação responsiva em sequência – *Querem prender o que o Lula representa* –, pois o *querem* se refere a terceiros, seus opositores, sem, no entanto, indiciar quem seriam *eles*.

Já na sequência *E nós brasileiros queremos prender esse nosso cara*, novamente podemos constatar que o sujeito encontra-se na posição de enunciador, no interior do discurso. Em seguida, cria-se uma tensão, uma contradição com *queremos prender, esse nosso cara*, pois se inclui, na linha da FDNL, sem, no entanto, desejar essa ação, uma vez que, enquanto voz do Partido dos Trabalhadores, filia-se à Formação Ideológica Socialista, FIS, e, conseqüentemente, na FDSD, que expressam um desejo oposto. Logo, percebemos que se trata de uma ironia, pois, para evidenciar o que, a seu ver, seria uma injustiça, usa o pronome demonstrativo *esse*, numa referência direta, e o possessivo *nosso cara*, para se assumir novamente na FDSD.

O enunciador também se inscreve no discurso, nos excertos 21 a 23, que formam a sequência discursiva: *Pra condenar o pobre que deu certo na vida, que fez o país dos pobres, deixar de ser pobre, usaremos os mantras da hipocrisia, dois patos se necessário*. Nessa sequência discursiva, percebemos outro momento de tensão, com o atravessamento da FDNL trazida pela expressão *Pra condenar*, que expressa objetivo, finalidade. Para alcançar o objetivo expresso pela última expressão, segundo o enunciador, seriam usados os *mantras da hipocrisia*. Nessa sequência emerge, novamente, a FDSD no discurso que indicia como injusto o fato de se prender alguém sem uma causa imputável, pois seria apenas pelo fato de conquistar uma posição pra si e também para seu país. Esse movimento é apresentado na expressão *que deu certo na vida* e também em *que fez o país [...]* *deixar de ser pobre*.

Retomando, então, o excerto 23, *usaremos os mantras da hipocrisia*, percebe-se a presença de ironia, pois não seria concebível que, tendo ressaltado uma injustiça, de alguma forma, o enunciador inscrito na FDSD pudesse corroborar um ponto de vista que contribui com a FDNL no sentido de uma condenação.

Nesse excerto apresenta-se a captura de vídeo 23, cuja referência direta é a Janaína Paschoal, que, junto com o procurador Hélio Bicudo e o advogado Miguel Reale Júnior, é autora do processo de *impeachment* contra Dilma Rousseff⁹ e

⁹A ação acusava Rousseff de crimes de responsabilidade por “pedaladas fiscais” e por créditos suplementares sem autorização legislativa.

manifestamente contrária ao PT e, por coerência, contrária também a Lula. É construída no vídeo como algoz.

Imagem 1 - Captura de vídeo 23 - usaremos os mantras da hipocrisia



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

No mesmo excerto em análise – *usaremos os mantras da hipocrisia* –, entendemos que o sentido da palavra *mantras*, em sua Formação Discursiva original do sânscrito, no campo da religião, diz respeito às palavras que, ao serem repetidas, criam atmosferas positivas, auspiciosas. Porém, no caso em análise, inscritas na FDSD, ao se atrelar à palavra *hipocrisia*, significam negativamente. Essa contradição e ou ironia dos “mantras” aparece na sequência de forma velada, uma vez que a palavra *corrupção* em si não aparece no discurso.

Imagem 2 - Captura de vídeo 24 - Dois patos se necessário



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Quais “mantras” seriam esses? A sequência discursiva *Dois patos se necessário*, cuja imagem faz referência direta ao “Sítio de Atibaia”, onde, como informado, inclusive em juízo, haveria um lago com dois pedalinhos, com os nomes dos netos de Lula, e que, embora não seja de sua propriedade, lhe foi atribuído

como fruto de corrupção.

A imagem dos pedalinhos dialoga com outra, trazida pela captura de vídeo 25, cujo símbolo se torna signo, por também estar impregnado de sentido ideológico: “O pato amarelo da FIESP”¹⁰. Em um primeiro momento, o mencionado pato amarelo representava o aumento de impostos em setembro de 2015 e estava atrelado à expressão “não vou pagar o pato”. Posteriormente, sua presença nas manifestações pró-*impeachment*, enquanto signo, remete ao posicionamento da FDNL.

Imagem 3 - Captura de vídeo 25 - Façamos nossas escolhas



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

As figuras do cisne do pedalinho ou do pato amarelo também poderiam ser associadas à principal figura da operação Lava Jato, o, então, Juiz Sérgio Moro, que foi rotulado, pelos que se inscrevem na FDSD, com a expressão “marreco de Maringá”, cuja origem não foi possível identificar.

A análise da expressão *dois patos* apresenta resultados interessantes aos objetivos deste trabalho. Veja-se, na caputa 24, refere-se aos pedalinhos, que, em sua FD original, ou seja, uma embarcação ou instrumento de diversão. A expressão sofre um deslocamento quando interpelada pela ideologia da FDNL, e se constitui como uma das representações da corrupção atribuída a Lula e ao PT como um todo. A imagem dos pedalinhos é ressignificada pelo interdiscurso dos campos jurídico e midiático como a própria materialidade da “*corrupção*”. Eis a palavra chave, mantra principal em nome da qual tudo se justifica, uma vez que a principal bandeira da Formação Ideológica Liberal (FIL) é o combate à corrupção.

¹⁰O artista plástico holandês Florentijn Hofman acusa a Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) de plagiar, em sua campanha contra aumento de impostos chamada **Não vou pagar o pato**, a obra Rubber Duck (ou pato de borracha), foi exposta em São Paulo, em 2008, e em cidades como Amsterdã e Hong Kong”. (SENRA, 2016).

Precisamos, também, mencionar Paschoal no discurso, como uma das principais personagens do combate à corrupção. Vale mencionar que, no discurso proferido por ela na ocasião retratada pela captura de vídeo 23, ela se apresenta como figura “ilibada”, e, por isso, com autoridade suficiente para, “em nome de Deus e dos cidadãos de bem”, participar da liderança desse movimento, proporcionando um deslocamento do discurso político para o discurso religioso alinhado à FDNL.

Já o pato amarelo retratado pela captura de vídeo 25 é um signo que foi apropriado pelo discurso da FDNL, neste caso, representado pelos industriais de São Paulo como um contraponto à corrupção, simbolizando o discurso *não vamos pagar o pato*. Esse outro “mantra” da FDNL, cuja recusa à ação de *pagar o pato* aparece como ação responsiva aos aumentos de impostos no governo Dilma, soa como um “antídoto” ideológico contra corrupção. Ao proferir esse “mantra-manifesto”, ao que parece, trata-se de um desbafo, de uma sensação de alívio temporário, e apenas isto, pois não significa que aqueles que o proferiram se tornaram, efetivamente, sonegadores de impostos, a não ser que pese a convicção e o entendam como um “desonerador de consciências”.

Em *Façamos nossas escolhas* há um convite, em que o enunciador se inclui e convida o enunciatário a escolher. Escolher uma coisa implica abrir mão de outra, logo, no discurso aqui analisado, colocam-se em confronto as duas FD's. O enunciador, inscrito na FDS, conclama a uma tomada de posição: Ou se está a favor do pato amarelo, do *impeachment* de Dilma e tudo o que vem com ele, portanto, favorável à FDNL, ou se está a favor da FDS com Dilma, Luiz Inácio e o *que ele representa*.

Outra situação que podemos observar é o uso do verbo na 3ª pessoa do plural:

1. E se condenarem Lula, o que temos com isso?
 2. No final das contas sabem o que querem?
 3. Querem prender o que o Lula representa
 16. Mas o mundo é assim, de tempos em tempos prendem um Lula.
 17. Às vezes até matam.
 26. Os juízes agora serão todos os brasileiros que gritarem ou que se calarem.
 27. Se condenarem a Lula e tudo que ele representa,
- (CANDIDATO..., 2016).

Nesse conjunto de excertos verifica-se a indeterminação do sujeito nas frases pelos verbos *condenarem*, *sabem*, *querem*, *prendem*, *matam*, *gritam* e *calarem*. Ali, fala-se do pensamento de terceiros, indiciando que o sujeito não se alinha à

Formação Discursiva em questão, uma FDNL. Logo, o sujeito não se inclui dentre aqueles que condenam, prendem, matam.

Pontuamos a tensão existente ao longo da carta no que tange à presença do sujeito em duas posições na mesma frase:

1. E se condenarem Lula, o que temos com isso?
20. E nós brasileiros queremos prender esse nosso cara.
26. Os juízes agora serão todos os brasileiros que gritarem ou que se calarem. (CANDIDATO..., 2016).

Condenar e prender são verbos que indiciam o discurso da FDNL, utilizados na 3ª pessoa do plural. O uso desses estabelece a tensão entre as duas FDs – a neoliberal e a social democrata – uma vez que a condenação e a prisão daqueles que defendem, historicamente, o socialismo, são marcadamente reconhecidas na história da política mundial.

Há outro momento de tensão em 26: *Os juízes agora serão todos os brasileiros que gritarem ou que se calarem*. Reginaldo Lopes, por estar na posição de locutor, poderia usar *seremos*, na 1ª pessoa do plural, e se incluir enquanto “juiz”, como brasileiro que é. Convida a uma tomada de posição e, nesse momento, não se posiciona, embora seja possível verificar sua inscrição na FDSD e seu comprometimento com a defesa de Lula, na captura abaixo, na qual assume a autoria da carta.

Imagem 4 - Captura de vídeo 29 – foi uma escolha nossa



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Uma vez assumida a autoria do discurso e que já verificamos as alternâncias da posição do sujeito em seu interior, passemos agora à questão do quê Lula *representa* e o que entendemos pela representatividade no interior da FDSD com suas marcas e características materializadas na carta.

5.2 O que Lula representa na e pela Formação Discursiva Social Democrata - FDSD

A representação de Lula no âmbito da FDSD, certamente, vai além do que conseguiremos apresentar nesta dissertação, pois se trata do espaço discursivo do clássico sujeito do inconsciente a que Lacan e Pêcheux se referem, uma vez que a subjetividade e a memória do sujeito é que vão dizer da representatividade.

Entendamos a questão da representatividade. Segundo o dicionário Priberam, o *representar*, enquanto verbo transitivo direto é: trazer à memória, significar, ou simbolizar. Essas ações são essencialmente subjetivas.

Por serem subjetivas, elas significam, para cada um de nós, de maneira diferente e de forma relativa às experiências individuais vividas. Eis a dificuldade de se definir *o que Lula representa*. Vamos, então, buscar na materialidade da carta os indícios da representação na e pela FDSD.

A palavra *representa* aparece grafada no texto quatro vezes e, oculta em frases, por outras seis vezes. Vejamos o que dessa representação podemos perceber em três sequências discursivas:

Sequência discursiva 01 (SD01):

3 Querem prender o que Lula *representa*.

4 Lula *representa* o pobre que virou patrão.

5 [Lula *representa*] O pobre que deixou de ser pobre.

6 [Lula *representa*] O pobre que venceu na vida mais que o filho do rico que estudou no exterior.[...]

Sequência discursiva 02 (SD02):

11 Lula *representa* o país pobre, que vinha deixando de ser pobre.

12 [Lula *representa* o país] que vinha deixando de ser analfabeto.

13 [Lula *representa* o país] que vinha deixando de ser racista.

14 [Lula *representa* o país] que vinha deixando de ser machista.

15 [Lula *representa* o país] que deixou de ser o país da seca e da fome.[...]

Sequência discursiva 03 (SD03):

27 Se condenarem Lula e tudo que ele *representa*,

28 foi uma escolha nossa. (CANDIDATO..., 2016). Grifos nossos.

Observando a SD01, excerto 3, *Querem prender o que o Lula representa*, verifica-se que sua representação se refere a algo além de sua pessoa. Se um dos significados do verbo transitivo direto *representar* pode ser *simbolizar*, poderíamos transpor o excerto 3 para: *Querem prender o que Lula simboliza*, sem que o sentido sofra maiores alterações, do ponto de vista gramatical.

Passemos à pergunta *O que Lula simboliza?*. Quando entendemos que um símbolo, interpelado pela ideologia, torna-se signo, podemos dizer que essa significação (ou representação) da figura de Lula está, inegavelmente, ligada à Formação Ideológica Socialista, ou seja, podemos afirmar que há uma carga ideológica socialista ligada a essa representação. Trata-se, portanto, de uma consolidação da identidade de Lula, pois há uma associação direta entre a figura de Lula e a ideologia socialista¹¹.

Quanto ao que Lula *representa*, materialmente falando, temos em suma:

- a- O pobre que virou patrão, deixou de ser pobre e venceu na vida.
- b- O país pobre, que vinha deixando de ser pobre, analfabeto, racista e machista.
- c- O país que deixou de ser da seca e da fome.

Observamos que, em [a] e [c], temos verbos no passado, ações dadas como concluídas, definitivas; já em [b] temos locução verbal com verbo no gerúndio, o que indica uma ação que estava em curso, que estava acontecendo gradativamente e, como estava acontecendo, mas não estava concluída, poderia deixar de se concretizar. Portanto, poderia deixar de acontecer. Essa construção marca a instabilidade de alguns aspectos da justiça social que estavam sendo praticados e asseverados e que, num novo cenário, não mais o seriam.

Na SD01, excerto 4, *Lula representa o pobre que virou patrão*, há uma representação de Lula como alguém capaz de fazer com que se realize o sonho de todos aqueles que almejam uma vida melhor. Há, por assim dizer, um “poder” na expressão virar patrão, um poder de passar a mandar, além de estar implícito um deixar de ser mandado. Pode-se dizer que há a representação de uma capacidade de transformação, deixar de ser uma coisa e tornar-se outra.

No excerto 5, também da SD01, *Deixar de ser pobre* não é o mesmo que enriquecer, que seria ter recursos para além da necessidade. O *ser pobre* diz de uma situação em que há mais necessidades do que recursos, logo, o *deixar de ser pobre* poderia ser um indício de que os recursos estariam se equiparando às necessidades, ou seja, seriam suficientes para cobri-las.

¹¹ Em termos empíricos, pois não localizei resultado de pesquisa que pudesse comprovar cientificamente essa afirmação, que poderia ser objeto de estudo, bem como a equiparação de termos ligados à Formação Ideológica Socialista. Para os que compartilham da Formação Ideológica Liberal, parece não haver diferença entre os adjetivos esquerdista, socialista, comunista, marxista e vermelhos, que, de um modo geral, possuem o mesmo sentido, especialmente nas redes sociais, com pouca ou nenhuma distinção.

Já o *vencer na vida*, trazido pelo excerto 6 da mesma SD, é subjetivo, tem ligação com os objetivos e os sonhos de cada um de nós, mas, em termos gerais, diz de alcançar uma condição desejada.

Apesar da vida pessoal de Lula ser um *corpus* biográfico relevante, vamos nos restringir à sua vida política: Lula, de fato, venceu na vida. Em que pesem, na sua trajetória de vida pública, os demais cargos eletivos aos quais se candidatou, vamos nos ater ao fato de maior relevância: almejou ser Presidente da República e se tornou Presidente da República Federativa do Brasil.

Em 2002, contou com a permissão de quase cinquenta e três milhões de votos para tal e, em 2006, de mais de cinquenta e oito milhões de votos¹². Brasileiros que fizeram uma escolha por um programa de governo que preconizava um país com menos desigualdade social, dirigido a partir da ótica da FIS.

Pois bem, vamos verificar, agora, o que nos trazem, em suas imagens, as capturas de vídeo referentes à SD01:

Imagem 5 - Captura de vídeo 3 - Querem prender o que o Lula representa



Font

e: (CANDIDATO..., 2016).

Lula aparece em foto monocromática, de autoria de Ricardo Stuckert¹³, em 27 de setembro de 2010, na Zona Norte de São Paulo, por ocasião do último comício de Dilma. Ele aparece em um palanque, com microfone na mão, em uma noite chuvosa, bem agasalhado, discursando.

Sendo assim, podemos dizer que essa imagem dialoga com a frase de **Os sertões**, de Euclides da Cunha, "O sertanejo é, antes de tudo, um forte". Essa aproximação é possível tendo em vista as origens de Lula, nordestino do interior,

¹² Interessante observar que, em 2002, Lula venceu em todos os estados, exceto Alagoas. Em 2006, apesar de receber praticamente cinco milhões de votos a mais, o perfil de seu eleitorado se alterou ao longo dos 4 anos de seu 1º mandato, pois venceu em Alagoas e perdeu nos três estados da Região Sul e também em SP, MS e MT e RR.

¹³ Publicada em A verdade vencerá, de Ivana Jinkings.

cujo termo mais apropriado é “sertanejo”.

Podemos dizer que as capturas de imagem 4 e 5 dialogam entre si.

Imagem 6 - Captura de vídeo 4 - Lula representa o pobre que virou patrão



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Imagem 7 - Captura de vídeo 5 - o pobre que deixou de ser pobre



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

O diálogo entre essas imagens mostra o menino de origem pobre que “virou” Presidente da República. O antes (Lula menino pobre) e o depois (Lula Presidente do Brasil), o percurso seguido por Lula, que fez com que aquele menino conseguisse conquistar uma posição na sociedade, fala da capacidade de transformação de uma trajetória de vida.

Em relação, especificamente, à captura de imagem 5, podemos ressaltar o ritual de subir a rampa do Palácio do Planalto. Observamos que o “ato de subir” poderia ser associado à expressão *veio de baixo* e conseguiu subir (esta, pressuposta), inerente à *origem humilde*, em consonância com a legenda: *O pobre que deixou de ser pobre*. Esse conjunto apresenta o mérito de ser reeleito, em 2006, com mais de 57 milhões de votos, mas também constrói a imagem de homem que lutou e lutará. Ousáramos dizer que, paralelamente a essa imagem de luta e de conquista individual, há uma imagem de alguém que continuará a olhar pelos que ainda estão em situação de pobreza. É, portanto, caracterizado como um vencedor e como quem não esquecerá suas origens.

No excerto 5, *[Lula representa] O pobre que deixou de ser pobre*, há um pressuposto de melhoria de vida. Essa melhoria de vida de Lula, apresentada no vídeo, se aproxima daquela a que, em especial, o povo nordestino teve acesso, uma vez que, durante o governo Lula, muitos brasileiros também tiveram a oportunidade de melhorar de vida (CABRAL, 2010).

Imagem 8 - Captura de vídeo 5a - O pobre que deixou de ser pobre



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Na imagem acima, a qual denominamos 5a e que tem a mesma legenda do excerto 5 (*O pobre que deixou de ser pobre*), Lula aparece segurando um chapéu da indumentária nordestina, branco quando o mais usual é o de couro cru, indiciando uma referência a suas origens, acionando a memória afetiva, especialmente, de seus conterrâneos. Trata-se, como se sabe, de um item do vestuário do vaqueiro nordestino, usado para proteção contra o sol e espinhos da caatinga. Entretanto, podemos verificar que, enquanto signo, há um deslocamento de seu significado de *peça de vestuário*, para *elemento de identificação regional*.

Assim sendo, o uso desse chapéu estabelece uma identificação com o povo nordestino. Todo “bom” candidato a presidente já usou/posou ou ainda usará um chapéu como esse, em alusão a um sentimento de pertencimento, “eu sou um de vocês”, o que, no caso de Lula, é fato, embora o uso do chapéu por ele, também, seja apenas eventual.

Verificamos, durante a pesquisa realizada para a elaboração desta dissertação, o uso do chapéu de couro, também branco, por Geraldo Alckmin, conforme noticiado¹⁴ na campanha à Presidência em 2018. Entendemos ser essa

¹⁴Na foto que ilustra matéria de Rodolfo Borges, em 22/08/2018, do El País “Alckmin encara o árduo desafio de virar presidente sem conquistar o Nordeste. Tucano tem apenas um palanque relevante na região que concentra um quarto do eleitorado nacional. Melhor resultado de um candidato do PSDB entre os nordestinos foi de 28% nas últimas eleições”, Alckmin aparece de chapéu de couro branco, durante viagem a Petrolina.

uma estratégia de aproximação com boa parte do eleitorado brasileiro, representada pelo Nordeste. Quem não sonharia reverter os números a seu favor em uma eleição presidencial? Nesse caso, qualquer remissão ao carisma de Lula não seria uma mera coincidência.

Imagem 9 - Captura de vídeo 6 - mais que o filho do rico que estudou no exterior



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Na SD01, excerto 6, temos a sequência completa [Lula representa] *O pobre que venceu na vida mais que o filho do rico que estudou no exterior*. A captura de vídeo 6 é a terceira da sequência, que complementa a frase. Essa imagem representa um momento histórico na política brasileira, caracterizado discursivamente como sendo aquele em que o operário, pelo voto popular, pela primeira vez, ascendeu à posição de Presidente da República do Brasil.

O momento retrata, para além da convergência do texto da carta com a imagem, o resultado de um embate, de uma luta de classes: de um lado, Lula, o *pobre*, que veio do sertão nordestino, com pouca escolaridade, o proletário, autêntico representante do pensamento da FIS, recebendo a faixa presidencial, *venceu na vida*; de outro lado, Fernando Henrique Cardoso, *filho do rico que estudou no exterior*, carioca da classe média/alta, de família de políticos e militares, estudou na Universidade de Paris, o burguês, legitimamente inscrito na FIL.

A análise dessas imagens nos leva a perceber que o linguístico-discursivo dialoga diretamente com o imagético apresentado, na medida em que o enunciador constrói imagem da capacidade de Lula, o qual, mesmo não tendo a escolaridade “desejável” para o maior cargo do Poder Executivo no país, conseguiu, através do voto, alcançar esse patamar. Na imagem, Lula recebe a faixa de Fernando Henrique, o Presidente Sociólogo, com a melhor escolaridade dentre os antecessores.

Em relação à expressão *o pobre que venceu na vida*, há, do ponto de vista gramatical, a construção de uma restrição e, até, de uma exclusão, de membros do grupo veiculado pelo termo *pobres*. Observamos que, da maneira como foi construído o enunciado, Lula não representaria todo e qualquer pobre, não representaria os demais pobres, os que não venceram; somente os que venceram na vida. Ademais, cabe a pergunta: Lula representaria apenas o *pobre*? Entendemos haver um apagamento de sua representação em relação às demais classes sociais, em termos de menção no texto da carta. Todavia, na captura de vídeo 6, observamos a presença de seu Vice-presidente, José Alencar, empresário e articulador junto a esse setor da economia, que também foi atendido pelas políticas de fomento de seu governo, assim como a agroindústria o foi. Portanto, percebemos nisso uma aproximação da FDNL, logo, um distanciamento da FDSD.

O advérbio de intensidade *mais*, no excerto *mais que o filho do rico que estudou no exterior*, aciona, no imaginário social, os discursos sobre as pessoas bem nascidas, que sempre tiveram oportunidades de instrução na vida. Constrói, também, no enunciado em análise, um distanciamento em relação a Lula, que, ao contrário, de origem humilde, teve pouca escolaridade formal. Seria, principalmente por seu significado, uma marca que atribui mais capacidade a Lula que ao *filho do rico que estudou no exterior*.

Diga-se, também, nesse contexto, que as expressões *o filho do rico*, referindo-se àquele que tem direito e acesso a bens materiais, e, por consequência, foi bem cuidado, e “a sorte sempre lhe sorriu” consistem em enunciados apropriados pela FDSD, e, desse ponto de vista, inclusive discriminatórios em relação àqueles mais abastados. Essas expressões, mormente a primeira, dialogam com a expressão “filhinho de papai”, que, normalmente, é usada no sentido pejorativo.

O uso da expressão *estudou no exterior* assume um sentido típico de valorização do que vem de fora, presente no discurso das classes média e alta, que valorizam experiências de intercâmbio e viagens de lazer em terras estrangeiras. Nisso vemos um dissenso da FDSD assumindo o discurso da FDNL.

Passando à análise da SD02, quanto à expressão *vinha deixando de ser*, presente nos excertos 11 a 14, diga-se que, embora seja uma sequência discursiva inscrita na FDSD, vem trazer um novo ponto de tensão. Essa expressão traz implícita a possibilidade, construída como indesejável, ou mesmo o medo da perda: *de se voltar a ser pobre, de se perder o acesso à educação, de se perderem os*

direitos e o respeito à população negra, de que as posturas de violência contra a mulher aumentem e que seus direitos possam ser diminuídos, suprimidos ou simplesmente ignorados. Esses riscos ficam associados a medidas que visavam a mitigar os efeitos da dívida histórica.

O medo de perder diz de um apego ao que se considera ser bom e tende a despertar a memória afetiva.

Esse cenário permite-nos pensar um pouco em uma questão paralela, mas muito presente: o analfabetismo, o qual, muitas vezes, foi associado à imagem de Lula em campanhas outras e, geralmente, volta à tona quando um candidato de origem humilde alcança um cargo eletivo. Exemplo bem atual é o do Palhaço Tiririca, que esteve em vias de perder seu mandato sob a alegada condição de ser analfabeto.

Em relação, portanto, ao analfabetismo, cuja referência se faz presente no excerto 12 da SD02, diga-se que, desde muito tempo, vem sendo considerado como uma “deficiência” do indivíduo, o que ganhou força no mundo contemporâneo. Considera-se que uma pessoa analfabeta está privada do mundo da informação. Se pensarmos desse modo, deixar de ser analfabeto, ou ser alfabetizado, representa acessibilidade à informação, trata-se de inclusão. Esse cenário, associado ao fato de Lula ter subido na vida, sem ter estudado no exterior, reforça a imagem vitoriosa do ex-presidente e cria uma esperança para o não alfabetizado: há uma luz no final do túnel, afinal, Lula veio de onde eu vim.

Por outro lado, podemos considerar, também, a partir da história nacional, que o analfabetismo é condição favorável para a classe dominante. Um povo analfabeto é um povo subjugado, e mantê-lo assim pode ser estratégico para o pensamento Ideológico Liberal. Logo, quando colaboram para manter o outro nessa condição, contribuem para a FDNL. Consideramos esse um alerta e, enquanto tal, um dos pontos mais importantes presentes na carta, inscrito na FDSD.

Também se inscrevem na FDSD os alertas sobre o racismo e o machismo. Tais alertas sempre existiram, mas, em 2016, davam mostras mais efetivas de como estão presentes na sociedade brasileira.

Retomemos a questão da *representação*, abordando, agora, a SD02, na sequência de excertos, em que há uma identificação com alguns aspectos da FDSD e uma (des)identificação com aspectos da FDNL, simultaneamente:

- 11 Lula *representa* o país pobre, que vinha deixando de ser pobre;
 12 [Lula *representa* o país] que vinha deixando de ser analfabeto;
 13 [Lula *representa* o país] que vinha deixando de ser racista;
 14 [Lula *representa* o país] que vinha deixando de ser machista;
 15 [Lula *representa* o país] que deixou de ser o país da seca e da fome. (CANDIDATO..., 2016). Grifos nossos.

Nas passagens transcritas acima, constrói-se uma identificação do sujeito com os ganhos que Lula representou: desenvolvimento econômico; melhores oportunidades na área da educação; políticas de respeito à diversidade contribuindo para amenizar os efeitos do preconceito e da violência contra negros e mulheres. Todo esse conjunto diz de um trabalho de inclusão e, como tal, se alinha com a FIS.

O sujeito, por outro lado, é construído discursivamente como aquele que se (des)identifica com a nova realidade que se apresentou durante o governo do Presidente Temer. Como exemplo dessa (des)identificação, podemos citar um balanço de sua gestão, em que são apresentadas algumas das medidas do governo Temer, das quais constatamos: “O MinC foi mantido, mas outras pastas, como as secretarias especiais para a Igualdade Racial e dos Direitos das Mulheres perderam status, estrutura e orçamento.” (SARTORATO, 2018). Obviamente, esse sujeito também se (des)identifica com o analfabetismo, com a seca e a fome, situações a que retornaremos mais adiante.

Há, nesses excertos, a possibilidade de construção de uma inferência, uma vez que não há materialidade linguístico-discursiva ou imagética, que, a nosso ver, possa ser feita por analogia ou afinidade ideológica: Lula representa e tem a simpatia de outros grupos desfavorecidos, os quais se sentem constantemente ameaçados em seu direito à vida.

Aqui, abrimos parêntese. Nas sequências discursivas apresentadas abaixo, para além da questão da representação e reconhecimento, há, entrecruzando-se por muitas vezes, marcas de inclusão e exclusão que transitam pelo vídeo, sendo a principal delas a palavra *pobre*, grafada nove vezes ao todo. Por isso, vamos, aqui, rever os excertos dessas sequências discursivas que a destacam:

SD02

4 Lula *representa o pobre* que virou patrão;

5 O *pobre* que deixou de ser *pobre*;

6 O *pobre* que venceu na vida, mais do que o filho do rico que estudou no exterior (CANDIDATO..., 2016).

SD04

11 Lula representa o país *pobre* que vinha deixando de ser *pobre* (CANDIDATO..., 2016).

SD06

21 Pra condenar o *pobre* que deu certo na vida;
22 que fez o país dos *pobres* deixar de ser *pobre*.
(CANDIDATO..., 2016). Grifos nossos.

Lembramos, em primeiro lugar, especificamente em relação à filosofia marxista, que a escolha por um lado ideológico é sempre uma tomada de posição: ou se está a favor dos pobres e dos menos favorecidos, ou se está contra eles. Daí a relevância do estudo da presença da palavra *pobre* ao longo da carta, obviamente, inserida na FDSD e, conseqüentemente, na FIS, pois, geralmente, a palavra é usada para marcar uma exclusão.

A pobreza é caracterizada, no Brasil, pelo IBGE, em 2016, “de acordo com o critério adotado pelo Banco Mundial, que considera *pobre* quem ganha menos do que US\$5,5 por dia nos países em desenvolvimento”, equivalente, em novembro de 2019, a R\$689,70/mês¹⁵, menos que um salário mínimo. O termo *pobre*, no vídeo objeto desta dissertação, foi usado em referência a *aqueles que mais precisam*.

A questão da pobreza tem, em seu enfrentamento, uma bandeira, mas não só uma bandeira, um projeto do governo Lula, reconhecido também em outras partes do mundo, haja vista o título, que ele recebeu da ONU, de campeão mundial no combate à fome e à desnutrição infantil, como trouxemos no Capítulo 2.

Igualmente, verificamos que há o uso repetitivo da palavra *pobre*, o que a enfatiza discursivamente: ao mesmo tempo em que se inscreve na FDSD por se solidarizar com os pobres, também nega essa condição pelo desejo de *deixar de ser pobre*, aproximando-se, assim, da FDNL.

Retomando a SD02, das capturas de vídeo 11 a 15, verificamos, nas construções desses excertos, a presença de três tempos: num tempo antes de Lula, que seria uma era de exclusão; nos tempos de Lula e Dilma, que aqui consideramos como uma era de inclusão; e no tempo de Temer, no qual a era da exclusão estaria voltando.

A expressão *vinha deixando de ser* diz de uma situação em que, anteriormente, estavam presentes o analfabetismo, o racismo e o machismo, que foram combatidos durante o governo Lula, ao passo que esse combate, durante o governo Temer, perdeu intensidade a partir das ações tomadas, ou da falta delas.

¹⁵ Dólar a R\$ 4,18, fonte: Clipping PUC Minas - 18-11-2019

Houve, durante o governo Lula, a inclusão desses grupos, que se deu a partir de uma melhor disseminação e fomento dos programas educacionais; do destaque dado à cultura negra, que é popularmente chamado de “empoderamento”; e do aumento dos cuidados com a saúde e a proteção da mulher. Tem-se, aí, na inclusão em si, uma conquista. Mas o pressuposto da expressão *vinha deixando de ser* é de que o país *está voltando a ser* analfabeto, racista e machista, durante o governo Temer, o que inscreve esses grupos novamente no estatuto da exclusão, à medida que não se encontram representados, como mencionado em outros momentos desta dissertação.

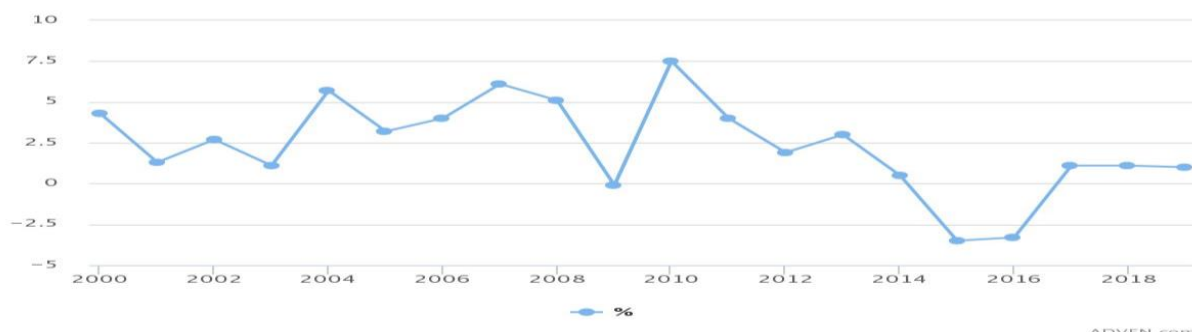
Imagem 10 - Captura de vídeo 11 - Lula representa o país pobre que vinha deixando de ser pobre



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Nessa captura de vídeo, Lula aparece em primeiro plano, com o olhar para o alto, junto com a legenda *Lula representa o país pobre que vinha deixando de ser pobre*. Esse quadro pressupõe que o *deixar de ser pobre*, no momento do vídeo, não seria mais algo factível ou alcançável, seria apenas uma “lembrança”. Indicia que, no governo de Temer, o país não estaria mais enriquecendo. Essa construção poderia ser apenas a apresentação de um indício, mas, ao nos determos na verificação da evolução do Produto Interno Bruto (PIB) - índice cujo objetivo é de mensurar a atividade econômica de uma região - constatamos:

Grafico 2- PIB brasileiro anual de 2000 a 2018

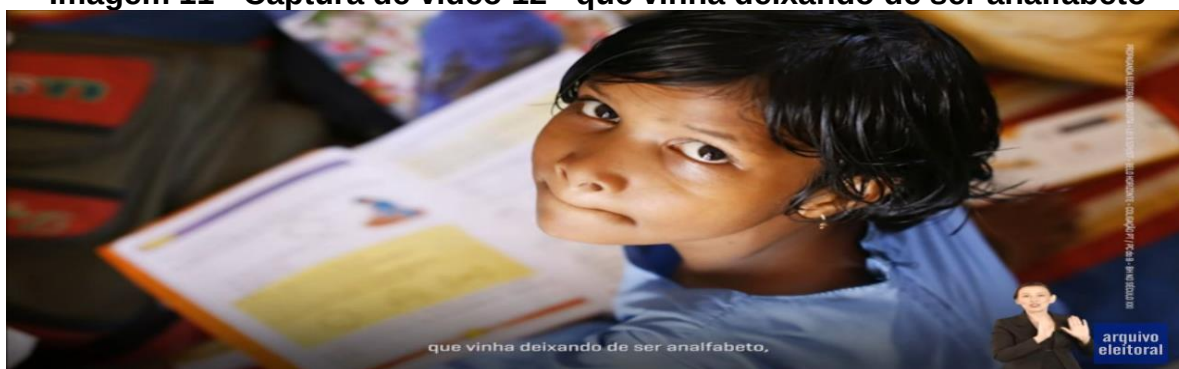


Fonte: (ADVFN, 2019)

Como se pode observar a partir do gráfico acima, em 2010, último ano do governo Lula, o PIB teve o maior crescimento do período, chegando a 7,5%. Em contrapartida, teve seu menor índice em 2015 e 2016, durante o governo Temer, quando foram constatados índices negativos: -3,5% e -3,3%, respectivamente.

Dando sequência, na captura de vídeo 12, apresentada acima, a expressão *Que vinha deixando de ser analfabeto* traz o pressuposto de que Temer não deu a devida atenção à educação. Como se sabe, nesse governo, houve a polêmica causada pela retirada, ou não, do curso de Filosofia ¹⁶do currículo básico.

Imagem 11 - Captura de vídeo 12 - que vinha deixando de ser analfabeto



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Assim, na captura acima, a partir da imagem escolhida, de uma menina usufruindo um seu direito de estudar, ressalta-se a possibilidade de acesso à educação, mesmo nos lugares mais distantes dos grandes centros urbanos, uma

¹⁶ Seria esse o maior pesadelo do sistema? Se sem acesso à educação um pobre chegou a ser presidente, imaginem se programas como o Programa Universidade para Todos (PROUNI), e o Ciências sem fronteiras criarem novas oportunidades para a classe baixa? A propósito, o Prof. José Luis Quadros de Magalhães do Direito da PUC Minas e Maria Luiza Costa Magalhães (2017, p. 209), sublinham em seu artigo, **Reflexões sobre a crise brasileira: o golpe**, uma observação que expressa bem essa situação: “vemos escrito nos muros e camisas, a casa grande surta quando a senzala aprende a ler”

vez que seu tipo físico se assemelha às populações indígenas. Esses povos foram contemplados por projetos de Lula, desde a Constituinte, como já dissemos na Introdução.

Como remissão, melhor seria usar o termo *menção*, à discriminação, pois ainda na SD02 temos:

Imagem 12 - Captura de vídeo 13 - que vinha deixando de ser racista



Fonte: (CANDIDATO..., 2016)

Em relação à captura acima, observa-se a passagem *Que vinha deixando de ser racista*, a qual traz o pressuposto de que, no governo Temer, havia poucos negros ocupando cargos de 1º escalão. Esse cenário construiu para tal governante a imagem de racista. Lula, por outro lado, em seu governo, beneficiou a população negra, de diversas maneiras, a exemplo da implantação do sistema de cotas raciais nas universidades públicas brasileiras.

E temos ainda outra forma de discriminação explandada no vídeo. Vejamos o excerto 14:

Imagem 13 - Captura de vídeo 14 - que vinha deixando de ser machista



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

A captura acima traz o pressuposto de que também havia poucas mulheres em cargos do 1º escalão do governo Temer. Lula, ao contrário, tinha, como Ministra

da Casa Civil, Dilma Rousseff, a quem, posteriormente, ajudou a se eleger e sucedê-lo. Nesse caso, esses fatos apresentam-no como respeitoso à capacidade e aos direitos das mulheres.

Quanto ao excerto 15, da SD02, como dissemos, observam-se verbos no passado, os quais indicam ações dadas como concluídas. Essa forma de expressar apresenta como concluídas a *seca* e a *fome*, construindo esse fato como um legado pós-governo Lula. Dizem, enfim, de uma situação que soa como definitiva. Verifiquemos a imagem presente na captura de vídeo 15:

Imagem 14 - Captura de vídeo 15 - que deixou de ser o país da seca e da fome



Font

e: (CANDIDATO..., 2016).

Essa imagem dialoga com a letra da marchinha de carnaval *Lata D'Água*, do compositor Candeias Júnior, interpretada, entre outros, por Marlene, cantora da **Era de Ouro** do rádio:

Lata d'água na cabeça
Lá vai Maria, lá vai Maria
Sobe o morro e não se cansa
Pela mão leva a criança
Lá vai Maria

Maria lava roupa lá no alto
Lutando pelo pão de cada dia
Sonhando com a vida do asfalto
Que acaba onde o morro principia
(Joaquim Antônio Candeias Júnior, 1952)

Seus versos remetem à questão da fome, apresentada como situação histórica quase permanente, como algo que, de fato, precisava acabar, assim como à seca, construída como algo que muito pouco foi saciado, antes do governo Lula.

Assim, entre a imagem acima e a letra da marchinha, temos em comum a luta

diária da mulher pobre, quer seja na cidade, quer seja no campo, para suprir as necessidades básicas, suas e dos seus, *lutando pelo pão de cada dia*, para não *passar fome*. Tal imagem indicia a exclusão social, mas também a persistência, o cuidado com o outro, uma vida dura e o sonho de uma vida melhor.

Retomando o excerto 15, percebe-se a seguinte construção: [Lula representa] *o país que deixou de ser o país da seca e da fome*. Esse enunciado fortalece a imagem do homem que se lembrou do povo sofrido do Nordeste, levou água a boa parte do sertão e instituiu auxílios. Diga-se, quanto a estes, que integrantes de uma Formação Discursiva de viés neoliberal buscaram construir uma imagem de que tais ações seriam paternalistas, mas, na prática, tais recursos possibilitaram que grande parte da população carente pudesse fazer as tão sonhadas “três refeições por dia¹⁷”.

Quando o enunciador afirma que o Brasil *deixou de ser o país da seca e da fome*, verifica-se, através da materialidade dessa passagem, o pressuposto de uma situação consolidada, o que é construído com a utilização de estrutura de pretérito perfeito. Essa estratégia dá a entender que não seria mais possível haver retrocesso quanto a esse tema¹⁸.

Em resumo, podemos verificar que, na SD02, o que há em comum entre ser *pobre, analfabeto, racista, machista* e conviver com a *seca* e a *fome* é o fator da *exclusão social*, que atinge diretamente o proletariado, em termos da ideologia marxista. Sendo assim, podemos identificar *o deixar de ser* como parte do discurso da FIS que defende que as pessoas tenham acesso a todas essas possibilidades de igualdade ou equidade quanto às suas necessidades básicas ou direitos em sua

¹⁷ Vejamos o que Lula nos trouxe em seu discurso de posse em 2003:

“Apoiaremos os esforços para tornar a ONU e suas agências instrumentos ágeis e eficazes da promoção do desenvolvimento social e econômico, do combate à pobreza, às desigualdades e a todas as formas de discriminação, da defesa dos direitos humanos e da preservação do meio ambiente[...] defini entre as prioridades de meu Governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de Fome Zero. Como disse em meu primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida”.

¹⁸A prática demonstrou tratar-se de uma quimera para todos que compartilhamos da FDSD e esperamos viver em um mundo mais solidário. Infelizmente, essas mazelas estão voltando a assombrar: a população de rua tem aumentado, a pobreza extrema dá mostras de se aproximar e, com ela, certamente a fome (em Belo Horizonte, foi contrastado o senso da PBH de 1998, quando eram 1.120 moradores de rua, com o de 2017, quando aquele número passou para 4.553 moradores de rua: aumento de 306%). Pode-se dizer, desse cenário, que pouco se “planta água” e os níveis de desmatamento e de queimadas têm castigado o território brasileiro, nos aproximando de um cenário de seca intensa (Em 19/08/2019, “o dia virou noite em São Paulo devido à poluição e às queimadas; o céu ficou completamente escuro por volta das 16h,” segundo Maria Baqui, do Correio Brasiliense).

diversidade.

Passando à sequência discursiva SD03, excerto 03, pode-se continuar a tratar a representatividade, a partir do seguinte enunciado: *Se condenarem Lula e tudo que ele representa, foi uma escolha nossa*. Esse trecho é composto pelas capturas 27 e 28, já no final do vídeo, do qual selecionamos, ao todo, 30.

A imagem relativa à passagem *Se condenarem Lula e tudo que ele representa* mostra, em primeiro plano, estátua viva da Justiça, representando a Deusa romana *Justitia*, cuja venda nos olhos é relativa à tão desejada “imparcialidade”, pois, em 2019, já não se tem tanta certeza desse pré-requisito, então vejamos:

Imagem 15 - Captura de vídeo 27 - Se condenarem Lula e tudo que ele representa



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Não se quer mostrar aqui o que *Lula representa* e sim o que representa sua prisão. E sob esse aspecto faz sentido apresentar os argumentos e materialidades indiciados no vídeo, que sugerem a hipótese de conspiração de uma possível injustiça, apresentadas pelo ponto de vista daqueles que compartilham da FDSD.

5.3 A sugestão de conspiração e injustiça na FDSD

Trazemos abaixo legendas e respectivas capturas de vídeo que sugerem a conspiração e injustiça na FDSD. Tais excertos se apresentam em cinco momentos. Essa sugestão de injustiça e conspiração não se apresenta de forma direta ou agressiva, mas se manifesta aos poucos, ao longo da carta, em sequências discursivas diferentes:

SD01

1 *E se condenarem* Lula, o que temos com isso?

2 No final das contas sabem *o que querem*?

SD02

3 *Querem prender* o que o Lula representa.

SD05

16 Mas o mundo é assim, *de tempos em tempos prendem um Lula*.

17 *Às vezes, até matam*

SD06

20 E nós brasileiros *queremos prender* esse nosso cara

21 *Pra condenar* o pobre que deu certo na vida,

SD07

26 Os juízes agora serão todos os brasileiros que gritarem ou que se calarem.

27 *Se condenarem* a Lula e tudo que ele representa

28 Foi uma escolha nossa

(CANDIDATO..., 2016).

O verbo *prender* aparece três vezes, duas delas em locução verbal com *querer*, que também aparece só no excerto 2. *Condenar* aparece três vezes. *Matar* uma vez. A palavra *Juízes* aparece uma vez.

Podemos detectar nos excertos acima a afirmação, com o uso dos verbos *condenar*, *querer*, *prender* e, ainda, *matar* na 3ª pessoa do plural, o que corrobora uma indefinição de “quem seriam *eles*”, aqueles que teriam a intenção de condenar e prender Lula. De onde viria essa vontade de *querer condenar* e *querer prender*?

Na Carta, não são nomeados os possíveis algozes e, se houvesse uma identificação, haveria um deslocamento natural à FD jurídica e se tornaria uma acusação, que exige provas e traria outras implicações, de consequências judiciais, embora apareçam imagens de personalidades de mundo político que indiciam a possível autoria, oportunamente trabalhadas em outro ponto desta seção.

Com essa sugestão é criado outro ponto de tensão, um clima de desconfiança, de suspeição, uma atmosfera de conspiração.

Uma vez que já abordamos a SD01 e a SD02, passamos às capturas de vídeo da SD05, que contribuem para essa perspectiva. São três: 16, 16a e 17. A primeira, captura de vídeo 16, *mas o mundo é assim*, a palavra mundo refere-se ao aspecto geográfico, o que é confirmado pela sequência que aponta líderes mundiais. Mostra um conformismo com os processos e, até certo ponto, uma aceitação de uma situação a contra gosto.

A cor predominante, pano de fundo negro, a falta de imagens, indicia algo obscuro e, em conjunto com o excerto 16, contribue para uma “ideia de

conspiração”.

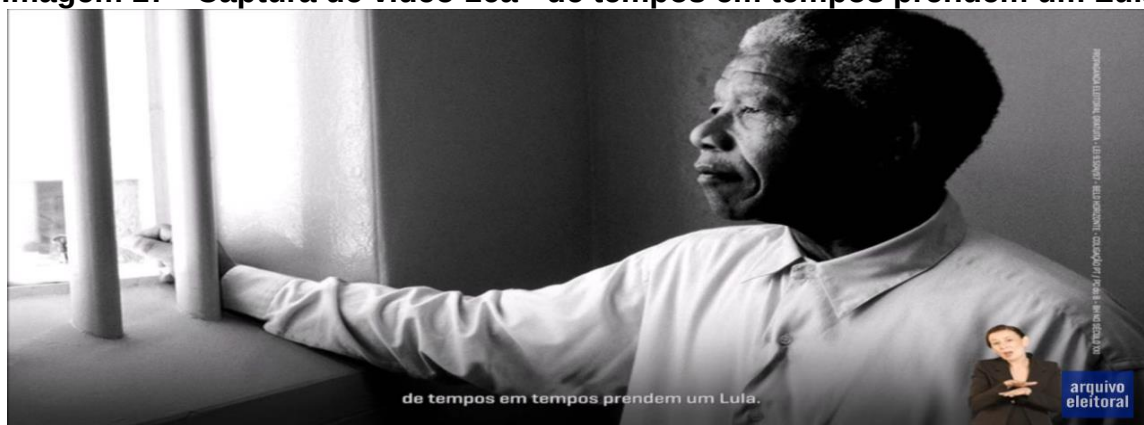
Imagem 16 - Captura de vídeo 16 - Mas o mundo é assim



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Essa ideia de conspiração ganha força na medida em que o compara a grandes líderes mundiais, dois mártires, que podemos dizer, compartilham da FIS.

Imagem 17 - Captura de vídeo 16a - de tempos em tempos prendem um Lula



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

A frase completa, então, é *Mas o mundo é assim, de tempos em tempos prendem um Lula*. A expressão *de tempos em tempos* aponta para algo cíclico: os processos, de um modo geral, são cíclicos.

O trecho diz *prendem um Lula*. Aqui Lula é comparado a Nelson Mandela ou, de forma recíproca é Mandela que é comparado a Lula, isso sugere uma sobreposição da figura de Lula à de Mandela.

Mandela e Lula têm em comum as qualidades de líderes carismáticos, determinados em sua luta pelos ideais de justiça e igualdade. Ambos são construídos como injustiçados.

Então, uma leitura de sentido possível é a de que a injustiça acontece no

mundo de maneira cíclica e, com isso, encarada com conformismo. Podemos dizer que esse conformismo estaria atravessado pelo dizer popular *faz parte*. Logo, não é novo, nem extraordinário, no mundo, que aqueles que lutaram ou lutam por uma sociedade mais justa e igualitária, compartilhando da FIS, sejam perseguidos, ou até mortos, pelo *sistema*. Aqui, entenda-se *sistema* como aqueles alinhados com a FIL, que não se importam com o preço da vida, como é sugerido na próxima imagem, onde novamente há uma remissão à memória discursiva alusiva à conspiração.

Desta vez a comparação é contra Martin Luther King, personalidade que se destaca pelo carisma, excelente oratória e poder de argumentação, na luta pelos direitos dos negros americanos e que, posteriormente, tornou-se uma luta pelos pobres. O reverendo, que recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1964, foi assassinado com um tiro, em abril de 1968, supostamente por motivos racistas, mas, “em dezembro de 1999, no entanto, um processo civil no Estado do Tennessee chegou à conclusão de que sua morte foi planejada por membros da máfia e do governo norte-americano” (DW BRASIL, 2020).

Imagem 18 - Captura de vídeo 17 - Às vezes até matam.



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

A presença da locução adverbial *às vezes* diz de uma situação que nem sempre acontece, é intermitente. Há a presença da preposição *até*, que diz de um limite, no nosso caso, chega a um extremo, que é a morte. O verbo matar, na 3ª pessoa do plural, como já dissemos, indicia uma indeterminação dos possíveis sujeitos que poderiam percorrer um caminho de muitas ações danosas contra Lula, sendo que a última delas poderia ser a morte.

Em se considerando a história nacional, a memória discursiva nos remete à famosa frase contida na carta de renúncia de Jânio Quadros, escrita em Brasília, em 25 de agosto de 1961: “[...] Forças terríveis levantam-se contra mim, e me intrigam ou infamam, até com a desculpa da colaboração” (CARTA..., 1961).

Diante das condições de produção do vídeo, em setembro de 2016, pós-*impeachment* (pós-golpe político-jurídico-midiático), e das correlações entre as figuras de Mandela e Lula e Luter King e Lula, observa-se o caminhar para um atravessamento de memórias, impactadas pelo momento da história, por outra Formação Discursiva, inscrita na FDNL, que já estava sendo propagada também no Congresso Nacional, no tocante à suspeição e culpabilidade de Lula, por envolvimento com corrupção.

Passando à SD06, constatamos que essa situação também é apontada na captura de vídeo 20, abaixo, onde se vê Jair e Eduardo Bolsonaro, na seção do Congresso do dia 27 de outubro de 2015, com bonecos de Lula com a roupa listrada de preto e branco - que graças aos personagens de desenhos animados da Disney, *Irmãos Metralha*, se tornou símbolo de presidiário - com a inscrição 13-171, referenciam o PT, cuja legenda é o número treze, e o Artigo 171 do Código Penal¹⁹, apresentam-no como bandido. Esse boneco foi chamado de “Pixuleco”, nas palavras de seu criador, o publicitário alagoano, Paulo Gusmão, que compartilha da FDNL:

[...] depois de 15 de março de 2015, quando milhões foram às ruas pedir o impeachment de Dilma. Eu disse para o Movimento Brasil de Alagoas que era importante ter algo que simbolizasse a indignação do brasileiro. Surgiu daí a ideia de criar o boneco gigante inflável, com 15 metros de altura. Alguém que fez o que o Lula fez, sendo o líder, tinha de estar preso. No começo, o boneco não tinha nome. Pensei em chamá-lo de Luleco, mas aí apareceu o “Pixuleco”, associado a propina, e tomou uma força gigantesca. Tivemos todos os cuidados.[...] O Pixuleco tem mente e inteligência por trás.[...] Ele não aparece por acaso.[...] Existe um comando, um pensamento, por trás dele, para definir onde, quando e como ele surge. (GUSMÃO, 2018).

Para além da criação e uso do Pixuleco pelos que compartilham da FDNL, estes também se voltaram contra os políticos e simpatizantes do Partido dos Trabalhadores, que receberam a alcunha de “Petalhas”, em alusão aos ladrões atrapalhados dos quadrinhos, que formavam uma quadrilha. É a contração de PT e “Metralha”. Destacamos, no artigo intitulado *Dilma, Marina e o diabo*, o jornalista Reinaldo Azevedo, que diz ter “cunhado” o termo “Petalha”, naquele momento, totalmente alinhado à FDNL.

¹⁹Artigo 171 do Código Penal Brasileiro: Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento: Pena - reclusão, de um a cinco anos, e multa, de quinhentos mil réis a dez contos de réis. (BRASIL, [2019b]).

Imagem 19 - Captura de vídeo 20 - E nós brasileiros queremos prender esse nosso cara



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Com a frase *E nós brasileiros queremos prender esse nosso cara* estabelece-se uma relação direta com a foto, pois indicia aqueles que compartilharam e contribuíram para o que, posteriormente, se configurou como um projeto de assunção ao poder. Em 30 de outubro de 2014, Jair Bolsonaro, em entrevista concedida a Marcelo de Moraes, pronuncia que seria candidato da direita à Presidência da República em 2018 e não daria sossego para Lula.

Os brasileiros que se manifestam a favor da condenação e prisão de Lula não reconhecem o termo *nosso cara* em relação a Lula; eles não se identificam com a expressão *esse nosso cara*, que é marca de inscrição na FDSD, muito antes, o são pelo contrário.

Imagem 20 - Captura de vídeo 21 - Pra condenar o pobre que deu certo na vida



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Embora a imagem da captura de vídeo 21 seja idêntica à captura de vídeo 06, o excerto tem o texto diferente. O primeiro é *O pobre que venceu na vida mais que o*

filho do rico que estudou no exterior. O segundo, *Pra condenar o pobre que deu certo na vida*. Se pensarmos as duas frases em paralelo, temos, em ambas, Lula apresentado como o *pobre*. Outra situação é que as expressões *venceu na vida* e *deu certo na vida* são análogas. Poderíamos pensar que Lula estaria sendo condenado, porque, numa visão simplista, teria se saído melhor em sua proposta de vida? Melhor do que quem, em relação a quê? Estaria a imagem repetida sugerindo ter se saído melhor do que aquele que lhe passou a faixa presidencial? Esse pensamento seria coerente com a FDSD.

Todavia, pelo olhar daqueles que compartilham da FDNL, seria uma injustiça que Lula, sendo pobre, chegue a algum lugar, tampouco um lugar de prestígio e reconhecimento público. Esse pensamento dialoga com um comentário recente do atual Ministro da Economia, da escola liberal, Paulo Guedes: “Dólar alto é bom: empregada doméstica estava indo pra Disney, uma festa danada!”. É justo que o dólar esteja alto, pois não pode ser que uma pessoa da classe trabalhadora ocupe uma posição à qual sua patroa, e não ela, a doméstica, deveria ter acesso. Nesse comentário, o Ministro, embora não use esse termo, considera a situação como justa, evidenciada por: *dólar alto é bom*. E sua justificativa, com o dólar baixo é *uma festa danada!* Qual seria a festa? *Empregada doméstica estava indo pra Disney* é excludente e discriminatória, autêntico exemplo da inscrição na FIL e, por consequência, na FDNL.

Retornando à imagem, apresenta-se novamente Lula recebendo a faixa presidencial de FHC, mas há uma mudança de enfoque, pois aqui se constrói Lula, como vítima de um objetivo: *pra condenar o pobre*. Fruto do revanchismo que as classes média e alta sentem cada vez que alguém da classe operária “vai ao paraíso”. Nesse caso, o paraíso dialoga com o possível projeto de assunção ao poder.

No exerto *os juízes agora serão todos os brasileiros que gritarem ou que se calarem*, presente na SD07, as capturas de vídeo 26, 26a e 26b, trazem o mesmo texto com 3 imagens distintas.

Em 26, vemos Lula, em primeiro plano, em meio à multidão, olhando para o alto, como que lançando um apelo à justiça divina, enquanto todos olham para ele.

Imagem 21 - Captura de vídeo 26 - Os juízes agora serão todos os brasileiros que gritarem ou que se calarem



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Se o olhar para o alto remete a um apelo ao divino, um pedido a alguém ou a alguma coisa à qual me submeto, há também olhar dos que estão à sua volta, direcionados para ele, Lula. Embora Lula, na imagem, em suposição, apareça recorrendo ao divino, a legenda do excerto 26 recorre ao humano: aos *brasileiros que gritarem ou que se calarem*. Podemos considerar que há um atravessamento pela FD da religiosidade, que poderia ser um desejo dos que compartilham da FDSD, representada no dito popular: “a voz do povo é a voz de Deus”. A partir desse procedimento discursivo, dá-se voz ao povo e se *dá voz ao povo*, seria estabelecido um alinhamento à FIS e à FDSD.

Ainda com o mesmo excerto 26 temos outra imagem, a qual denominamos captura de vídeo 26a:

Imagem 22 - Captura de vídeo 26a - Os juízes agora serão todos os brasileiros que gritarem ou que se calarem



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

A imagem da multidão em manifestação mostra um cartaz com frase ambígua: *Luto pela democracia*. Pode ser lido com o significado de lutar (verbo),

contribuindo para a construção da consequência *por isso está nas ruas*; pode, porém, ser lido com o significado de *enlutado pela possibilidade de se perder componentes da democracia que, em 2016, já não nos parecia tão sólida*.

Desde 2019, as mídias sociais têm dado visibilidade a inúmeros exemplos de como os ordenamentos jurídicos estão sendo tratados, de maneira particular, o que, de fato, sugere que injustiças estão acontecendo, e a FDSD propaga esta versão. Essa situação está sendo desvelada através de exposições na mídia de conversas, entre os agentes da justiça, pelo jornalista Glenn Greenwald do *The Intercept*, bem como por Rodrigo Janot, Jaílton de Carvalho e Guilherme Evelin (2019), em seu livro, recém-lançado, **Nada menos que tudo: bastidores da operação que colocou o sistema político em xeque**, sobre as quais não vamos entrar em detalhes, pois constituem material suficiente não para uma única Tese, mas, certamente, para muitas.

Ainda em relação ao mesmo excerto 26, há uma outra imagem:

Imagem 23 - Captura de vídeo 26b - Os juízes agora serão todos os brasileiros que gritarem ou que se calarem



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Mulheres gritando, portando cartaz #Fora Temer. Fernandes e Vinhas (2019, p.137), citando Guespin (1971, p.6), dizem conjuntamente que “o nível do discurso é aquele onde a linguística e sociedade, se articulam”. A imagem retrata o discurso das ruas no pós-*impeachment* de Dilma. Época na qual alguns segmentos da sociedade, especialmente mulheres, começamos a temer pelos rumos que o Presidente estava a conduzir o país, a começar pela forma com que teve acesso ao cargo.

Esse convite é feito pelo excerto apresentado nas três imagens, porém, na primeira imagem, há o predomínio de figuras masculinas e, no segundo e terceiro momentos, há um predomínio da figura feminina, ao passo que a posição dos

homens seria de apoio, e o posicionamento das mulheres fica caracterizado como um quadro de aspecto aguerrido.

Trazemos novamente o excerto 27, para verificarmos os indícios que sugerem injustiça:

Imagem 24 - Captura de vídeo 27 - Se condenarem Lula e tudo que ele representa



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Na captura de vídeo em questão, podemos verificar, ao fundo, as torres do Congresso Nacional. À direita, outras estátuas vivas também representando a Justiça e, no fundo à esquerda, militares aos seus postos, acompanhando o que é, aparentemente, um protesto. Temos, em primeiro plano, estátua viva representando seu papel. Como já dissemos na seção anterior, sua presença tem por objetivo dialogar (em sentido bakhtiniano) com a injustiça, que seria a prisão de *Lula e tudo que ele representa*.

Poderíamos dizer que esse trecho exemplifica, literalmente, a transição do discurso do objeto concreto ao objeto teórico, ao sintetizar, na representação da Justiça, os efeitos de sentido constituídos no e pelo processo discursivo.

Recapitemos. *Se condenarem Lula e tudo que ele representa* mostra, em primeiro plano, estátua viva da Justiça, representando a Deusa romana *Justitia*, cuja venda nos olhos é relativa à tão desejada “imparcialidade”, que deveria ser um pré-requisito *si ne qua non*. Ao fundo, as torres do Congresso Nacional; à direita, outras estátuas vivas também representando a Justiça; no fundo à esquerda, militares a postos, acompanhando o que seria um protesto.

As imagens sugerem, também, que depende de nós, brasileiros, fazermos algo, pois “a justiça é cega”. Um convite à ação, à exposição de opiniões e debates, pela democracia e de forma a não compactuarmos com essa “cegueira”.

Foi uma escolha nossa, é a conclusão apresentada em resposta à hipótese lançada na captura de imagem 27: *Se condenarem Lula e tudo que ele representa*. A captura de imagem 28 traz uma foto monocromática de Lula sendo tocado no rosto por uma criança negra sorridente. A legenda, em branco, é: “Carta Aberta ao Povo Brasileiro. Em defesa do estado democrático de direito, do Lula e do Brasil. 17/09/2016”.

Imagem 25 - Captura de vídeo 28 - foi uma escolha nossa.



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Nessa hipótese, temos outro convite à reflexão: Vamos deixar que isso realmente aconteça, ou vamos defendê-lo? Se não se fizer valer o estado democrático de Direito, é sinal de que a justiça continua cega. Há um convite ao sentir: o toque em seu rosto e seu sorriso remetem ao coração puro da criança²⁰.

A partir da captura de vídeo 28 *foi uma escolha nossa*, percebemos uma ação responsiva materializada na captura de vídeo 28a que traz uma foto de Lula com Lopes e a mesma legenda. Diz de uma escolha já feita pelo sujeito: Lula tem apoio, não está só. Com isso, Reginaldo também não estaria só se tem Lula ao seu lado, na mesma luta.

²⁰ Uma seleção de fotos de Ricardo Stukert, da relação do Presidente Lula com a população. Fotografia oficial da presidência desde o início do mandato, em 2002, identifica esta foto assim: Presidente Lula cumprimenta crianças durante cerimônia de assinatura do PAC, no município de Lauro de Freitas. Bahia, 9 de maio de 2008. (PRESIDENTE..., 2010).

Imagem 26 - Captura de vídeo 28a - foi uma escolha nossa



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Em contrapartida, Reginaldo Lopes, enquanto sujeito, ao assumir sua escolha, apresenta-se como porta voz da FDSD, clamando por justiça: evidenciada pela expressão *em defesa do estado democrático de direito*, uma vez que *democrático de direito*, na memória discursiva, pode ser alusivo a algo correto, justo.

Ao detectarmos as marcas que sugerem a conspiração e também a injustiça, vejamos agora como foi construída a imagem internacional de Lula pela ótica da FDSD.

5.4 Lula no mundo pela FDSD

Ao analisarmos como foi construída a imagem internacional de Lula, o que será feito nesta seção, verificamos que a questão do reconhecimento também se faz presente. Aqui não nos referimos a seus companheiros de sindicato e seus eleitores, mas a um reconhecimento que se estende por outros continentes, identificável, em sua maioria, nas capturas de imagens citadas abaixo, nas quais detectamos elementos materiais que fazem referência ao continente americano e também e europeu:

Sequência discursiva 03 (SD03)

7. Lula não estudou fora do país, mas todas as boas universidades do mundo estudam e estudarão Lula para sempre.
8. Lula já é história.
9. O presidente mais poderoso do mundo disse a um torneiro mecânico “você é o cara”.
10. Nos tempos de Lula o mundo olhava para o Brasil e dizia “o Brasil é a bola da vez”.

Sequência discursiva 05 (SD05)

18. E o mundo falava que Lula era esse cara
19. que estava mudando uma pequena parte do mundo.

Sequência discursiva 06 (SD06)
 22. que fez o país dos pobres, deixar de ser pobre,[...]
 (CANDIDATO..., 2016).

Na SD03, verificamos a frase completa do excerto 07: *Lula não estudou fora do país, mas todas as boas universidades do mundo estudam e estudarão Lula pra sempre*. O enunciado é construído como uma constatação em si. Aqui não estamos falando apenas de indícios de materialidade discursiva, mas da construção discursiva de um fato: *todas as boas universidades do mundo estudam e estudarão Lula pra sempre*. Veja-se, nesse cenário, que, ao se estudar História do Brasil, internacionalmente, os estudiosos desse tema podem limitar-se, apenas, a constatar, criticar ou exaltar seus feitos, não importando a abordagem ideológica, se alinhada à FIS ou à FIL. De toda a forma, o historiador, certamente, vai mencionar seus governos, porque, como nos traz o excerto 08, *Lula já é história*.

Talvez seja esse o maior reconhecimento que uma pessoa física que não se graduou poderia conquistar: ser parte do que é estudado. Esse reconhecimento veio em vida, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo, inclusive pelos que não estão diretamente envolvidos, ou afetados, pelas mudanças que ele e seu governo foram capazes de promover.

Em termos de FD, como já dito, essa demanda pelo que vem de fora, pelo atributo estrangeiro, normalmente é valor para aqueles que compartilham da FDNL. Nesse sentido, constatamos que, ao assumir essa valorização externa como seu discurso, cria-se um imbricamento, uma sobreposição da FDNL no discurso da FDSD. Isso também ocorre quanto ao reconhecimento dos títulos de Doutor *Honoris Causa* que Lula recebeu, representado, abaixo, nas capturas 07 e 07a, que são complementares entre si:

Imagem 27 - Captura de vídeo 7 - Lula não estudou fora do país, mas todas as boas universidades



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Imagem 28 - Captura de vídeo 7a - do mundo estudam e estudarão Lula para sempre



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Na captura de vídeo 7, Lula está na no Instituto de Estudos Políticos de Paris - o Sciences-po - por ocasião do recebimento do título de Doutor *Honoris Causa*, em 27 de setembro de 2011: “Esse é o 16º título *honoris causa* concedido em 140 anos de história da Sciences-po, por onde passou a nata da elite francesa, como os ex-presidentes Jacques Chirac e François Mitterrand” (BERLINCK, 2011).

Na captura de vídeo 7a, vemos Lula com Dona Marisa Letícia, na Universidade de Salamanca, em 23 de abril de 2014, na Espanha, onde também recebeu outro título de Doutor *Honoris Causa*.

Tem-se, aqui, portanto, a construção discursiva de um torneiro mecânico reconhecido como digno de honra entre universidades brasileiras e estrangeiras. Por trás dessa construção estaria o sentido de que, certamente, Lula foi tudo isso, tendo em vista tudo que ele representa e porque ele *é história*. Retomemos esse ponto a partir da imagem da captura de vídeo:

Imagem 29 - Captura de vídeo 8 - Lula já é história



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Ao analisarmos a imagem de Lula na mesma foto, aparentemente, em

posição de igualdade com outros líderes mundiais, com Barak Obama e Nikolas Sarkozy, verificamos a construção de aceitação e respeitabilidade internacional, materializada também no excerto *Lula já é história*.

Poderíamos contrapor a captura de vídeo 08 à captura de vídeo 20 – em que se vê a imagem de Bolsonaro, na Câmara dos Deputados, com um boneco de Lula como presidiário –, que indicia desrespeito de brasileiros, numa referência direta de quem ou quais grupos se aliaram a essa bandeira da condenação de Lula, dentro do discurso da FDNL. Logo, poderíamos interpretar que a FDSD indicia que *querem prender esse nosso cara*, mesmo Lula sendo *história*, e tendo características de um líder mundial.

Na imagem acima, observamos, também, que estar com os demais chefes de estado representa uma conquista, para um trabalhador que percorreu uma longa trajetória, com inúmeros obstáculos, especialmente o preconceito com relação à sua escolaridade. Tem-se, assim, a imagem de Lula como pessoa com capacidade e preparo para, ao chegar à presidência, portar-se como digno representante do povo brasileiro, quer seja em negociações comerciais ou posicionamentos políticos.

Verificaremos, a seguir, elementos que indiciam sua aceitação e respeito. Observamos a imagem abaixo, na qual Lula encontra-se em um dos maiores centros do poder mundial:

Imagem 30 - Captura de vídeo 9 - O presidente do país mais poderoso do mundo



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Na captura de vídeo 9, Lula está sendo recebido, em 14 de março de 2009, na Casa Branca, com foto de Abraham Lincoln ao fundo. Esse ex-presidente Americano, como mostra a História, foi “criado em uma família carente na fronteira oeste, [...] foi autodidata” (ABRAHAM LINCOLN, 2019). Vemos a construção de uma

imagem de semelhança entre a história de Lula e a de Lincoln. Em primeiro plano, na captura acima, ambos ocupando a posição de presidentes de seus países, aparecem de mãos estendidas, construindo-se uma imagem de cordialidade entre o primeiro mais poderoso do mundo e o 33º mais poderoso do mundo, na Lista da revista americana *Forbes*, que também é uma referência de reconhecimento internacional.

O Portal de notícias G1, no dia 29 de abril de 2010, traz a manchete *Revista 'Time' escolhe Lula como um dos líderes mais influentes do mundo*. A mesma matéria também cita:

Em 2009, foi escolhido pelo jornal britânico "Financial Times" como uma das 50 personalidades que moldaram a última década. Também foi eleito o "homem do ano 2009" pelo jornal francês 'Le Monde', na primeira vez que o veículo decide conferir a honraria a uma personalidade. No mesmo ano, o jornal espanhol 'El País' escolheu Lula o personagem do ano. Na ocasião, Zapatero redigiu o artigo de apresentação do brasileiro e disse que Lula 'surpreende' o mundo. (REVISTA..., 2010).

Quanto às FDs presentes até aqui, verificamos que a FDSD ainda permanece utilizando-se do discurso da FDNL. Esse fato pode ser observado também na sequência discursiva 03, como veremos abaixo, nas capturas 9a, 10 e 10a.

Imagem 31 - Captura de vídeo 9a - disse a um torneiro mecânico “você é o cara”



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Imagem 32 - Captura de vídeo 10 - Nos tempos de Lula o mundo olhava para o Brasil e dizia



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Imagem 33 - Captura de vídeo 10a - e dizia “o Brasil é a bola da vez”



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

Na passagem *O presidente mais poderoso do mundo disse a um torneiro mecânico “você é o cara”*, deve-se ressaltar que essa frase dita por Obama ao encontrar Lula por ocasião da reunião do G20, em Londres, no ano de 2009. Esse dado permite construir a imagem de Lula como alguém que possui atributos que o emissor da frase, presidente dos Estados Unidos, poderia desejar pra si. Indicia o sistema reconhecendo poder em Lula.

Também verificamos que as capturas de vídeo 10 e 10a, acima, dialogam entre si: *Nos tempos de Lula o mundo olhava para o Brasil e dizia “o Brasil é a bola da vez”* são complementares. E o que se diz de *ser a bola da vez*? Seria como estar na moda, estar em evidência, podendo-se concluir que o Brasil aparecia para o mundo. Apresenta-se, na captura 10, a foto de Lula com Bonovox e Dona Marisa Letícia. A presença do líder da banda U2, que é reconhecido mundialmente como filantropo e ativista político, traz remissão a um alinhamento de ideias, pela perspectiva da FDSD, no combate à fome e na luta pela paz.

Toda a SD03 indicia a apresentação de figuras de importância mundial como argumento de autoridade acerca do reconhecimento da importância de Lula.

Vejamos as capturas da SD05:

Imagem 34 - Captura de vídeo 18 - É, o mundo falava que Lula era esse cara



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

A passagem *E o mundo falava que Lula era esse cara* apresenta uma foto emblemática de Lula como líder do movimento sindical, um líder das massas. Vejamos o excerto seguinte, que complementa a frase.

Imagem 35 - Captura de vídeo 19 – que estava mudando uma pequena parte do mundo



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

No enunciado *Que estava mudando uma pequena parte do mundo*, Lula é construído como destemido, realizador, capaz de alterar um estado estabelecido, uma ordem vigente. O texto acima transcrito dialoga com a imagem da captura 19: novamente aparece a foto do cumprimento recebido de Obama, na reunião do G20, em Londres/2009, em posição de igualdade em relação aos outros líderes mundiais.

Podemos, neste ponto, sugerir a construção de uma imagem de Lula, assim como Mandela e Luther King, enquanto líder mundial cuja causa não se limitava às fronteiras do país, como *esse cara que estava mudando uma pequena parte do*

mundo, em especial no combate à fome. Essa análise pode ser exemplificada, também, pela representação da captura de vídeo abaixo:

Imagem 36 - Captura de vídeo 22 - e que fez o país dos pobres deixar de ser pobre,



Fonte: (CANDIDATO..., 2016).

O excerto *E que fez o país dos pobres deixar de ser pobre* indicia uma capacidade de transformação de uma situação em outra, *que fez [...] deixar de ser*.

Tem-se, na captura acima, a imagem de Lula discursando na ONU, o que remete a dados como aquele que recebeu dois prêmios por seu combate à fome e à pobreza, por um forte discurso contra os países ricos, a especulação e a "miopia capitalista". Esse excerto diz da natureza de sua causa: o combate à fome e à pobreza, o que também não se limita ao Brasil, mas se estende por outras partes do mundo, da necessidade de pessoas a quem, naquele momento, estava também a representar, que entendemos como um alinhamento à FIS e à FDSD.

Vejamos então em nossas considerações finais, que leituras podemos fazer a partir da análise apresentada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa tomou em consideração, em sua elaboração, história do Partido dos Trabalhadores, apresentada em sua *home page*, no âmbito da qual Luiz Inácio da Silva construiu sua trajetória de vida e luta e alcançou o patamar de Presidente do Brasil, tornando-se o Lula que conhecemos hoje. Como sabemos, isso se deu em paralelo à criação e o desenvolvimento do PT enquanto partido político. Para darmos conta da abordagem a que nos propusemos, utilizamos as teorias aqui expostas, que nortearam a nossa dissertação, para, então, adentrarmos a análise propriamente dita.

Na seção 5.1, tratamos da posição do sujeito no interior das Formações Discursivas. Na seção 5.2, tratamos da representação de Lula pela Formação Discursiva na qual se inscreve. Na seção 5.3, desenvolvemos a análise, verificando o sugestionamento de situação de injustiça ou conspiração e, na seção 5.4, encerramos a análise identificando como foi tratada a imagem de Lula no mundo pela FDSD.

Como foi possível observar na narrativa da Carta Aberta, fica evidente uma divisão temporal em três períodos, que se referem: à trajetória da vida pessoal e política de Lula, até o período em que se tornou Presidente; à época em que o PT era governo; à época pós-governos do PT, quando foi elaborado o vídeo. Obviamente, essa divisão temporal teve implicações junto ao destinatário desses enunciados, uma vez que as Formações Discursivas, Sociais e Ideológicas expõem um retrocesso: ao mesmo tempo em que o texto em análise ressalta as conquistas do povo pobre, que representavam progresso e desenvolvimento social, mostra que essas encontram-se ameaçadas no novo cenário.

Em referência à Carta ao Povo Brasileiro, de vinte e dois de junho de 2002, observamos tratar-se de um marco, um divisor de águas. Um momento de crise cujo posicionamento, à época, contribuiu para o que se tornou, posteriormente, um cenário vitorioso, uma memória discursiva que representou uma guinada na campanha rumo à possibilidade de consolidação de direitos, bem estar social com um possível Governo Lula.

Vemos, na resignificação da Carta de 2002 em relação à Carta de 2016, nessa versão acompanhada do vídeo que a ilustra, o acionamento da memória afetiva através da memória discursiva, especialmente daqueles que viveram esse

momento (2002), sobretudo a militância. Por meio desse instrumento, conclamam-se, além da militância, os demais brasileiros à ação de defesa de Lula, uma vez que, no momento da elaboração do vídeo, em setembro de 2016, constituía-se na mídia e em manifestações como as apresentadas na seção 5.3, a Formação Discursiva que pedia a prisão de Lula.

Todavia, ao mesmo tempo, Lopes, que não estava bem colocado na disputa, teve sua imagem aproximada à de Lula, o que, posteriormente à exibição do programa, pode ter contribuído para um melhor desempenho nas pesquisas de intenção de votos²¹, pois, como podemos verificar na tabela 2, apresentada abaixo, houve uma elevação do percentual, de 4% para 7,27%, de intenção de votos, embora não tenha sido número suficiente para levá-lo ao 2º turno.

Em relação às condições de produção que cercavam a elaboração do vídeo, diga-se haver um contexto histórico: há o marco zero, que é o momento da campanha eleitoral, da qual Reginaldo Lopes era o protagonista como candidato a Prefeito de Belo Horizonte e ocupava um lugar na mídia, com um tempo de exposição significativo, num momento complexo, de efervescência de ânimos, pela própria natureza do processo político-eleitoral.

Esse momento foi influenciado por agravantes: pouco mais de 6 meses antes de ser exibido o programa eleitoral em questão, em 04 de março de 2016, Lula havia sido conduzido coercitivamente a prestar um depoimento, o que foi entendido como um excesso, uma vez que, se a um cidadão comum bastaria apenas um convite, o que dizer de uma figura pública? Para o sentimento daqueles que compartilham da FDSD, esse ato poderia ser interpretado como abusivo, logo, certamente, nisso há incentivo para levantar a bandeira em defesa de Lula, temendo tempos difíceis não só para Lula, mas também para o PT.

Ainda em relação às condições de produção que antecederam a criação do vídeo em análise, em setembro de 2016, verificava-se que, para o dado momento histórico, foram veiculadas duas construções enunciativas a partir dos pontos de vista ideológicos, pois esse período foi conhecido, pelos que compartilham da FDNL, como pós-impeachment e, pelos que compartilham da FDSD, como pós-golpe político-jurídico-midiático.

²¹Vide Tabela 1 Pesquisa de 01/10/2016 e Tabela 2 - Resultado das eleições 2016 para a Prefeitura de Belo Horizonte, na qual se sustenta o resultado apontado pela pesquisa do Datafolha, que embora não tenha sido um resultado capaz de levá-lo ao 2º turno, representou um aumento em torno de 80%, uma vez que foram auferidos 7,27% dos votos válidos.

Como foi possível perceber em nossa pesquisa, a interpelação pelas ideologias se dá, ao longo do vídeo, com alternâncias, uma vez que, por vezes, a FDSD se apropria de falas da FDNL, ainda que seja para justificar suas construções favoráveis a Lula.

A análise mais detida do vídeo nos permitiu identificar, também, um imbricamento das Formações Discursivas, além de enunciados que trazem mais de um sentido e outros que pertencem, ao mesmo tempo, a FDs diferentes e são contraditórios entre si.

Foi possível observar, nesse cenário, a existência de FDs que poderiam ser classificadas como formações componentes das duas formações principais em questão, FDSD e FDNL, quer sejam: a FD da injustiça, FD de defesa, FD de inclusão e, por consequência, uma FD de exclusão.

Embora a FD da injustiça tenha, em tese, um sentido jurídico, os enunciados movimentados no âmbito da Carta em análise não possuem esse formato, não citam dispositivos legais que poderiam ser utilizados, não apresentam ações concretas, ou seja, não caminham pela via judicial, mas apelam a uma justiça popular, apelam aos brasileiros que gritarem ou que se calarem.

Há, sempre no âmbito da Carta, a mobilização de enunciados presentes em Formações Discursivas que expressam a voz dos menos favorecidos. Tal mobilização ocorre, por vezes, simultaneamente, nas presenças de FDs da exclusão e da inclusão.

A FD de inclusão é detectável no contraditório da expressão *vinha deixando de ser*, que se refere ao que antes havia sido conquistado durante os governos do PT. São registros de situações que contemplavam as necessidades dos grupos menos favorecidos, aos quais foram possibilitadas atenção, proteção, garantias e direitos, discursivamente construídos, como dos governos de Lula e Dilma, quer sejam através de um maior acesso da população pobre à educação, quer sejam nas ações em defesa da saúde e proteção da mulher e da população negra.

Encontra-se, também, presente na FD de exclusão, através da expressão *vinha deixando de ser*, um implícito de denúncia, se é que podemos nomeá-la assim, da supressão de direitos nos governos pós PT, nos quais verificam-se a pouca representatividade feminina além do tratamento hostil e pouco respeitoso com a causa, bem como às comunidades quilombolas e indígenas. Em termos de educação, verificam-se cortes de verbas, desvalorização dos profissionais,

discriminação de alunos e disciplinas das áreas de humanas, impingindo restrições aos programas de acesso à graduação e à pós-graduação.

Embora não sejam retratados no vídeo grupos migrantes nacionais ou estrangeiros, especialmente aqueles que fugiram da seca e da fome, aparecem, por duas vezes, remissões ao povo nordestino: na captura de vídeo em que Lula aparece com o chapéu de couro tradicional do boiadeiro e na captura em que aparece a mulher com a lata d'água na cabeça, puxando uma criança pela mão, na qual verificamos a presença de uma dubiedade, pois, se se quer falar que deixou de ser o país da seca e da fome, não haveria, a mulher, de estar com a lata d'água na cabeça, o que remete à falta de água e não à sua abundância.

Pesa o fato de não ser essa uma situação totalmente definitiva, como tratamos na seção 5.2, para a qual foi usada a expressão *deixou de ser*, pois a resolução da questão da fome não está ligada apenas e exclusivamente à falta d'água, assim como não há garantias de que a questão climática não venha a interferir em sua captação futura. Ainda ressaltamos que a imagem exemplifica bem o meio rural, pois, nas grandes cidades, a fome está ligada à situação da pobreza e à falta de recursos financeiros decorrentes da falta de trabalho ou de problemas na distribuição de renda, aspectos sob os quais não há controle e, sim, grande vulnerabilidade.

A causa LGBTQI+, bem como a indígena, não estão claramente assumidas ou defendidas nesse grupo de desfavorecidos, mas seus representantes poderiam se sentir contemplados e ou solidários, uma vez que os demais grupos também são “alvos”, sofrem ataques das mesmas fontes.

Podemos dizer que a construção de que tudo *que Lula representa* visa a acionar o pré-construído da representação de Lula, sobretudo como pessoa capaz de transformar sua própria vida e a realidade social de um país e ainda obter reconhecimento internacional.

Na SD05, *Mas o mundo é assim, de tempos em tempos prendem um Lula, às vezes até matam*, sugere-se que os processos no mundo são cíclicos e que, de certa forma, tendemos a voltar de onde partimos. Assim sendo, estamos vivendo, mais do que modismos vintage no estilo de vestir e na decoração, nesse segundo decênio de século, uma constatação de que essa ciclicidade também se aproxima e se manifesta na vida política, ao vermos, no cenário mundial, democracias, que se pensavam consolidadas, sofrerem revezes de autoritarismo disfarçado e, como

sempre, pois nesse caso parece que nunca muda, servindo aos interesses do capital e dos, agora, neo-liberais.

Passemos, agora, a uma menção à presença de correlações entre as figuras de Mandela e Lula e Luter King e Lula. Essa estratégia discursiva sugere uma sobreposição de memórias de fatos históricos, atravessadas pelas memórias impactadas pelo momento. Refiro-me, nesse caso, ao momento da criação do vídeo, em 2016, quando outra Formação Discursiva, inscrita na FDNL, já estava sendo propagada na mídia e no Congresso Nacional, no tocante à suspeição e culpabilidade de Lula, por envolvimento com corrupção.

Na SD07, *Os juízes agora serão todos os brasileiros que gritarem ou se calarem. Se condenarem Lula e tudo que ele representa, foi uma escolha nossa*, fica evidenciada uma falta de crença na justiça e em seus mecanismos legais. As imagens sugerem que depende dos cidadãos de um país, no caso, dos *brasileiros*, se manifestarem, pois “a justiça é cega”. A pessoa trajada como Justiça, ao se caracterizar com argila, remete aos guerreiros de terracota, pode-se inferir também que a questão da justiça é inerente à luta. Trata-se, portanto, de um convite à ação, à exposição de opiniões e aos debates, *em defesa do estado democrático de direito, do Lula e do Brasil*, de forma a não compactuar com essa “cegueira”, aqui escrita entre aspas, devido ao deslocamento proposital de sentido que construímos em relação à expressão original, uma vez que nos referimos às escolhas, não à imparcialidade.

Poderíamos também dizer que esse trecho exemplifica, literalmente, a transição do discurso trazido pelo objeto imagético, concreto, ao objeto discursivo, teórico, ao sintetizar, na representação da Justiça, os efeitos de sentido constituídos no e pelo processo discursivo, ou seja, sugere que, de fato, está cega ou parcial e, por isso, poderia se expressar de forma injusta e condenar Lula, em que pese que a venda nos olhos seja signo da “imparcialidade”.

Constatamos, na narrativa da Carta Aberta, a presença discursiva de uma luta de classes, construída na forma dialógica em que foram apresentadas. Nessa construção, observa-se o embate de alternâncias de posicionamento entre a FDSD e a FDNL, inscritas respectivamente na Formação Ideológica Socialista e na Formação Ideológica Liberal.

E, por fim, nada dissemos das características pessoais de Lula, tampouco nos aprofundamos em sua biografia, por não ser este o propósito de nossa pesquisa,

porém, apenas a título de registro, apontamos ainda que encontramos evidências de Formações Discursivas que dizem da capacidade de transformação, da persistência, do carisma e da liderança exercidos por Lula.

Como nos diz (REVUZ, 1990, p.27), “nenhuma palavra é “neutra”, mas inevitavelmente “carregada”, “ocupada”, “habitada”, “atravessada” pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada”, logo, ainda que convidados, em nome da ciência, a não sermos militantes²², ainda que queiramos evitar, exala pelos poros, pois a boca fala daquilo que está cheio o coração.

E, como nos diz Orlandi (2006, p 13-14), “para interpretar, o fazemos de nossa posição sujeito, determinados pela ideologia, nos reconhecemos nos sentidos que interpretamos. [...] O que há, são versões” - eis a nossa!

²² Porque estamos no século XXI a frase é o link que se estabelece com o nome da Coligação BH no século XXI . Além do link com o nome da coligação, o estar no século XXI remete à modernidade, que o passado, ficou pra trás e é lá que deveria permanecer. Em nossa 1ª leitura em 2016 escrevemos: “Vamos em frente, de “carta aberta”, mente aberta, de posição assumida, em defesa de Lula, não há o que temer, esses tempos já se foram”, vejam quão enganados estávamos em relação a essa possibilidade de retrocesso na vida política do nosso país.

Tabela 1- Pesquisas eleitorais ao pleito da PBH em 2016

Data	Instituto	João Leite (PSDB)	Alexandre Kalil (PHS)	Délio Malheiros (PSD)	Rodrigo Pacheco (PMDB)	Luis Tibé (PTdoB)	Eros Biondini (PROS)	Reginaldo Lopes (PT)	Sargento Rodrigues (PDT)	Marcelo Álvaro Antônio (PR)	Maria da Consolação (PSOL)	Vanessa Portugal (PSTU)	Branços e nulos	Indecisos
18 a 21/08/2016	Ibope ^[6]	21%	11%	3%	2%	6%	5%	3%	3%	2%	3%	5%	20%	16%
23 a 24/08/2016	Datafolha ^[7]	26%	14%	3%	0%	4%	6%	2%	3%	3%	2%	4%	18%	15%
25 a 29/08/2016	Instituto Paraná ^[8]	30,0%	14,8%	4,8%	1,6%	4,5%	5,1%	1,3%	3,2%	1,5%	2,0%	4,3%	15,4%	11,7%
09/09/2016	Datafolha ^[9]	30%	19%	4%	2%	3%	3%	4%	2%	2%	1%	2%	16%	11%
14/09/2016	Ibope ^[10]	33%	22%	4%	3%	5%	4%	3%	1%	2%	1%	1%	14%	7%
22/09/2016	Datafolha ^[11]	33%	21%	6%	3%	2%	2%	4%	2%	2%	1%	1%	14%	8%
26/09/2016	Ibope ^[12]	33%	25%	3%	3%	3%	4%	4%	2%	1%	2%	1%	13%	6%
27/09/2016	Datafolha ^[13]	32%	18%	6%	5%	3%	3%	4%	2%	2%	3%	1%	15%	7%
28/09/2016	Ibope ^[14]	35%	24%	3%	2%	4%	4%	4%	1%	2%	2%	1%	13%	5%
01/10/2016	Datafolha ^[15]	39%	23%	6%	8%	3%	4%	7%	3%	3%	3%	1%	0%	0%
01/10/2016	Ibope ^[16]	41%	29%	6%	6%	4%	3%	2%	2%	2%	1%	1%	13%	5%

Fonte: (ELEIÇÃO..., 2016).

Tabela 2- Resultado das eleições 2016 para a Prefeitura de Belo Horizonte

Candidato(a)	Vice	1º turno 2 de outubro de 2016		2º turno 30 de outubro de 2016	
		Total	Porcentagem	Total	Porcentagem
João Leite (PSDB)	Ronaldo Gontijo (PPS)	395.952	33,40%	557.356	47,02%
Alexandre Kalil (PHS)	Paulo Lamac (REDE)	314.845	26,56%	628.050	52,98%
Rodrigo Pacheco (PMDB)	Vanderlei Miranda (PMDB)	118.772	10,02%	Não participaram	
Reginaldo Lopes (PT)	Jô Moraes (PCdoB)	86.234	7,27%		
Délio Malheiros (PSD)	Josué Valadão (PSB)	64.606	5,45%		
Maria da Consolação (PSOL)	Pablo Lima (PCB)	48.715	4,11%		
Eros Biondini (PROS)	Wallace Brandão (PROS)	46.270	3,90%		
Luis Tibé (PTdoB)	Felipe Toto Teixeira (PSL)	38.682	3,26%		
Marcelo Álvaro Antônio (PR)	Professora Rosilene (PSDC)	32.121	2,71%		
Sargento Rodrigues (PDT)	Edson José Pereira (PTB)	34.088	2,88%		
Vanessa Portugal (PSTU)	Maria Firmina (PSTU)	5.256	0,44%		
Total de votos válidos		1.185.541	78,52%	1.185.406	79,64%
→ Votos em branco		108.745	7,20%	72.131	4,85%
→ Votos nulos		215.633	14,28%	230.951	15,52%
Total		1.509.919	78,34%	1.488.488	77,23%
Abstenções		417.537	21,66%	438.968	22,77%
Total de inscritos		1.927.460	100%	1.927.460	100%

Fonte: (ELEIÇÃO..., 2016).

REFERÊNCIAS

1968: Martin Luther King é assassinado. In Deutsche Welle [S. l.] DW, 2020. DW, 2020: Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1968-martin-luther-king-%C3%A9-assassinado/a-784010>. Acesso em: 24 out. 2019.

ABRAHAM LINCOLN. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. [S. l.]: Wikipedia, 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Abraham_Lincoln. Acesso em: 21 out. 2019.

ACIMA das expectativas, Lula encerra mandato com melhor avaliação da história Opinião Pública Datafolha - Instituto de Pesquisas, São Paulo, 20 dez. 2010. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2010/12/1211078-acima-das-expectativas-lula-encerra-mandato-com-melhor-avaliacao-da-historia.shtml>. Acesso 11 dez. 2019

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1970.

ALVIM, Mariana; MENDONÇA, Renata. Especialistas em direito veem características 'atípicas' em ordem de prisão de Moro contra Lula. **BBC News Brasil**, São Paulo 06 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43663772>. Acesso em: 24 jun. 2019.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido Tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução: Celene M. Cruz e João Wanderley Giral di. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

AZEVEDO, Reinaldo. Dilma, Marina e o diabo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 maio 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/reinaldoazevedo/2014/09/1511211-dilma-marina-e-o-diabo.shtml> Acesso em: 17 fev. 2019.

BERLINCK, Deborah. Lula recebe título Honoris Causa com festa em universidade de Paris. **Globo**, 31 out. 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/lula-recebe-titulo-honoris-causa-com-festa-em-universidade-de-paris-2747509>. Acesso em: 17 fev. 2019.

BOLSONARO, Jair. Bolsonaro: "serei o candidato da direita à Presidência em 2018". [Entrevista cedida a] Marcelo de Moraes. **Estadão**, 30 out. 2014. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/marcelo-moraes/2014/10/30/bolsonaro-serei-o-candidato-da-direita-a-presidencia-em-2018/>. Acesso em: 26 out. 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**: Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício

dos direitos sociais e individuais, [...]. Brasília, DF: Planalto, [2019a]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 2 jan. 2019.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Código Penal. Brasília, DF: Planalto, [2019b]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848.htm. Acesso em: 25 out. 2019.

CABRAL, Paulo. Nordestinos vivem clima de otimismo após Era Lula. **BBC**, 27 dez. 2010. https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/12/101227_lula_nordeste_pc. Acesso em: 9 set. 2019.

CANDIDATO a prefeito usa todo seu tempo de TV para defender Lula - BH 21/09/2016 [G]. Belo Horizonte: Reginaldo Lopes (PT) - Coligação "BH no Século XXI" (PT / PC do B), 21 de set de 2016. 1 vídeo (1:22 min). Publicado por: Arquivo Eleitoral. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bsf5g5n89Wc>. Acesso em: 15 jan. 2017.

CARTA de princípios do Partido dos Trabalhadores. In: PARTIDO DOS TRABALHADORES –PT [S. l.], 01 mai. 1979. Disponível em: <https://pt.org.br/carta-de-principios-do-partido-dos-trabalhadores/>. Acesso em 16 abr. 2020.

CARTA renúncia de Jânio Quadros. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. [S. l.]: Wikipedia, 25 ago. 1961. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Conta_Ren%C3%Bancia_de_J%C3%A2nio_Quadros. Acesso em: 1 out. 2019.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. A presença do conceito gêneros de discurso nas reflexões de Maingueneau. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 13, n. 2, p. 429-448, maio/ago. 2013.

CENEVIVA, Walter Vieira. **Presos podem dar entrevistas para veículos de imprensa?** [Entrevista cedida a] OAB- SP. São Paulo, 3 out. 2017. Disponível em: <http://www.oabsp.org.br/noticias/2017/10/presos-podem-dar-entrevistas-para-veiculos-de-imprensa-1.11986>. Acesso em: 24 jun. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. São Paulo: Contexto 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto 2006.

COSTAS, Ruth. **O legado dos 13 anos do PT no poder em seis indicadores internacionais**. São Paulo: BBC Brasil, 13 maio 2016. https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/05/160505_legado_pt_ru. Acesso em: 14 set. 2019.

DRESCH, Márcia. Ideologia: um conceito fundante na/da Análise do Discurso – considerações a partir do texto Observações para uma teoria geral das ideologias. *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, 1., 2003. Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/1SEAD/Paineis/MarciaDresch.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

ELEIÇÃO municipal de Belo Horizonte em 2016. *In*: WIKIPEDIA a enciclopédia livre. [S. l.]: Wikipédia, 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%A3o_municipal_de_Belo_Horizonte_em_2016. Acesso em: 25 ago. 2019.

ESTATUTO do Partido dos Trabalhadores. *In*: PARTIDO DOS TRABALHADORES – PT [S. l.], 2012, versão alterada em 03 jun. 2017. Disponível em: <https://pt.org.br/estatuto-pt-2012-versao-final-alterada-junho-2017/>. Acesso em 16 abr. 2020.

FERNANDES, Carolina; VINHAS, Luciana Lost. Da maquinaria ao dispositivo teórico-analítico: a problemática dos procedimentos metodológicos da Análise do Discurso. **Linguagem em (Dis)curso**, SC v.19, n.1, p. 135-151 jan./abr. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

GUSMÃO, Paulo. Criador diz que seu Pixuleco só perde validade se Lula for preso. [Entrevista cedida a] Raquel Eduardo F. Filho. **Veja**, São Paulo, 17 fev. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/criador-diz-que-seu-pixuleco-so-perde-validade-se-lula-for-presos/>. Acesso em: 6 out. 2019.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da Análise automática do discurso de Michel Pêcheux (1969). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 13-38.

INSTITUTO LULA. **[Biografia]**: a origem. São Paulo: Instituto Lula, 2019. Disponível em: <http://www.institutolula.org/biografia>. Acesso em: 2 fev. 2018.

INTENÇÃO de voto para presidente: PO813950 - 29 e 30/01/2018. **Datafolha - Instituto de Pesquisas**, São Paulo, 31 jan. 2018. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2018/01/1954686-lula-lidera-intencao-de-voto-sem-petista-bolsonaro-assume-lideranca.shtml>. Acesso em: 1 de fev. 2018.

JANOT, Rodrigo; CARVALHO, Jaílton de; EVELIN, Guilherme. **Nada menos que tudo: bastidores da operação que colocou o sistema político em xeque**. São

Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

JOÃO Leite lidera disputa em Belo Horizonte com 26%, diz Datafolha: Kalil tem 14%, Biondini, 6%, Tibé, e Vanessa Portugal, 4% cada um. Instituto ouviu 811 eleitores entre os dias 23 e 24 de agosto. **G1**, Rio de Janeiro, 26 ago. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/eleicoes/2016/noticia/2016/08/joao-leite-lidera-disputa-para-prefeitura-de-bh-com-26-diz-datafolha.html>. Acesso em: 27 maio 2019.

LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE MÍDIA E ESFERA PÚBLICA. **Manchetômetro**: valências: Lula. Rio de Janeiro: LEMEP, 2016. Disponível em: <http://www.manchetometro.com.br/>. Acesso em: 2 fev. 2018.

LULA está impedido de conceder entrevista na cadeia; Fux derrubou autorização. Belo Horizonte: BHAZ, 29 set. 2018a. Disponível em: <https://bhaz.com.br/2018/09/29/lula-impedido-entrevistas/>. Acesso em: 24 jun. 2019.

LULA lidera intenção de voto; sem petista, Bolsonaro assume liderança. **Datafolha - Instituto de Pesquisas**, São Paulo, 31 jan. 2018b. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2018/01/1954686-lula-lidera-intencao-de-voto-sem-petista-bolsonaro-assume-lideranca.shtml>. Acesso em: 2 fev. 2018.

LULA não se preocupou com os pobres e PT é quadrilha, dizem adversários... Do **UOL**, São Paulo, 14 set. 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/09/14/lula-nao-se-preocupou-com-os-pobres-e-pt-e-quadrilha-dizem-adversarios.htm>. Acesso em 2 fev. 2018.

LULA recebe prêmios da ONU e condena especulação e "miopia capitalista". **G1**, 10 maio 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1591952-5602,00-LULA+RECEBE+PREMIOS+DA+ONU+E+CONDENA+ESPECULACAO+E+MIOPIA+CAPITALISTA.html>. Acesso em: 2 fev. 2018.

LULA tem 25%, Marina 15% e Aécio 11%, aponta pesquisa Datafolha para 2018. **G1**, 12 dez. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/lula-tem-25-marina-15-e-aecio-11-aponta-pesquisa-datafolha-para-2018.ghtml>. Acesso em: 2 fev. 2019.

LULA tem 35%, Bolsonaro, 13%, e Marina, 8%, aponta pesquisa Ibope para eleição presidencial de 2018. **G1**, 30 out. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/lula-tem-35-bolsonaro-13-e-marina-8-aponta-pesquisa-ibope-para-eleicao-presidencial-de-2018.ghtml>. Acesso em: 2 fev. 2019.

MACIEL FILHO, Euro Bento. **Presos podem dar entrevistas para veículos de imprensa?** [Entrevista cedida a] OAB- SP. São Paulo, 3 out. 2017. Disponível em: <http://www.oabsp.org.br/noticias/2017/10/presos-podem-dar-entrevistas-para-veiculos-de-imprensa-1.11986>. Acesso em: 24 jun. 2019.

MAGALHÃES, José Luis Quadros de; MAGALHÃES, Maria Luiza Costa. Reflexões sobre a crise brasileira: o golpe. In: SOUZA, Robson Sávio Reis; PENZIM, Adriana

Maria Brandão; ALVES, Claudemir Francisco (org.). **Democracia em crise: o Brasil contemporâneo**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2017, p. 209. (Cadernos Temáticos do Núcleo de Estudos Sociopolíticos da PUC Minas e da Arquidiocese de Belo Horizonte Nesp, 7).

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Tradução de Sírio Possenti e Cecília P. de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar edições, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. Formações discursivas, unidades tópicas e não tópicas. In: BARONAS, Roberto L. (org.) **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky. 2. ed. Campinas: Pontes, 1993.

MALDIDIER, Denise. Gestos de leitura: da história no discurso. In: **Gestos de leitura**: da história no discurso. Revisão técnica da tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

MARQUES, José. Em BH, João Leite mantém liderança e Kalil está em segundo em disputa marcada pelo futebol. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 01 out. 2016. Eleições 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes-2016/2016/10/1818868-joao-leite-mantem-lideranca-em-belo-horizonte-com-kalil-na-segunda-posicao.shtml>. Acesso em: 27 maio 2019.

MEDEIROS, Nair Cristina Carlos de. **Processos identitários de professores indígenas Terena, Guarani e Kaiowa do Mato Grosso do Sul**. UFMS, Três Lagoas, mar. 2019.

NERY, Natuza. **Órgão da ONU condecora Lula "campeão" do combate à fome**. [S. l.]: Reuters, 10 maio 2010. Disponível em: <https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRSPE6490A720100510>. Acesso em: 2 fev. 2019.

ORLANDI, Eni. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. [Entrevista cedida a] Raquel Goulart Barreto. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 13-14, jan./dez. 2006. Disponível em: <https://www.iciet.fiocruz.br/sites/www.iciet.fiocruz.br/files/Analise%20do%20Discurso%20-%20Eni%20Orlandi.pdf>. Acesso em: 21 out. 2019.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni. **Maio de 1968**: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre. *Papel da memória*. Tradução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2007a.

PARTIDO DOS TRABALHADORES. **Nossa história**. [São Paulo]: PT, 2015. Disponível em: <https://pt.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 21 out. 2019.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Revisão técnica da tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997a.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997b.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Remontons de Foucault à Spinoza. In: MALDIDIER, Denise (Coord.). **L'Inquietude du discours**. France: Éditions des Cendres, 1990. p. 245-260.

PESQUISA de intenção de voto para presidente da república. **Datafolha, Instituto de Pesquisas**, São Paulo, 12 dez. 2016. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/01/31/62d85b7b11e52c8fccbb96bcd5ca71b9.pdf>. Acesso em: 15 de jan. 2019.

PRESIDENTE Lula cumprimenta crianças durante cerimônia de assinatura do PAC, no município de Lauro de Freitas. Bahia, 9 de maio de 2008. In: LULA e o povo: *Fotógrafo oficial da presidência desde o início do mandato*, em 2002, Ricardo Stuckert mostra uma seleção de fotos da relação do Presidente Lula com a população. [S. l.]: IG, 2010. Disponível em: <http://especiais.ig.com.br/zoom/lula-e-o-povo/>. Acesso em: 28 out. 2019.

REVISTA 'Time' escolhe Lula como um dos líderes mais influentes do mundo. **G1**, 29 abr. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/04/revista-time-escolhe-lula-como-o-lider-mais-influente-do-mundo.html>. Acesso em: 24 out. 2019.

RICUPERO, Rubens. À sombra de Charles de Gaulle: uma diplomacia carismática e intransferível: a política externa do governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010). **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 87, São Paulo, jul. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000200003. Acesso em: 2 de fev. 2018.

SARTORATO, Diego. Dilma faz balanço de retrocessos do governo golpista após dois anos de impeachment. **Brasil de Fato**, São Paulo, 17 abr. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/17/dilma-faz-balanco-de-retrocessos-do-governo-golpista-apos-dois-anos-de-impeachment/>. Acesso em: 25 out. 2019.

SENRA, Ricardo. Artista holandês acusa Fiesp de plagiar pato amarelo. **BBC**, Brasília, 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160329_pato_fiesp_fs. Acesso em: 24 out. 2019.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. Carta ao povo brasileiro: leia íntegra da carta de Lula para acalmar o mercado financeiro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 jun. 2002. Poder. <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u33908.shtml>. Acesso em: 1 out. 2019 às 13:31

SILVA, Luiz Inácio Lula da: "Quem é mais à esquerda vai ficando social-democrata, menos à esquerda". [Entrevista cedida a] Agência Estado. **Estadão**, 12 dez. 2006. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,lula-diz-que-esquerda-e-para-jovem-e-caminha-para-o-centro,20061212p60165>. Acesso em 16 abr. 2020.

SIQUEIRA, Vinícius. **Análise do discurso**: conceitos fundamentais de Michel Pêcheux. Mauá: Edição do Autor, 2017.

TELLES, Helcimara. Crise política ou crise na política? o processo de impeachment da Presidente Dilma Rousseff e seus desdobramentos (a)políticos. In: RESENDE, Paulo Edgar; ANGELO, Vitor de. (org.). **A crise política brasileira em perspectiva**. Florianópolis: Insular. 2016, v. 1.

TELLES JÚNIOR, Goffredo. Carta aos brasileiros. [S. l.]: Do Autor, [2007?]. Disponível em: http://www.goffredotellesjr.adv.br/site/pagina.php?id_pg=30#tres. Acesso em: 27 ago. 2019.

ANEXO A - A CARTA AOS BRASILEIROS

Na noite de 8 de Agosto de 1977, na plena vigência do regime de ditadura militar, leu sua “**CARTA AOS BRASILEIROS**”, no Pateo da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, diante de grande multidão de estudantes, de gente do povo, de altas personalidades e de jornalistas, em comemoração do Sesquicentenário da Fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil. Esse famoso documento se tornou marco decisivo no processo de abertura democrática no País.

Carta aos Brasileiros

Das Arcadas do Largo de São Francisco, do “Território Livre” da Academia de Direito de São Paulo, dirigimos, a todos os brasileiros esta Mensagem de Aniversário, que é a *Proclamação de Princípios* de nossas convicções políticas.

Na qualidade de herdeiros do patrimônio recebido de nossos maiores, ao ensejo do Sesquicentenário dos Cursos Jurídicos no Brasil, queremos dar o testemunho, para as gerações futuras, de que os ideais do Estado de Direito, apesar da conjuntura da hora presente, vivem e atuam, hoje como ontem, no espírito vigilante da nacionalidade.

Queremos dizer, sobretudo aos moços, que nós aqui estamos e aqui permanecemos, decididos, como sempre, a lutar pelos Direitos Humanos, contra a opressão de todas as ditaduras.

Nossa fidelidade de hoje aos princípios basilares da Democracia é a mesma que sempre existiu à sombra das Arcadas: fidelidade indefectível e operante, que escreveu as Páginas da Liberdade, na História do Brasil.

Estamos certos de que esta Carta exprime o pensamento comum de nossa imensa e poderosa Família – da Família formada, durante um século e meio, na Academia do Largo de São Francisco, na Faculdade de Direito de Olinda e Recife, e nas outras grandes Faculdades de Direito do Brasil – Família indestrutível, espalhada por todos os rincões da Pátria, e da qual já saíram, na vigência de Constituições democráticas, dezessete Presidentes da República.

1. O Legal e o Legítimo

Deixemos de lado o que não é essencial.

O que aqui diremos não tem a pretensão de constituir novidade. Para evitar interpretações errôneas, nem sequer nos vamos referir a certas conquistas sociais do mundo moderno. Deliberadamente, nada mais diremos do que aquilo que, de uma ou outra maneira, vem sendo ensinado, ano após ano, nos cursos normais das Faculdades de Direito. E não transporemos os limites do campo científico de nossa competência.

Partimos de uma distinção necessária. Distinguímos entre o *legal* e o *legítimo*.

Toda lei é legal, obviamente. Mas nem toda lei é *legítima*. Sustentamos que só é *legítima* a lei provinda de *fonte legítima*.

Das leis, a *fonte legítima primária* é a comunidade a que as leis dizem respeito; é o Povo ao qual elas interessam – comunidade e Povo em cujo seio as *idéias* das leis germinam, como produtos naturais das exigências da vida.

Os dados sociais, as contingências históricas da coletividade, as contradições entre o dever teórico e o comportamento efetivo, a média das aspirações e das repulsas populares, os anseios dominantes do Povo, tudo isto, em conjunto, é que constitui o manancial de onde brotam normas espontâneas de convivência, originais intentos de ordenação, às vezes usos e costumes, que irão inspirar a obra do legislador.

Das forças mesológicas, dos fatores reais, imperantes na comunidade, é que emerge a alma dos mandamentos que o legislador, na forja parlamentar, modela em termos de leis legítimas.

A *fonte legítima secundária* das leis é o próprio legislador, ou o conjunto dos legisladores de que

se compõem os órgãos legislativos do Estado. Mas o legislador e os órgãos legislativos somente são fontes *legítimas* das leis enquanto forem representantes autorizados da comunidade, vozes oficiais do Povo, que é a fonte primária das leis.

O único outorgante de poderes legislativos é o Povo. Somente o Povo tem competência para escolher seus representantes. Somente os Representantes do Povo são legisladores legítimos.

A escolha legítima dos legisladores só se pode fazer pelos processos fixados pelo Povo em sua Lei Magna, por ele também elaborada, e que é a Constituição.

Consideramos *ilegítimas* as leis *não nascidas* do seio da coletividade, não confeccionadas em conformidade com os processos prefixados pelos Representantes do Povo, mas *baixadas* de cima, como carga descida na ponta de um cabo.

Afirmamos, portanto, que há uma *ordem jurídica legítima* e uma *ordem jurídica ilegítima*. A *ordem imposta*, vinda de cima para baixo, é *ordem ilegítima*. Ela é ilegítima porque, antes de mais nada, ilegítima é a sua origem. Somente é legítima a ordem que *nasce*, que *tem raízes*, que *brot*a da própria vida, no seio do Povo.

Imposta, a ordem é violência. Às vezes, em certos momentos de convulsão social, apresenta-se como remédio de urgência. Mas, em regra, é medicação que não pode ser usada por tempo dilatado, porque acaba acarretando males piores do que os causados pela doença.

2. A Ordem, o Poder e a Força

Estamos convictos de que há um *senso leviano* e um *senso grave* da ordem.

O *senso leviano da ordem* é o dos que se supõem imbuídos da ciência do bem e do mal, conhecedores predestinados do que deve e do que não deve ser feito, proprietários absolutos da verdade, ditadores soberanos do comportamento humano.

O *senso grave da ordem* é o dos que abraçam os projetos resultantes do entrelaço livre das opiniões, das lutas fecundas entre idéias e tendências, nas quais nenhuma autoridade se sobrepõe às Leis e ao Direito.

Ninguém se iluda. A ordem social justa não pode ser gerada pela pretensão de governantes prepotentes. A fonte genuína da ordem não é a Força, mas o Poder.

O Poder, a que nos referimos, não é o Poder da Força, mas um Poder de persuasão.

Sustentamos que o Poder Legítimo é o que se funda naquele *senso grave da ordem*, naqueles projetos de organização social, nascidos do embate das convicções e que passam a preponderar na coletividade e a ser aceitos pela consciência comum do Povo, como os melhores.

O Governo, com o *senso grave da ordem*, é um Governo cheio de Poder. Sua legitimidade reside no prestígio popular de quase todos os seus projetos. Sua autoridade se apóia no consenso da maioria.

Nisto é que está a razão da obediência voluntária do Povo aos Governos legítimos.

Denunciamos como ilegítimo todo Governo fundado na Força. Legítimo somente o é o Governo que for órgão do Poder.

Ilegítimo é o Governo cheio de Força e vazio de Poder.

A nós nos repugna a teoria de que o Poder não é mais do que a Força. Para nossa consciência jurídica, o Poder é produto do consenso popular e a Força um mero instrumento do Governo.

Não negamos a utilidade de tal instrumento. Mas o que afirmamos é que a Força é somente útil na qualidade de *meio*, para assegurar o respeito pela ordem jurídica vigente e não para subvertê-la ou para impor reformas na Constituição.

A Força é um *meio* de que se utiliza o Governo fiel aos projetos do Povo. Desgraçadamente, também a utiliza o Governo infiel. O Governo fiel a utiliza a serviço do Poder. O Governo infiel, a serviço do arbítrio.

Reconhecemos que o Chefe do Governo é o mais alto funcionário nos quadros administrativos da Nação. Mas negamos que ele seja o mais alto Poder de um País. Acima dele, reina o Poder de uma Idéia: reina o Poder das convicções que inspiram as linhas mestras da Política nacional. Reina o *senso grave da Ordem*, que se acha definido na Constituição.

3. A Soberania da Constituição

Proclamamos a soberania da Constituição.

Sustentamos que nenhum ato legislativo pode ser tido como lei superior à Constituição.

Uma lei só é válida se a sua elaboração obedeceu aos preceitos constitucionais, que regulam o processo legislativo. Ela só é válida se, em seu mérito, suas disposições não se opõem ao pensamento da Constituição.

Aliás, uma lei inconstitucional é lei precária e efêmera, porque só é lei enquanto sua inconstitucionalidade não for declarada pelo Poder Judiciário. Ela não é propriamente lei, mas apenas uma camuflagem da lei. No conflito entre ela e a Constituição, o que cumpre, propriamente, não é fazer prevalecer a Constituição, mas é dar pela nulidade da lei inconstitucional. Embora não seja razoável considerá-la inexistente, uma vez que a lei existe como objeto do julgamento que a declara inconstitucional, ela não tem, em verdade, a dignidade de uma verdadeira lei.

Queremos consignar aqui um simples mas fundamental princípio. Da conformidade de todas as leis com o espírito e a letra da Constituição dependem a unidade e coerência do sistema jurídico nacional.

Observamos que a Constituição também é uma lei. Mas é a Lei Magna. O que, antes de tudo, a distingue nitidamente das outras leis é que sua elaboração e seu mérito não se submetem a disposições de nenhuma lei superior a ela. Aliás, não podemos admitir como legítima lei nenhuma que lhe seja superior. Entretanto, sendo lei, a Constituição há de ter, também, sua fonte legítima. Afirmamos que a fonte legítima da Constituição é o Povo.

4. O Poder Constituinte

Costuma-se dizer que a Constituição é obra do Poder. Sim, a Constituição é obra do *Poder Constituinte*. Mas o que se há de acrescentar, imediatamente, é que o Poder Constituinte pertence ao Povo, e ao Povo somente.

Ao Povo é que compete tomar a *decisão política fundamental*, que irá determinar os lineamentos da paisagem jurídica em que deseja viver.

Assim como a validade das leis depende de sua conformação com os preceitos da Constituição, a legitimidade da Constituição se avalia pela sua adequação às realidades sócio culturais da comunidade para a qual ela é feita.

Disto é que decorre a competência da própria comunidade para decidir sobre o seu regime político; sobre a estrutura de seu Governo e os campos de competência dos órgãos principais de que o Governo se compõe; sobre os processos de designação de seus governantes e legisladores.

Disto, também, é que decorre a competência do Povo para fazer a Declaração dos Direitos Humanos fundamentais, assim como para instituir os meios que os assegurem.

Em consequência, sustentamos que *somente o Povo*, por meio de seus Representantes, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte, ou por meio de uma Revolução vitoriosa, tem competência para elaborar a Constituição; que somente o Povo tem competência para substituir a Constituição vigente por outra, nos casos em que isto se faz necessário.

Sustentamos, igualmente, que só o Povo, por meio de seus Representantes no Parlamento Nacional, tem competência para emendar a Constituição.

E sustentamos, ainda, que as emendas na Constituição não se podem fazer como se fazem as alterações na legislação ordinária. Na Constituição, as emendas somente se efetuam, quando apresentadas, processadas e aprovadas em conformidade com preceitos especiais, que a própria Constituição há de enunciar, preceitos estes que têm por fim conferir à Lei Magna do Povo uma estabilidade maior do que a das outras leis.

Declaramos ilegítima a Constituição outorgada por autoridade que não seja a Assembléia Nacional Constituinte, com a única exceção daquela que é imediatamente imposta por meio de uma Revolução vitoriosa, realizada com a direta participação do Povo.

Declaramos ilegítimas as emendas na Constituição que não forem feitas pelo Parlamento, com obediência, no encaminhamento, na sua votação e promulgação, a todas as formalidades do rito, que a própria Carta Magna prefixa, em disposições expressas.

Não nos podemos furtar ao dever de advertir que o exercício do Poder Constituinte, por autoridade que não seja o Povo, configura, em qualquer Estado democrático, a prática de usurpação de poder político.

Negamos peremptoriamente a possibilidade de coexistência, num mesmo País, de duas ordens constitucionais legítimas, embora diferentes uma da outra. Se uma ordem é legítima, por ser obra da Assembléia Constituinte do Povo, nenhuma outra ordem, provinda de outra autoridade, pode ser legítima.

Se, ao Poder Executivo fosse facultado reformar a Constituição, ou submetê-la a uma legislação

discrecional, a Constituição perderia, precisamente, seu caráter constitucional e passaria a ser um farrapo de papel.

A um farrapo de papel se reduziria o documento solene, em que a Nação delimita a competência dos órgãos do Governo, para resguardar, zelosamente, de intromissões cerceadoras dos poderes públicos, o campo de atuação da liberdade humana.

5. O Estado de Direito e o Estado de Fato

Proclamamos que o Estado legítimo é o *Estado de Direito*, e que o Estado de Direito é o *Estado Constitucional*.

O Estado de Direito é o Estado que se submete ao princípio de que Governos e governantes devem obediência à Constituição.

Bem simples é este princípio, mas luminoso, porque se ergue, como barreira providencial, contra o arbítrio de vetustos e renitentes absolutismos. A ele as instituições políticas das Nações somente chegaram após um longo e acidentado percurso na História da Civilização. Sem exagero, pode dizer-se que a consagração desse princípio representa uma das mais altas conquistas da cultura, na área da Política e da Ciência do Estado.

O Estado de Direito se caracteriza por três notas essenciais, a saber: por ser *obediente ao Direito*; por ser *guardião dos Direitos*; e por ser *aberto para as conquistas da cultura jurídica*.

É *obediente ao Direito*, porque suas funções são as que a Constituição lhe atribui, e porque, ao exercê-las, o Governo não ultrapassa os limites de sua competência.

É *guardião dos Direitos*, porque o Estado de Direito é o *Estado-Meio*, organizado para servir o ser humano, ou seja, para assegurar o exercício das liberdades e dos direitos subjetivos das - pessoas.

É *aberto para as conquistas da cultura jurídica*, porque o *Estado de Direito* é uma democracia, caracterizado pelo regime de representação popular nos órgãos legislativos e, portanto, é um Estado sensível às necessidades de incorporar à legislação as normas tendentes a realizar o ideal de uma Justiça cada vez mais perfeita.

Os outros Estados, os Estados não constitucionais, são os Estados cujo Poder Executivo usurpa o Poder Constituinte. São os Estados cujos chefes tendem a se julgar onipotentes e oniscientes, e que acabam por não respeitar fronteiras para sua competência. São os Estados cujo Governo não tolera crítica e não permite contestação. São os *Estados-Fim*, com Governos obcecados por sua própria segurança, permanentemente preocupados com sua sobrevivência e continuidade. São Estados opressores, que muitas vezes se caracterizam por seus sistemas de repressão, erguidos contra as livres manifestações da cultura e contra o emprego normal dos meios de defesa dos direitos da personalidade.

Esses Estados se chamam *Estados de Fato*. Os otimistas lhes dão o nome de *Estados de Exceção*. Na verdade, são *Estados Autoritários*, que facilmente descambam para a Ditadura.

Ilegítimos, evidentemente, são tais Estados, porque seu Poder Executivo viola o princípio soberano da obediência dos Governos à Constituição e às leis.

Ilegítimos, em verdade, porque seus Governos não têm Poder, não têm o Poder Legítimo, que definimos no início desta Carta.

Destituídos de Poder Legítimo, os Estados de Fato duram enquanto puderem contar com o apoio de suas forças armadas.

Sustentamos que os Estados de Fato, ou Estados de Exceção, são sistemas subversivos, inimigos da ordem legítima, promotores da violência contra Direitos Subjetivos, porque são Estados contrários ao Estado Constitucional, que é o Estado de Direito, o Estado da Ordem Jurídica.

Nos países adiantados, em que a cultura política já organizou o Estado de Direito, a insólita implantação do Estado de Fato ou de Exceção – do Estado em que o Presidente da República volta a ser o monarca *lege solutus* constitui um violento retrocesso no caminho da cultura.

Uma vez reimplantado o Estado de Fato, a Força torna a governar, destronando o Poder. Então, bens supremos do espírito humano, somente alcançados após árdua caminhada da inteligência, em séculos de História, são simplesmente ignorados. Os valores mais altos da Justiça, os direitos mais sagrados dos homens, os processos mais elementares de defesa do que é de cada um, são vilipendiados, ridicularizados e até ignorados, como se nunca tivessem existido.

O que os Estados de Fato, Estados Policiais, Estados de Exceção, Sistemas de Força apregoam é

que há Direitos que devem ser suprimidos ou cerceados, para tornar possível a consecução dos ideais desses próprios Estados e Sistemas.

Por exemplo, em lugar dos Direitos Humanos, a que se refere a Declaração Universal das Nações Unidas, aprovada em 1948; em lugar do *habeas corpus*; em lugar do direito dos cidadãos de eleger seus governantes, esses Estados e Sistemas colocam, freqüentemente, o que chamam de *Segurança Nacional e Desenvolvimento Econômico*.

Com as tenebrosas experiências dos Estados Totalitários europeus, nos quais o lema é, e sempre foi, “Segurança e Desenvolvimento”, aprendemos uma dura lição. Aprendemos que a Ditadura é o regime, por excelência, da Segurança Nacional e do Desenvolvimento Econômico. O Nazismo, por exemplo, tinha por meta o binômio Segurança e Desenvolvimento. Nele ainda se inspira a ditadura soviética.

Aprendemos definitivamente que, *fora do Estado de Direito*, o referido binômio pode não passar de uma cilada. *Fora do Estado de Direito*, a Segurança, com seus órgãos de terror, é o caminho da tortura e do aviltamento humano; e o Desenvolvimento, com o malabarismo de seus cálculos, a preparação para o descalabro econômico, para a miséria e a ruína.

Não nos deixaremos seduzir pelo canto das sereias de quaisquer Estados de Fato, que apregoam a necessidade de Segurança e Desenvolvimento, com o objetivo de conferir legitimidade a seus atos de Força, violadores freqüentes da Ordem Constitucional.

Afirmamos que o binômio Segurança e Desenvolvimento não tem o condão de transformar uma Ditadura numa Democracia, um Estado de Fato num Estado de Direito.

Declaramos falsa a vulgar afirmação de que o Estado de Direito e a Democracia são “a sobremesa do desenvolvimento econômico”. O que temos verificado, com freqüência, é que desenvolvimentos econômicos se fazem nas mais hediondas ditaduras.

Nenhum País deve esperar por seu desenvolvimento econômico, para depois implantar o Estado de Direito. Advertimos que os Sistemas, nos Estados de Fato, ficarão permanentemente à espera de um maior desenvolvimento econômico, para nunca implantar o Estado de Direito.

Proclamamos que o Estado de Direito é sempre *primeiro*, porque primeiro estão os direitos e a segurança da pessoa humana. Nenhuma idéia de Segurança Nacional e de Desenvolvimento Econômico prepondera sobre a idéia de que o *Estado existe para servir o homem*.

Estamos convictos de que a segurança dos direitos da pessoa humana é a primeira providência para garantir o verdadeiro desenvolvimento de uma Nação.

Nós queremos segurança e desenvolvimento. Mas queremos segurança e desenvolvimento *dentro do Estado de Direito*.

Em meio da treva cultural dos Estados de Fato, a chama acesa da consciência jurídica não cessa de reconhecer que não existem, para Estado nenhum, ideais mais altos do que os da Liberdade e da Justiça.

6. A Sociedade Civil e o Governo

O que dá sentido ao desenvolvimento nacional, o que confere legitimidade às reformas sociais, o que dá autenticidade às renovações do Direito, são as livres manifestações do Povo, em seus órgãos de classe, nos diversos ambientes da vida.

Quem deve propulsionar o desenvolvimento é o Povo organizado, mas livre, porque ele é que tem competência, mais do que ninguém, para defender seus interesses e seus direitos.

Sustentamos que uma Nação desenvolvida é uma Nação que pode manifestar e fazer sentir a sua vontade. É uma Nação com organização popular, com sindicatos autônomos, com centros de debate, com partidos autênticos, com veículos de livre informação. É uma Nação em que o Povo escolhe seus dirigentes, e tem meios de introduzir sua vontade nas deliberações governamentais. É uma Nação em que se acham abertos os amplos e francos canais de comunicação entre a Sociedade Civil e o Governo.

Nos Estados de Fato, esses canais são cortados. Os Governos se encerram em Sistemas fechados, nos quais se instalam os “donos do Poder”. Esses “donos do Poder” não são, em verdade, donos do Poder Legítimo: são donos da Força. O que chamam de Poder não é o Poder oriundo do Povo.

A órbita da política não vai além da área palaciana, reduto aureolado de mistério, hermeticamente trancado para a Sociedade Civil.

Nos Estados de Fato, a Sociedade Civil é banida da vida política da Nação. Pelos chefes do Sistema, a Sociedade Civil é tratada como um confuso conglomerado de ineptos, sem discernimento e sem critério, aventureiros e aproveitadores, incapazes para a vida pública, destituídos de senso moral e de

idealismo cívico. Uma multidão de ovelhas negras, que precisa ser continuamente contida e sempre tangida pela inteligência soberana do sábio tutor da Nação.

Nesses Estados, o Poder Executivo, por meio de atos arbitrários, declara a incapacidade da Sociedade Civil, e decreta a sua interdição.

Proclamamos a ilegitimidade de todo sistema político em que fendas ou abismos se abrem entre a Sociedade Civil e o Governo.

Chamamos de *Ditadura* o regime em que o Governo está separado da Sociedade Civil. Ditadura é o regime em que a Sociedade Civil não elege seus Governantes e não participa do Governo. Ditadura é o regime em que o Governo governa sem o Povo. Ditadura é o regime em que o Poder não vem do Povo. Ditadura é o regime que castiga seus adversários e proíbe a contestação das razões em que ela se procura fundar.

Ditadura é o regime que governa para nós, mas sem nós.

Como cultores da Ciência do Direito e do Estado, nós nos recusamos, de uma vez por todas, a aceitar a falsificação dos conceitos. Para nós a Ditadura se chama Ditadura, e a Democracia se chama Democracia.

Os governantes que dão o nome de Democracia à Ditadura nunca nos enganaram e não nos enganarão. Nós saberemos que eles estarão atirando, sobre os ombros do povo, um manto de irrisão.

7. Os Valores Soberanos do Homem, Dentro do Estado de Direito

Neste preciso momento histórico, reassume extraordinária importância a verificação de um fato cósmico. Até o advento do Homem no Universo, a *evolução* era simples mudança na organização física dos seres. Com o surgimento do Homem, a *evolução* passou a ser, também, um *movimento da consciência*.

Seja-nos permitido insistir num truísmo: a *evolução do homem* é a evolução de sua consciência; e a evolução da consciência é a evolução da cultura.

A nossa tese é a de que o homem se aperfeiçoa à medida que incorpora valores morais ao seu patrimônio espiritual. Sustentamos que os Estados somente progridem, somente se aprimoram, - quando tendem a satisfazer ansiedades do coração humano, assegurando a fruição de valores espirituais, de que a importância da vida individual depende.

Sustentamos que um Estado será tanto mais evoluído quanto mais a ordem reinante consagre e garanta o direito dos cidadãos de serem regidos por uma Constituição soberana, elaborada livremente pelos Representantes do Povo, numa Assembléia Nacional Constituinte; o direito de não ver ninguém jamais submetido a disposições de atos legislativos do Poder Executivo, contrários aos preceitos e ao espírito dessa Constituição; o direito de ter um Governo em que o Poder Legislativo e o Poder Judiciário possam cumprir sua missão com independência, sem medo de represálias e castigos do Poder Executivo; o direito de ter um Poder Executivo limitado pelas normas da Constituição soberana, elaborada pela Assembléia Nacional Constituinte; o direito de escolher, em - pleitos democráticos, seus governantes e legisladores; o direito de ser eleito governante ou legislador, e o de ocupar cargos na administração pública; o direito de se fazer ouvir pelos Poderes Públicos, e de introduzir seu pensamento nas decisões do Governo; o direito à liberdade justa, que é o direito de fazer ou de não fazer o que a lei não proíbe; o direito à igualdade perante a lei que é o direito de cada um de receber o que a cada um pertence; o direito à intimidade e à inviolabilidade do domicílio; o direito à propriedade e o de conservá-la; o direito de organizar livremente sindicatos de trabalhadores, para que estes possam lutar em defesa de seus interesses; o direito à presunção de inocência, dos que não forem declarados culpados, em processo regular; o direito de imediata e ampla defesa dos que forem acusados de ter praticado ato ilícito; o direito de não ser preso, fora dos casos previstos em lei; o direito de não ser mantido preso, em regime de incomunicabilidade, fora dos casos da lei; o direito de não ser condenado a nenhuma pena que a lei não haja cominado antes do delito; o direito de nunca ser submetido à tortura, nem a tratamento desumano ou degradante; o direito de pedir a manifestação do Poder Judiciário, sempre que houver interesse legítimo de alguém; o direito irrestrito de impetrar *habeas corpus*; o direito de ter Juízes e Tribunais independentes, com prerrogativas que os tornem refratários a injunções de qualquer ordem; o direito de ter uma imprensa livre; o direito de fruir das obras de arte e cultura, sem cortes ou restrições; o direito de exprimir o pensamento, sem qualquer censura, ressalvadas as penas legalmente previstas, para os crimes de calúnia, difamação e injúria; o direito de resposta; o direito de reunião e associação.

Tais direitos são valores soberanos. São ideais que inspiram as ordenações jurídicas das nações verdadeiramente civilizadas. São princípios informadores do Estado de Direito.

Fiquemos apenas com o essencial.

O que queremos é ordem. Somos contrários a qualquer tipo de subversão. Mas a ordem que queremos é a *ordem do Estado de Direito*.

A consciência jurídica do Brasil quer uma coisa só: o *Estado de Direito*, já.

*Goffredo Telles Júnior*²³

NOTA:

Antes de sua leitura, a “**CARTA**” foi subscrita pelos seguintes “*Signatários - Lançadores*”:

José Ignácio Botelho de Mesquita, Professor Titular da Faculdade Direito da USP; Fábio Konder Comparato, Professor Titular da Faculdade Direito da USP; Modesto Carvalhosa, Professor da Faculdade Direito da USP e Presidente da Associação dos Docentes da USP; Irineu Strenger, Professor Titular da Faculdade Direito da USP; Dalmo de Abreu Dallari, Professor Titular da - Faculdade Direito da USP e Presidente da Comissão Justiça e Paz da Cúria Metropolitana de SP; Mário Simas, Vice-Presidente da Comissão Justiça e Paz; Geraldo Ataliba, Professor da Faculdade Direito da USP e da Faculdade Direito da PUC, ex-Reitor da PUC; José Afonso da Silva, Professor Titular da Faculdade Direito da USP; Miguel Reale Júnior, Professor da Faculdade de Direito da USP; Ignácio da Silva Telles, Professor da Faculdade de Direito da USP; Tércio Sampaio Ferraz, Professor da Faculdade de Direito da USP; Alcides Jorge Costa, Professor da Faculdade de Direito da USP; Gláucio Veiga, Professor da Faculdade de Direito da USP e da Faculdade Direito do Recife; Mário Sérgio Duarte Garcia, Vice-Presidente da Ordem dos Advogados de SP; Antônio Cândido de Mello e Souza, Professor Titular da USP; Paulo Duarte, Professor Catedrático da USP, aposentado; André Franco Montoro, Professor Catedrático da PUC e Senador; Flávio Flores da Cunha Birrenbach, Professor da Faculdade Direito da PUC; José Carlos Dias, Advogado, Consultor Jurídico da Comissão Justiça e Paz, da Cúria Metropolitana de SP; Aliomar Baleeiro, ex-Presidente do Supremo Tribunal Federal e Professor da Faculdade Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Hermes Lima, ex-Ministro do Supremo Tribunal Federal e Professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Heleno Fragoso, Professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro; João Batista de Arruda Sampaio, Desembargador do TJSP, aposentado; Raul da Rocha Medeiros, Desembargador do TJSP, aposentado; Odilon da Costa Manso, Desembargador do TJSP, aposentado; Darcy de Arruda Miranda, Desembargador TJSP, aposentado; Hélio Bicudo, Procurador da Justiça de SP; Dom Cândido Padim, Bispo de Bauru, Bacharel pela Faculdade de Direito da USP; Sérgio Bermudes, Conselheiro Federal da Ordem dos Advogados; Tércio Lins e Silva, Conselheiro da Ordem dos Advogados do Rio; Cid Riedel, Conselheiro da Ordem dos Advogados do Distrito Federal; Ruy Homem de Mello Lacerda, ex-Presidente da Associação de dos Advogados de SP e Conselheiro; Walter Ceneviva, Vice-Presidente da Associação de Advogados; Sérgio Marques da Cruz, Conselheiro e ex-Presidente da Associação dos Advogados; Luciano de Carvalho, Secretário da Educação e Fazenda, do Governo Carvalho Pinto; João Nascimento Franco, Conselheiro do Instituto do Advogado e Ordem Advogado; Domingos Marmo, ex-Conselheiro da Ordem dos Advogados; Walter Laudísio, Conselheiro da Associação dos Advogados; Homero Alves de Sá, Conselheiro da Associação dos Advogados; Salim Arida, Conselheiro da Associação dos Advogados; José Carlos da Silva Arouca, Conselheiro da Associação dos Advogados; Joaquim Pacheco Cyrillo, Conselheiro da Associação dos Advogados; Rubens Ignácio de Souza Rodrigues, Conselheiro da Associação dos Advogados; Jayme Cueva, Conselheiro da Associação dos Advogados; Maria Luiza Flores da Cunha Birrenbach, Procuradora do Município de SP; José Gregori, Advogado e Professor da PUC; Lauro Malheiros Filho, Advogado; Aldo Lins e Silva, Advogado; José Roberto Leal de Carvalho, Advogado; Cantídio Salvador Filardi, ex-Conselheiro da Ordem dos Advogados; Antônio Carlos Malheiros, Advogado; Luiz Eduardo Greenhalgh, Advogado; Márcia Ramos de Souza, Advogado; Arnaldo Malheiros, Advogado; Dione - Prado Stamato, Procuradora do Estado de SP; Erasmo Valladão Azevedo e Novaes França, Advogado; Pedro Garaude Júnior, Advogado; Alberto Pinto Horta Júnior, Advogado; Manoel Ferraz Whitaker Salles, Advogado; Maria Eugênia Raposo da Silva Telles, Advogada; Edmur de Andrade Nunes Pereira Neto, Advogado; Márcia L. B. Jaime, Advogado; Areobaldo Espínola de Oliveira Lima Filho, Advogado; Alexandre Thiollier Filho, Advogado; Jayme A. da Silva Telles, Advogado; Clóvis de Gouvêa Franco, Advogado; Agripino Doria, Advogado; Edgard de Novaes França Neto, Advogado; Edgard de Novaes França Filho, Advogado; José V. Bernardes, Advogado; Luiz Baptista Pereira de Almeida Filho, Advogado; Luiz Baptista Pereira de Almeida, Advogado; Marcelo Duarte de Oliveira, sacerdote e bacharel, Advogado; Celso Cintra Mori, Advogado; Clarita Carameli, Advogado; Paulo

²³ Goffredo da Silva Telles Junior Lutador incansável pelo Estado de Direito, pelos Direitos Humanos e pelas Liberdades Democráticas.

Pereira, Advogado; José Melado Moreno, Advogado; Maria Ferreira Lara, Advogada; Pedro Luiz Aguirre Menin, Advogado; José Nuzzi Neto, Advogado; João Henrique de Almeida Santos, Advogado; Carlos Alberto Queiroz, Advogado; Jayme Queiroz Lopes Filho, Advogado; Paulo R. C. Lara, Advogado; Walter Arruda Júnior, Advogado; Joaquim Renato Correia Freire, Advogado; Darcy Paulilo dos Passos, Advogado; Sílvio Roberto Correia, Advogado; Francisco Mencucci, Advogado; Antônio Costa Correia, Advogado; Francisco Otávio de Almeida Prado, Advogado; Marco Antônio Rodrigues Nahun, Advogado; Léo Duarte de Oliveira, Advogado. (TELLES JÚNIOR, 2007).

ANEXO B - LEIA ÍNTEGRA DA CARTA DE LULA PARA ACALMAR O MERCADO FINANCEIRO

24/06/2002 - 16h27

Leia íntegra da carta de Lula para acalmar o mercado financeiro

da Folha Online

O candidato à Presidência da República pelo PT, Luiz Inácio Lula da Silva, leu no sábado passado (22), durante encontro sobre o programa de governo do partido, uma carta na qual culpa a política econômica do governo federal pela crise financeira.

Lula se disse disposto a discutir com o presidente Fernando Henrique Cardoso uma agenda de resposta à crise.

Abaixo, a íntegra da carta:

"Carta ao povo brasileiro

O Brasil quer mudar. Mudar para crescer, incluir, pacificar. Mudar para conquistar o desenvolvimento econômico que hoje não temos e a justiça social que tanto almejamos. Há em nosso país uma poderosa vontade popular de encerrar o atual ciclo econômico e político.

Se em algum momento, ao longo dos anos 90, o atual modelo conseguiu despertar esperanças de progresso econômico e social, hoje a decepção com os seus resultados é enorme. Oito anos depois, o povo brasileiro faz o balanço e verifica que as promessas fundamentais foram descumpridas e as esperanças frustradas.

Nosso povo constata com pesar e indignação que a economia não cresceu e está muito mais vulnerável, a soberania do país ficou em grande parte comprometida, a corrupção continua alta e, principalmente, a crise social e a insegurança tornaram-se assustadoras.

O sentimento predominante em todas as classes e em todas as regiões é o de que o atual modelo esgotou-se. Por isso, o país não pode insistir nesse caminho, sob pena de ficar numa estagnação crônica ou até mesmo de sofrer, mais cedo ou mais tarde, um colapso econômico, social e moral.

O mais importante, no entanto, é que essa percepção aguda do fracasso do atual modelo não está conduzindo ao desânimo, ao negativismo, nem ao protesto destrutivo.

Ao contrário: apesar de todo o sofrimento injusto e desnecessário que é obrigada a suportar, a população está esperançosa, acredita nas possibilidades do país, mostra-se disposta a apoiar e a sustentar um projeto nacional alternativo, que faça o Brasil voltar a crescer, a gerar empregos, a reduzir a criminalidade, a resgatar nossa presença soberana e respeitada no mundo.

A sociedade está convencida de que o Brasil continua vulnerável e de que a verdadeira estabilidade precisa ser construída por meio de corajosas e cuidadosas mudanças que os responsáveis pelo atual modelo não querem absolutamente fazer.

A nítida preferência popular pelos candidatos de oposição que têm esse conteúdo de superação do impasse histórico nacional em que caímos, de correção dos rumos do país.

A crescente adesão à nossa candidatura assume cada vez mais o caráter de um movimento em defesa do Brasil, de nossos direitos e anseios fundamentais enquanto nação independente.

Lideranças populares, intelectuais, artistas e religiosos dos mais variados matizes ideológicos declaram espontaneamente seu apoio a um projeto de mudança do Brasil.

Prefeitos e parlamentares de partidos não coligados com o PT anunciam seu apoio. Parcelas significativas do empresariado vêm somar-se ao nosso projeto. Trata-se de uma vasta coalizão, em muitos aspectos suprapartidária, que busca abrir novos horizontes para o país.

O povo brasileiro quer mudar para valer. Recusa qualquer forma de continuísmo, seja ele assumido ou mascarado. Quer trilhar o caminho da redução de nossa vulnerabilidade externa pelo esforço conjugado de exportar mais e de criar um amplo mercado interno de consumo de massas.

Quer abrir o caminho de combinar o incremento da atividade econômica com políticas sociais consistentes e criativas. O caminho das reformas estruturais que de fato democratizem e modernizem o país, tornando-o mais justo, eficiente e, ao mesmo tempo, mais competitivo no mercado internacional.

O caminho da reforma tributária, que desonere a produção. Da reforma agrária que assegure a paz no campo. Da redução de nossas carências energéticas e de nosso déficit habitacional. Da reforma previdenciária, da reforma trabalhista e de programas prioritários contra a fome e a insegurança pública.

O PT e seus parceiros têm plena consciência de que a superação do atual modelo, reclamada enfaticamente pela sociedade, não se fará num passe de mágica, de um dia para o outro. Não há milagres na vida de um povo e de um país.

Será necessária uma lúcida e criteriosa transição entre o que temos hoje e aquilo que a sociedade reivindica. O que se desfez ou se deixou de fazer em oito anos não será compensado em oito dias.

O novo modelo não poderá ser produto de decisões unilaterais do governo, tal como ocorre hoje, nem será implementado por decreto, de modo voluntarista. Será fruto de uma ampla negociação nacional, que deve conduzir a uma autêntica aliança pelo país, a um novo contrato social, capaz de assegurar o crescimento com estabilidade.

Premissa dessa transição será naturalmente o respeito aos contratos e obrigações do país. As recentes turbulências do mercado financeiro devem ser compreendidas nesse contexto de fragilidade do atual modelo e de clamor popular pela sua superação.

À parte manobras puramente especulativas, que sem dúvida existem, o que há é uma forte preocupação do mercado financeiro com o mau desempenho da economia e com sua fragilidade atual, gerando temores relativos à capacidade de o país administrar sua dívida interna e externa. É o enorme endividamento público acumulado no governo Fernando Henrique Cardoso que preocupa os investidores.

Trata-se de uma crise de confiança na situação econômica do país, cuja responsabilidade primeira é do atual governo. Por mais que o governo insista, o nervosismo dos mercados e a especulação dos últimos dias não nascem das eleições.

Nascem, sim, das graves vulnerabilidades estruturais da economia apresentadas pelo governo, de modo totalitário, como o único caminho possível para o Brasil. Na verdade, há diversos países estáveis e competitivos no mundo que adotaram outras alternativas.

Não importa a quem a crise beneficia ou prejudica eleitoralmente, pois ela prejudica o Brasil. O que importa é que ela precisa ser evitada, pois causará sofrimento irreparável para a maioria da população. Para evitá-la, é preciso compreender que a margem de manobra da política econômica no curto prazo é pequena.

O Banco Central acumulou um conjunto de equívocos que trouxeram perdas às aplicações financeiras de inúmeras famílias. Investidores não especulativos, que precisam de horizontes claros, ficaram intranquilos. E os especuladores saíram à luz do dia, para pescar em águas turvas.

Que segurança o governo tem oferecido à sociedade brasileira? Tentou aproveitar-se da crise para ganhar alguns votos e, mais uma vez, desqualificar as oposições, num momento em que é necessário tranquilidade e compromisso com o Brasil.

Como todos os brasileiros, quero a verdade completa. Acredito que o atual governo colocou o país novamente em um impasse. Lembrem-se todos: em 1998, o governo, para não admitir o fracasso do seu populismo cambial, escondeu uma informação decisiva. A de que o real estava artificialmente valorizado e de que o país estava sujeito a um ataque especulativo de proporções inéditas.

Estamos de novo atravessando um cenário semelhante. Substituímos o populismo cambial pela vulnerabilidade da âncora fiscal. O caminho para superar a fragilidade das finanças públicas é aumentar e melhorar a qualidade das exportações e promover uma substituição competitiva de importações no curto prazo.

Aqui ganha toda a sua dimensão de uma política dirigida a valorizar o agronegócio e a agricultura familiar. A reforma tributária, a política alfandegária, os investimentos em infra-estrutura e as fontes de financiamento públicas devem ser canalizadas com absoluta prioridade para gerar divisas.

Nossa política externa deve ser reorientada para esse imenso desafio de promover nossos interesses comerciais e remover graves obstáculos impostos pelos países mais ricos às nações em desenvolvimento.

Estamos conscientes da gravidade da crise econômica. Para resolvê-la, o PT está disposto a dialogar com todos os segmentos da sociedade e com o próprio governo, de modo a evitar que a crise se agrave e traga mais aflição ao povo brasileiro.

Superando a nossa vulnerabilidade externa, poderemos reduzir de forma sustentada a taxa de juros. Poderemos recuperar a capacidade de investimento público tão importante para alavancar o crescimento econômico.

Esse é o melhor caminho para que os contratos sejam honrados e o país recupere a liberdade de sua política econômica orientada para o desenvolvimento sustentável.

Ninguém precisa me ensinar a importância do controle da inflação. Iniciei minha vida sindical indignado com o processo de corrosão do poder de comprar dos salários dos trabalhadores.

Quero agora reafirmar esse compromisso histórico com o combate à inflação, mas acompanhado do crescimento, da geração de empregos e da distribuição de renda, construindo um Brasil mais solidário e fraterno, um Brasil de todos.

A volta do crescimento é o único remédio para impedir que se perpetue um círculo vicioso entre metas de inflação baixas, juro alto, oscilação cambial brusca e aumento da dívida pública.

O atual governo estabeleceu um equilíbrio fiscal precário no país, criando dificuldades para a retomada do crescimento. Com a política de sobrevalorização artificial de nossa moeda no primeiro mandato e com a ausência de políticas industriais de estímulo à capacidade produtiva, o governo não trabalhou como podia para aumentar a competitividade da economia.

Exemplo maior foi o fracasso na construção e aprovação de uma reforma tributária que banisse o caráter regressivo e cumulativo dos impostos, fardo insuportável para o setor produtivo e para a exportação brasileira.

A questão de fundo é que, para nós, o equilíbrio fiscal não é um fim, mas um meio. Queremos equilíbrio fiscal para crescer e não apenas para prestar contas aos nossos credores.

Vamos preservar o superávit primário o quanto for necessário para impedir que a dívida interna aumente e destrua a confiança na capacidade do governo de honrar os seus compromissos.

Mas é preciso insistir: só a volta do crescimento pode levar o país a contar com um equilíbrio fiscal consistente e duradouro. A estabilidade, o controle das contas públicas e da inflação são hoje um patrimônio de todos os brasileiros. Não são um bem exclusivo do atual governo, pois foram obtidos com uma grande carga de sacrifícios, especialmente dos mais necessitados.

O desenvolvimento de nosso imenso mercado pode revitalizar e impulsionar o conjunto da economia, ampliando de forma decisiva o espaço da pequena e da microempresa, oferecendo ainda bases sólidas par ampliar as exportações.

Para esse fim, é fundamental a criação de uma Secretaria Extraordinária de Comércio Exterior, diretamente vinculada à Presidência da República.

Há outro caminho possível. É o caminho do crescimento econômico com estabilidade e responsabilidade social. As mudanças que forem necessárias serão feitas democraticamente, dentro dos marcos institucionais.

Vamos ordenar as contas públicas e mantê-las sob controle. Mas, acima de tudo, vamos fazer um compromisso pela produção, pelo emprego e por justiça social.

O que nos move é a certeza de que o Brasil é bem maior que todas as crises. O país não suporta mais conviver com a idéia de uma terceira década perdidas.

O Brasil precisa navegar no mar aberto do desenvolvimento econômico e social. É com essa convicção que chamo todos os que querem o bem do Brasil a se unirem em torno de um programa de mudanças corajosas e responsáveis. (SILVA, 2002).

Luiz Inácio Lula da Silva

São Paulo, 22 de junho de 2002"

ANEXO C - LEGENDA DO VÍDEO

E se condenarem Lula, o que temos com isso?

No final das contas sabem o que querem?

Querem prender o que o Lula representa.

Lula representa o pobre que virou patrão.

O pobre que deixou de ser pobre.

O pobre que venceu na vida mais que o filho do rico que estudou no exterior.

Lula não estudou fora do país, mas todas as boas universidades do mundo estudam e estudarão Lula para sempre.

Lula já é história.

O presidente mais poderoso do mundo disse a um torneiro mecânico “você é o cara”.

Nos tempos de Lula o mundo olhava para o Brasil e dizia “o Brasil é a bola da vez”.

Lula representa o país pobre que vinha deixando de ser pobre,

que vinha deixando de ser analfabeto,

que vinha deixando de ser racista,

que vinha deixando de ser machista,

que deixou de ser o país da seca e da fome.

Mas o mundo é assim, de tempos em tempos prendem um Lula.

Às vezes até matam.

E o mundo falava que Lula era esse cara

que estava mudando uma pequena parte do mundo.

E nós brasileiros queremos prender esse nosso cara.

Pra condenar o pobre que deu certo na vida,

que fez o país dos pobres, deixar de ser pobre,

usaremos os mantras da hipocrisia,

dois patos se necessário.

Façamos nossas escolhas.

Os juízes agora serão todos os brasileiros que gritarem ou que se calarem.

Se condenarem a Lula e tudo que ele representa,

foi uma escolha nossa.

Prefeito Reginaldo Lopes. Vice Jô Moraes -13

Porque estamos no século XXI

ANEXO D - LEGENDA DO VÍDEO COM A DESCRIÇÃO DAS FOTOS APRESENTADAS

Sequência discursiva 01 (SD01)

1. E se condenarem Lula, o que temos com isso?
[imagem de fundo preto com texto em branco]
2. No final das contas sabem o que querem?
[imagem monocromática de Lula discursando, de microfone na mão. Chove, está bem agasalhado]
3. Querem prender o que o Lula representa.
[idem acima]

Sequência discursiva 02 (SD02)

4. Lula representa o pobre que virou patrão.
[foto de Lula e uma das irmãs, ainda crianças]
5. O pobre que deixou de ser pobre.
[Lula subindo a rampa do Palácio do Planalto no dia da posse]
6. O pobre que venceu na vida mais que o filho do rico que estudou no exterior.
[Lula sendo recebido por Kofi Annan Secretário Geral da ONU]

Sequência discursiva 03 (SD03)

7. Lula não estudou fora do país, mas todas as boas universidades do mundo estudam e estudarão Lula para sempre.
[Lula recebendo a faixa presidencial de FHC e sendo recebido na Universidade de Paris e Coimbra concedido o título de Doutor Honoris Causa]
8. Lula já é história.
[Lula ao lado de Obama e Sarkozy; sendo recebido na Casa Branca]
9. O presidente mais poderoso do mundo disse a um torneiro mecânico “você é o cara”.
[Lula sendo cumprimentado por Obama. - Reunião do G20 em Londres/2009]
10. Nos tempos de Lula o mundo olhava para o Brasil e dizia “o Brasil é a bola da vez”.
[Lula com Bonovox e Dona Marisa Letícia]

Sequência discursiva 04 (SD04)

11. Lula representa o país pobre que vinha deixando de ser pobre,
[Lula com o olhar para o alto]

12. que vinha deixando de ser analfabeto,
[imagem de menina, aparentemente na escola]

13. que vinha deixando de ser racista,
[imagem de mulheres negras aparentemente em assembleia]

14. que vinha deixando de ser machista,
[imagem de mulheres em passeata por seus direitos]

15. que deixou de ser o país da seca e da fome.
[imagem de mulher levando uma criança pela mão, lata d'água na cabeça]

Sequência discursiva 05 (SD05)

16. Mas o mundo é assim, de tempos em tempos prendem um Lula.
[foto monocromática de Nelson Mandela]

17. Às vezes até matam.
[foto monocromática de Martin Luther King]

18. E o mundo falava que Lula era esse cara
[foto monocromática de Lula à frente do movimento sindical]

19. que estava mudando uma pequena parte do mundo.
[Lula cumprimentado por Obama - reunião do G20 em Londres/2009]

Sequência discursiva 06 (SD06)

20. E nós brasileiros queremos prender esse nosso cara.
[Bolsonaro na Câmara dos Deputados com um boneco de Lula como presidiário]

21. Pra condenar o pobre que deu certo na vida,
[Lula recebendo a faixa presidencial de FHC]

22. que fez o país dos pobres, deixar de ser pobre,
[Lula discursando na ONU]

23. usaremos os mantras da hipocrisia,
[Janaína Paschoal discursando a favor do *impeachment* de Dilma Rousseff]

24. dois patos se necessário.
[imagem de 2 pedalinhas num lago]

Sequência discursiva 07 (SD07)

25. Façamos nossas escolhas.
[imagem do pato amarelo em frente à FIESP na Av. Paulista]

26. Os juízes agora serão todos os brasileiros que gritarem ou que se calarem.
[três imagens: Lula em meio à multidão olhando para o alto; foto monocromática de uma passeata com um cartaz com os dizeres: luto pela democracia; outra foto policromática de manifestação com cartaz: Fora Temer]

27. Se condenarem a Lula e tudo que ele representa,
[duas imagens: mulher como estátua viva de argila, com venda branca de tecido nos olhos simbolizando a justiça;

28. foi uma escolha nossa.
[Imagem monocromática de Lula sendo tocado no rosto por uma criança negra sorridente e inscrição em branco: “Carta Aberta ao Povo Brasileiro. Em defesa do estado democrático de direito, do Lula e do Brasil. 17/09/2016.”]

29. foi uma escolha nossa.
[Lula com Reginaldo Lopes]

30. Prefeito Reginaldo Lopes. Vice Jô Moraes -13
[idem acima, com a inscrição: Prefeito Reginaldo Lopes. Vice Jô Moraes -13]

31. Porque estamos no século XXI.
[Idem acima (28), com a inscrição: Porque estamos no século XXI]